

EPAL tenta detectar a "fonte"

Lisboa bebe água com sabor a óleo

Pág. 8

CNARPE na recta final

Ano Novo com novo partido

A estrutura do partido que emergirá da ex-CNARPE ficará concluída em Dezembro, numa reunião marcada este fim-de-semana para Setúbal. Tudo aponta para que o novo partido seja formalmente constituído em Janeiro, num encontro que deverá ser marcado antes do Natal.

Pág. 4



Componentes da mesa da reunião de Espinho: da esquerda para a direita eng. Aníbal Campos (Aveiro), eng. Hermínio Martinho (Santarém), desembargador Rui Azevedo Guimarães (Porto), eng. Ramos de Carvalho (Coimbra) e eng. Dias de Carvalho (Aveiro).

Medina Carreira no seminário da CGTP

Impostos brutais

«Num País de 10 milhões de habitantes, com rendimento 'per capita' de 2600 dólares, em tempo de paz, uma carga fiscal de 33 por cento sobre os rendimentos do trabalho é brutalidade» — disse o dr. Medina Carreira, antigo ministro das Finanças, aos participantes no Seminário sobre Política Fiscal, realizado neste fim-de-semana na Faculdade de Direito de Lisboa. O Seminário foi organizado pela CGTP e contou com o contributo de muitos técnicos e especialistas desalinados daquela central sindical, que

falaram a uns 300 sindicalistas e activistas sindicais. A afirmação de Medina Carreira, ouvida durante o debate que se seguiu à apresentação de um exaustivo relatório sobre a matéria, intetiza, aliás, o tom das comunicações apresentadas que provam, no seu conjunto, que a carga fiscal é em Portugal injustamente distribuída, com os trabalhadores por conta de outrem a sofrerem-lhe as principais consequências. Os impostos contribuem, aliás em mais de um terço para a perda do poder de compra dos trabalha-

dores: o resto leva-o a inflação e o desequilíbrio crescente, em prejuízo dos trabalhadores, no jogo de salários e preços assumido pela generalidade dos Governos posteriores a 1975. O "Diário de Lisboa" conta apresentar durante esta semana um desenvolvido «dossier» sobre os impostos, com particular incidência nas consequências que a fraude e a evasão fiscais têm provocado na inversão da carga fiscal para cima daqueles que menos podem, os assalariados de baixos rendimentos mensais.



Medina Carreira na Faculdade de Direito



Funeral esta tarde

Reacções em todo o País à morte de Ruy Luís Gomes

O prof. Ruy Luís Gomes vai esta tarde a enterrar, saindo o funeral, pelas 15.30, da Faculdade de Ciências do Porto para o cemitério do Prado do Repouso. Desta forma a Universidade de que o prestigiado professor era reitor vitalício, fez questão em prestar-lhe a homenagem derradeira. A morte do antigo candidato à Presidência da República e grande lutador pela liberdade contra o fascismo foi vivamente sentida em todo o País. Desde o Presidente Eanes (que juntamente com a mulher enviou um significativo telegrama manifestando o seu pesar à família) e ao Primeiro-Ministro (em seu nome e do Governo) até ao trabalhador e ao estudante anónimo, passando por importantes individualidades da vida política, académica e sindical, inúmeros foram os que sentiram profundamente a perda que significa o desaparecimento do indomito resistente antifascista, do consagrado catedrático e cientista, do exemplar cidadão.

Pág. 20

Amanhã no "DL": "Passageiros do Vento", uma nova BD

Se os jovens pudessem...



Isabel Grade, 17 anos, estudante

“Postos de trabalho são a chave de tudo”

- Em que ano está?
- No 10.º ano.
- Que curso quer seguir?
- Estou em Contabilidade e Administração. Meti-me nisto e não é bem o que queria. Mas como o ano passado optei por estas disciplinas, agora tenho de seguir. Preferia ir para Economia e ainda mais para Jornalismo.
- O que pensa de se ter de optar tão cedo por um curso?
- Na minha idade uma pessoa já sabe o que quer ser mais tarde.
- Mas o ano passado teve uma opção e agora tem outra.
- Pois é.
- Porque gostaria de ir para Jornalismo?
- Porque gosto imenso de escrever e acho que deve ser uma profissão interessante. Os jornalistas devem chamar a atenção das pessoas para aquilo que acham que está mal para tentar construir um mundo melhor do que este.
- Pensa que realmente o fazem?
- Em princípio acho que sim.
- Lê jornais?
- Não muito. Só quando alguém tem lá em casa.
- Então não é hábito estar informada?
- Vejo o Telejornal.
- Das últimas notícias nacionais, qual a que lhe despertou mais a atenção?
- Talvez a entrada de Portugal para a CEE, que é geralmente a que preocupa mais toda a gente.
- E como vê a nossa entrada para a CEE?
- Não sei. Não percebo muito bem isso. Se for bom para o povo, se ajudar o nosso país a melhorar, acho bem. Não estou muito preocupada com isso.
- Como está este País?
- Vai de mal a pior.
- Quais são os problemas que mais a preocupam?
- É fácil as pessoas estarem sempre a criticar o Governo, mas eles estão lá e podem estar a tentar fazer o melhor possível. Talvez fosse melhor se criassem mais postos de emprego, que tenho a impressão é a chave de tudo.
- Como vê a mentalidade portuguesa?
- O povo tem uma mentalidade bastante atrasada, mas não é geral.
- O que pensa do nosso nível cultural?
- Não vejo um dos assuntos que as pessoas encarecidas disso deveriam tentar inculcar na juventude. Há muitos jovens que gostariam de ir, por exemplo, a uma exposição, mas não são motivados para isso.
- Qual a sua opinião sobre o teatro, o cinema nacional?
- Praticamente não vejo, tenho bastantes dificuldades económicas. O ano passado passaram um filme português na escola e era uma palhaçada completa, não tinha péis nem cabeça. Mas também já me aconteceu ver filmes estrangeiros assim.

tem a palavra o leitor

Medicina natural em questão

Para quem assistiu na noite da passada sexta-feira dia 19 de Outubro ao programa JÁ AGORA na TV, ouviu a posição da Ordem dos Médicos sobre Medicina Natural e seus vários métodos de diagnóstico e tratamento. Porque não concordei com parte do que lá se disse, e porque penso que as pessoas devem ser esclarecidas vou dar a minha opinião. A Medicina Natural, que engloba a Naturopatia, Medicina Botânica ou Herbolgia, Dietética, Massagens, Medicinas Orientais (acupunctura, digitopunctura, etc.) não pretende pura e simplesmente substituir a Medicina Convencional ou Alopática, esta última tem as suas virtudes e tem os seus campos específicos de actuação onde nenhum naturopata honesto quer fazer qualquer ingerência, e estou em especial a referir a Cirurgia, a Medicina de Urgência de ajuda a acidentados, etc. A Medicina Natural como ramo da Ciência que é, procura recuperar o indivíduo no seu todo contando para tal com as várias terapêuticas naturais (água, ar puro, argilas, plantas com as suas essências, sucos, extractos, pós, psicoterapia, massagem, acupunctura, etc., etc.) e acima de tudo educar os pacientes ensinando-os a comer racionalmente e a viver melhor, e por este processo em vez de se irem tratar apenas sintomas vai-se estimular a Força Curativa Orgânica, e deste modo fazer uma recuperação total e duradoura. A Medicina Biológica verdadeira é a Natural e está fazendo um esforço muito grande

junto das pessoas que se estão voltando para estes métodos de tratamento mostrando aquilo que de errado se faz na nossa alimentação tradicional e tentando que as pessoas deixem determinados vícios (tabaco, álcool, etc.).

No citado programa tivemos o prazer de ouvir o dr. Serge Jurasum, o mais competente iridologista a trabalhar em Portugal. Das suas palavras simples depreendeu-se a grande diferença entre conceito de doença alopática e naturopático. Para a Medicina Natural há lesões dos órgãos, sem haver a preocupação de baptizar essas lesões, mas existe sim a preocupação de diagnosticar e dar ao organismo a ajuda necessária para estimular a sua Força Vital Curativa e desde modo eliminar esses problemas. É urgente que o Governo deste país ponha a democracia a funcionar neste sector, pois o monopólio de exploração aérea (conforme se falou no programa «Já Agora...») por apenas uma companhia de aviação não é aceitável e por isso torna-se urgente que se conceda a necessária autorização, para que os aviões dessas outras companhias já existentes possam também escalar os aeroportos nacionais, pois muitos dos internacionais já são escalados há muito tempo.

A Medicina Natural ou Biológica já existe há muito tempo e com um bom desenvolvimento dentro dos condicionalismos actuais, razão por que se torna urgente criar a FACULDADE DE MEDICINA NATURAL, onde com rigor e dignidade se formem

e actualizem os naturopatas. Há neste país pessoas com saber e muitos anos de experiência neste campo, que poderiam ser aproveitadas para o arranque do ENSINO DAS TERAPÊUTICAS NATURAIS EM PORTUGAL. Crie-se um grupo de trabalho com representantes dos sectores envolvidos nesta problemática, estudem-se os prós e os contras, em suma, ponham-se as cartas na mesa e avancemos para bem de todos.

É do conhecimento público as enormes quantias que se gastam na importação de produtos químicos farmacêuticos, pagas com divisas que tanta falta fazem ao nosso desenvolvimento sendo discutível em muitos casos o efeito benéfico de tais produtos químicos. A Medicina Natural, para a preparação dos seus «remédios» precisa apenas do Grande Laboratório da Natureza. Dizem alguns estrangeiros que conhecem Portugal e a rica Flora Lusitana, é um desperdício o não aproveitamento de tantas plantas medicinais, há que aproveitá-las e deste modo poupar as divisas de que tanto necessitamos. Já há entre nós laboratórios voltados para a produção de produtos naturais, o que falta é o estímulo e a boa vontade do Governo.

A Medicina Natural é tão velha como a Humanidade, hoje, graças ao desenvolvimento tecnológico em pesquisa laboratorial, os produtos naturais estão constantemente a ser estudados nos países mais desenvolvidos, e aliada à experimentação de ontem temos os conhecimentos científicos de hoje. Só quem não

quer ver pode ignorar a realidade dos factos e tentar mistificá-la chamando-lhe prática de Astrologia, Bruxaria, Espiritismo, Exorcismo ou Charlatanismo, isto é, tentar misturar coisas que não têm nada a ver umas com as outras e esses que tentam mistificar e misturar não são honestos e estão apenas a desprestigiar o bom nome da Medicina Natural. Há uma verdade indelével: as pessoas desconfiam e por vezes até têm medo daquilo que não conhecem. Se os médicos em vez de fazerem uma campanha de desprestígio da Medicina Biológica ou Natural a estudassem com espírito crítico em vez de a tentarem ignorar e queressem que os outros a ignorem, tenho a certeza que no fim desse estudo sério reconheceriam o seu alto valor.

Para todos que dão o seu melhor pela Ciência Médica Natural, para todos aqueles que estudam com vontade de aprender a conhecer melhor os problemas que afligem o Homem, e deste modo ajudá-lo a viver melhor, para todos esses um dia o prémio chegará, pois ninguém será capaz de travá-la, pois ela é querida e compreendida pelo nosso Povo, e esse mesmo Povo um dia há-de pô-la no lugar que é seu por direito próprio. Os princípios deste ramo da Medicina são o respeito profundo pela vida humana, daí a máxima que é o nosso lema: PRIMUM NON NOCERE.

João Manuel Dias
Ribeiro Nunes
(Herbolgista)

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SERVIÇO DE MÚSICA

V JORNADAS DE MÚSICA ANTIGA

OUTUBRO - 1984

GRANDE AUDITÓRIO SÁBADO, 13 DE OUTUBRO - 21.30 H.
HAENDEL: «RODRIGO»

(ÓPERA EM VERSÃO DE CONCERTO)
MAESTRO: ALAN CURTIS / CANTORES: GLÓRIA BANDITELLI, PAMELA MYERS, PATRÍCIA ROSÁRIO, MARIANNE KWEKSILBER, ANDREW DALTON E MARTYN HILL
TAFELMUSIK (ORQUESTRA BARROCA DE TORONTO)

GRANDE AUDITÓRIO DOMINGO, 14 DE OUTUBRO - 18.30 H.
JOMELLI: «LA SCHIAVA LIBERATA»

(ÓPERA EM VERSÃO DE CONCERTO)
MAESTRO: ALAN CURTIS / CANTORES: CAROLYN WATKINSON, PATRÍCIA ROSÁRIO, GLÓRIA BANDITELLI, LEENA KIILUNEN, WOUTER GOEDHART, MARTYN HILL, JAMES MEADE E ANDREW DALTON
TAFELMUSIK (ORQUESTRA BARROCA DE TORONTO)

IGREJA DO LORETO SEGUNDA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO - 21.30 H.
SILVA LIRICA

MARTIN CODAX: Cantigas de Amigo / AFONSO X, O SÁBIO: Cantigas de Santa Maria / GAUTIER DE COINCY: Miracles de Notre Dame

PALÁCIO DA AJUDA TERÇA-FEIRA, 16 DE OUTUBRO - 18.30 H.
(SALA DOS EMBAIXADORES)

ALAN CURTIS, CRAVO
OBRAS DE DOMENICO SCARLATTI

PREÇÁRIO: GRANDE AUDITÓRIO
AVULSO: DIAS 13 E 14: 400\$00, 350\$00, 250\$00
DIAS 18 E 19: 500\$00, 400\$00, 300\$00
ASSINATURA: (DIAS 13, 14 E 18) 1 150\$00, 950\$00, 700\$00

DESCONTO DE 50% PARA JOVENS ATÉ 18 ANOS, ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ATÉ 25 ANOS, SÓCIOS DA JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA E DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA: VENDA DE ASSINATURAS: 1 E 2 DE OUTUBRO / INÍCIO DA VENDA AVULSO: 10 DE OUTUBRO

SÉ PÁTRIA RICA QUARTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO - 21.30 H.
CORO GULBENKIAN

MAESTRO: FERNANDO ELDORO / ÓRGÃO: GERHARD DODEREK
OBRAS DE: MANUEL CARDOSO, ESTÉVÃO DE BRITO, MANUEL RODRIGUES COELHO E LOPES MORAGO

GRANDE AUDITÓRIO QUINTA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO - 21.30 H.
SEXTA-FEIRA, 19 DE OUTUBRO - 18.30 H.

VIVALDI: «L'OLIMPIADE»

(ÓPERA EM VERSÃO CÉNICA)
MAESTRO: RENÉ CLEMENCIC / ENCENAÇÃO: SERGIO VARTOLO
CENÁRIOS E FIGURINOS: TONY CASALONGA
CANTORES: ANDREW W. SCHULTZE, MARIANNE CJOROMILA, PAULETTE VON DER SLUIS, GERARD LESNE, JOSEF BENET E WILHELM OBERHOLTZER
CLEMENCIC CONSORT

IGREJA DE S. ROQUE SÁBADO, 20 DE OUTUBRO - 21.30 H.

MARIANNE KWEKSILBER, SOPRANO
MARIE LEONHARDT, VIOLINO

CHRISTOPHE COIN, VIOLA DE GAMBA*
GLEN WILSON, CRAVO

OBRAS DE: MONTEVERDI, FRESCOBALDI, TARTINI, HAENDEL, MARIN MARAIS E CLÉREMBULT

OUTROS LOCAIS
AVULSO: 250\$00 (PREÇO ÚNICO)
ASSINATURA: 900\$00

política de A a Z

E a vida continua...

①

SEXTA-FEIRA – O Movimento Democrático Português nasceu da CDE. Não devemos estranhar que evoque a origem e dela se reclame. Mais estranho – e só por saudosismo explicável – que se tenha insistido no uso da sigla: MDP-CDE. Pelas razões que na noite de sexta-feira foram aludidas com discrição ou frontalmente referidas. O MDP actual não é a CDE, nem no que diz respeito à militância activa, nem no que se definiu por uma linha de rotura cujos válidos contornos não esgotam, no plano tático e no plano estratégico, o que se pede ao Movimento Democrático Português como partido autónomo.

Uma sessão a que se assistiu com interesse e na qual alguns participaram com devoção ou para se justificarem como vivos. Mas, mesmo nas referências ao presente, tomado como termo de comparação para justificar frustração e amargura, a evocação dos quinze anos que nos separam da 1969 esteve fortemente marcada pelo passado. Ou sofreu-o como limitação.

Recorde-se o verso impiedoso de Afonso Duarte – esse «resto», essa «falta de saúde» que é regressar ao passado. Estamos longe de 1969, e o combate de hoje não se poderá alimentar da boa razão da rotura de ontem. A estratégia política terá que ser prospectiva: projecta-se no futuro, é a teoria da acção no futuro. A memória da CDE restringe o próprio contexto da actuação que ao MDP é solicitada. A **unidade** não é uma palavra, uma construção teórica, uma confluência de simpatias e boas vontades, é o produto conjuntural de uma prática política participada. Crie-se a **prática política participada**. Ultrapasse-se a «razão teórica». Mais vale um passo em frente do que um dúzia de programas – já alguém disse isto. Permitam-nos que o recordemos.

②

SÁBADO – No Teatro S. Luís, realizou-se a sessão solene de encerramento das Comemorações do 10.º Aniversário do 25 de Abril. Das comemorações promovidas de 9 de Setembro de 1983 a este sábado, dia 27 de Outubro de 1984, pela Associação 25 de Abril. Na sessão de abertura, Eanes, na sessão de encerramento, Eanes. A ambas presidiu e sempre na dupla qualidade: a de Presidente da República, a de «militar de Abril».

Para acentuar uma separação de destinos que não sabemos se pode cavar mais fundo o afastamento, nem em 9 de Setembro de 1983, nem em 27 de Outubro de 1984, os senhores que nos governam entenderam ser seu dever, como membros do Governo, ou como simples cidadãos associarem-se às sessões comemorativas. As genuínas, às que eram promovidas por iniciativa da Associação 25 de Abril, ou nas quais os «militares de Abril» se sentiam implicados. Na lista das comemorações, registando dia a dia as celebrações da Revolução, os «militares de Abril» mencionaram: «25 de Abril – Participação no desfile popular. Parque Eduardo VII-Rossio, em Lisboa». Nesse momento alto não se vislumbrou a presença de ministros, O Governo marcou pela ausência. E foi envergonhar-se à «Aula Magna», nas palavras crucificando-se, nas imagens carpindo as dores do isolamento.

A Revolução de Abril, na tarde de sábado, pela voz de Vasco Lourenço, Pedro Pizarat Correia e António Ramalho Eanes reafirmou, e o espectáculo exemplificou, que tinha sido um acto cultural de libertação. Eanes, como «militar de Abril» e como Presidente da República, afirmou, com a dicção sincopada, cortante, que lhe é habitual: «A promessa dos militares de Abril, de que muitos duvidaram, foi inteiramente cumprida nos prazos definidos e de acordo com as normas da legitimidade». E, não poupando os culpados, avançou que a situação de crise nacional «nada a tinha a ver com os militares, como tais, mas com os responsáveis políticos e com os cidadãos».

De memória citamos, mas pensamos não trair o texto do discurso, recordando que o Presidente da República disse que os políticos terão «de responder pelas promessas feitas e de se responsabilizar pelo seu cumprimento, ou então, explicar com clareza as razões da sua

impossibilidade», e que aos cidadãos cabe «reflectir sobre as suas experiências ao longo destes anos, avaliando a possibilidade das suas expectativas e comparando o conteúdo das suas necessidades com os recursos nacionais existentes». Só esta co-responsabilidade, a dos políticos da «classe política» e a dos cidadãos politicamente conscientes, constituirá a condição necessária e suficiente, para a **democracia** se cumprir em Portugal.

Recordamos as duras palavras de Pizarat Correia acusando «a selva em que se vai transformando o panorama político, caracterizado pela exclusiva ânsia na conquista do Poder». Amargas palavras justiceiras. Doa a quem doer.

Embora acreditemos, com Vasco Lourenço, que Abril continuará, que Abril será o futuro do nosso país.

Com certeza. Mas com uma condição: se soubermos defender Abril.

③

DOMINGO – Releio as notas cursivas que escrevi no dia 6 de Setembro de 1982. Francisco Ramos da Costa tinha partido, horas antes, da sua casa de Queijas para a sua última morada em Alfaielos. Nessas notas não ignoramos – como o poderíamos ignorar? – que Francisco Ramos da Costa tinha sido, após uma longa caminhada, um dos fundadores do actual Partido Socialista. Mas não reduzíamos a personalidade e o combate político de Francisco Ramos da Costa a esse acto importante da sua vida. A outras actuações na luta contra o fascismo estava o seu nome ligado; outras facetas, para além das filiações políticas, caracterizavam o homem político, o trabalhador e o trabalhador intelectual que foi Francisco Ramos da Costa. Sem alardes, ainda sob a comoção de termos perdido um amigo, recordámos alguns aspectos da sua personalidade generosa e rica.

Alfaielos prestou-lhe, na tarde de domingo, uma homenagem que era merecida. Esse calcorreador dos caminhos portugueses e das grandes vias da Europa, nunca se esqueceu de Alfaielos e estimava os seus conterrâneos. Ouvimo-lo falar, com entusiasmo, do apoio local e regional que teria a sua candidatura a deputado. Se a doença que o minava, o não tivesse prostrado, ser deputado, pelo círculo de Coimbra, apoiado pelos seus amigos e camaradas de Alfaielos e do concelho de Soure, era projecto que lhe sorria. Porque, sem perder o ânimo e sem olvidar amizades, Francisco Ramos da Costa era crítico da direcção do PS e da prática política do PS. Mais próximo da linha que parecia ser a do «ex-Secretariado» – como recordou o semanário «O Jornal», à luz de declarações que Francisco Ramos da Costa lhe confiou e foram publicadas.

A cerimónia da inauguração do seu busto foi partilhada. Intencionalmente? Não o queremos afirmar. É bem possível que os autarcas de Soure desconhecem a vida e a história de Francisco Ramos da Costa. Ele foi uma figura nacional de resistente. Um combatente desde os Anos 30. Fundou o actual Partido Socialista. Deu-lhe nome e trânsito na Europa. Mas antes do exílio era alguém. Esteve sempre na barricada. Firme, corajoso, entusiástico. E morreu, sabendo que a morte o rondava, sem desfalecimento. Deixou um lugar aberto, no PS, no movimento democrático, nas fileiras dos partidários de Abril.

④

DOMINGO – Morreu Ruy Luís Gomes. Sempre o tratámos por Professor. Era um Professor. Era o Professor. Era, também, além de um **homem de ciência**, respeitado nos meios científicos nacionais e internacionais, além do professor da Universidade do Porto e de universidades estrangeiras, o resistente antifascista, o lutador pela Democracia e pela Paz. Foi candidato à Presidência da República. Foi, depois de Abril, Reitor da Universidade do Porto e membro do Conselho de Estado. Era opresidente da Assembleia Geral da União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP).

Estas notas não retratam uma personalidade como a de Ruy Luís Gomes. Situam-na. O País perdeu um homem ilustre. A Universidade perdeu um Professor e um Investigador. E nós perdemos um companheiro e um amigo.

ponto a ponto



AS eleições para a Comissão Política Distrital de Bragança do PSD, marcadas para sábado, foram adiadas devido a irregularidades no processo de eleições do delegado – apurou a NP. As eleições concorriam duas listas, uma encabeçada pelo ex-governador Telmo Moreno e a segunda por Armando Gomes. A mesa que controlava o acto eleitoral, presidida por Luís Gonçalves, emitiu um comunicado onde afirma que «a comissão permanente distrital compromete-se a apresentar, até ao final do ano, um projecto de regulamento interno».



O ministro do Equipamento Social considerou, sábado, no Porto, que o cooperativismo «é cruzar armas pelo futuro sem destruir a nossa História, o nosso passado e sem nos arrependermos do presente». «O Governo não deixará, por isso, de apoiar as cooperativas, não deixará de reconhecer a sua importância na vida económica e social portuguesa e a sua capacidade de desenvolvimento», acrescentou. Rosado Correia falava em representação do Primeiro-Ministro na cerimónia de encerramento das comemorações do primeiro centenário do nascimento de **António Sérgio**.



A Organização Regional do Minho do PCP considerou «inconstitucional» a recente decisão da **Câmara de Braga** que determina autorização prévia para a fixação de propaganda em faixas aéreas. «A decisão confirma o carácter totalitário, despótico e ilegal da gestão Mesquita Machado e dos seus pares do PS, agora beneficiando duma cumplicidade cada vez mais evidente dos vereadores do PSD e do CDS», refere o comunicado do PCP. O Presidente da Câmara de Braga, Mesquita Machado, mandou retirar, recentemente, faixas aéreas com propaganda do PCP que haviam sido colocadas presas à estátua de Santos da Cunha.

A realização de três encontros nacionais (com engenheiros, médicos e economistas) e a computorização da informação e da formação dentro do partido foram alguns dos resultados concretos do Encontro Nacional de Organização do PS. O secretário-geral socialista ocupou-se da análise da situação política no encontro com todas as federações PS e que visava a organização interna do partido. Uma fonte socialista revelou à ANOP que, «terminada a organização burocrática interna», vai o PS proceder, agora, à «instalação de centros de informação e formação dos militantes, através de um centro informático no Largo do Rato e terminais instalados nas estruturas».

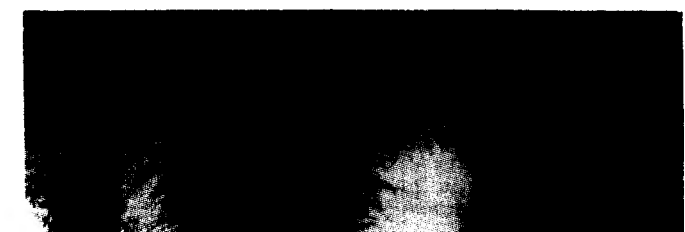


O Segundo Congresso Nacional das Mulheres Socialistas, marcado para 19 e 20 de Janeiro, na reunião de ontem da respectiva comissão nacional, votará uma proposta de revisão dos estatutos desta comissão. A apresentação ao congresso dessa proposta foi, também, aprovada na reunião na qual foi já eleita a comissão organizadora do congresso, constituída por **Beatriz Cal Bandão**, secretária coordenadora das mulheres socialistas e por quatro outros membros da comissão nacional: Maria Ventura Neves, Maria Isabel Cabral, Custódia Fernandes e Cacilda Martins. Na reunião da Comissão Coordenadora das MS, foi, igualmente, debatida a situação política actual.

PORTUGAL ratificou a convenção internacional sobre tomada de reféns, segundo anunciou, em Lisboa, o Centro de Informação das Nações Unidas. Definindo o crime de tomada de reféns, a convenção estabelece que qualquer Estado membro das Nações Unidas em cujo território se encontre um presumível culpado do crime de tomada de reféns o deverá extraditar. Poderá, no entanto, optar por submeter o caso às respectivas autoridades competentes, para efeitos de instrução do processo de harmonia com os trâmites processuais vigentes do país, quer o crime tenha ou não sido cometido no território do Estado signatário da convenção.



O presidente da Comissão Política Distrital de Coimbra do PSD acusou, nesta cidade, o **Primeiro-Ministro** de «fazer promessas demagógicas». Ao intervir num seminário de trabalhadores sociais-democratas, Alexandre Gouveia aludiu à promessa que Mário Soares fez, de manhã, na Câmara de Soure de a dotar com 50 mil contos. «Ao fazer tal promessa, o Primeiro-Ministro está demagogicamente a ludibriar a população de Soure, com o objectivo de resolver problemas políticos naquele concelho» – comentou Alexandre Gouveia. Acrescentou que «ou Mário Soares dá os 50 mil contos e viola a Lei das Finanças Locais, ou então está a fazer demagogia e a ludibriar as pessoas». Depois de «verberar o facto e repudiá-lo veementemente», o presidente da comissão distrital afirmou que o PSD «não pode admitir estratégias deste tipo».



CERCA de três centenas de pessoas participaram sábado, na **Curia**, num almoço de homenagem ao professor Afonso Queiró, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Lucas Pires, falando na qualidade de antigo aluno e assistente de homenagem, referiu que estava ali para «falar em nome dos reprovados». «O professor Afonso Queiró foi a única pessoa com quem reprovei na minha vida», disse Lucas Pires, que acrescentou: «Aprendi que isso pode ser um acto de amor e estou grato ao professor Queiró».

CNARPE na recta final

Novo partido não terá disciplina de voto

«A concepção usual da chamada disciplina partidária» estará ausente do futuro partido que vai nascer das estruturas da CNARPE — tudo aponta no sentido dessa data — em Janeiro próximo, cumpridas que sejam as etapas que os promotores do movimento estabeleceram à partida. Será pois liminarmente abolido o princípio da chamada «disciplina de voto», que ao longo destes ainda verdes anos da democracia portuguesa tem transformado os deputados em simples votadores ou funcionários bem comportados das direcções partidárias.

O novo partido caracterizar-se-á também pela «maior democraticidade interna, a todos os níveis, com rejeição de quaisquer métodos tendentes ao domínio pessoal de grupo ou de aparelho».

Estes pontos fazem parte das matérias aprovadas na reunião nacional realizada no sábado, em Espinho e encontram-se também consignados no comunicado final distribuído aos órgãos de Comunicação Social.

Ficou definido que «a liberdade de consciência e de expressão» dos membros do futuro partido «deve ser respeitada em todas as circunstâncias» e que «os cidadãos eleitos para quaisquer cargos em listas apresentadas ou apoiadas por esta força política serão, antes de tudo, representantes daqueles que os elegeram e não representantes ou funcionários do partido a que pertençam ou em cujas listas sejam integrados, tendo como regra a inteira liberdade de voto».

Estes princípios, definidos desde já como vectores essenciais de orientação na nova força política que, como referimos, deverá ser oficialmente constituída nos primeiros dias do próximo ano, marcam já diferenças muito acentuadas em relação às actuais forças existentes.

No comunicado desta reunião

salienta-se ainda o «não aproveitamento da força política a que pertençam ou dos cargos que ocupem para a obtenção de quaisquer benefícios pessoais ou para o exercício de influências ilegítimas».

Os futuros estatutos, cujo projecto foi discutido na reunião de Espinho, devem portanto respeitar os princípios referidos.

Texto-base aprovado

Não se concretizaram os vaticínios daqueles que esperavam ser a reunião de Espinho marcada por grades divergências entre os vários participantes.

O documento programático-base de Abrantes foi aprovado por unanimidade com diversos contributos no sentido de o tornarem mais completo.

Os representantes dos distritos de Castelo Branco, Lisboa e Setúbal apresentaram propostas e aditamentos visando tornar mais concretos pontos que no documento eram tratados em princípios gerais.

Tais propostas referiam-se principalmente ao plano económico, sector da saúde, regionalização, segurança social, mas, quanto à sua substância, eram mais ou menos convergentes. Apontavam aspectos como a necessidade de procurar na exportação produtos que contêm uma maior integração nacional, desenvolvimento da agricultura, rentabilidade do sector público, etc.

Uma comissão de redacção constituída à base de elementos dos concelhos mais próximos, para maior facilidade de deslocação, fará agora a síntese de todos os contributos recolhidos. Depois, em Dezembro, em nova reunião a nível nacional, será finalmente submetido tudo a aprovação definitiva, chegando-se assim à fase culminante da estruturação do novo partido ou movimento.

As discussões principais



Um aspecto do conjunto dos participantes na reunião de Espinho

centraram-se à base da necessidade de maior operacionalidade dos órgãos existentes e da maneira como sem destruir os órgãos existentes seria possível dar-lhes essa operacionalidade.

Participaram na reunião mais de 200 representantes vindos de todos os concelhos do continente, das regiões autónomas e de Macau.

Clarificação de Hermínio Martinho

A liderança incontestada de

Hermínio Martinho neste processo e o reconhecimento por todos do seu trabalho foi uma das linhas de força mais visíveis na reunião de Espinho.

Hermínio Martinho sentiu-se, no entanto, no dever de fazer uma intervenção «clarificadora», calorosamente aplaudida, mas que tinha mais a ver com o exterior do que propriamente com os participantes na reunião.

Depois de explicar todos os passos que foram dados até

agora as razões que o motivaram e os resultados obtidos, ou seja, de fazer uma espécie de balanço, Hermínio Martinho sublinharia com toda a firmeza: «Estamos pois em condições de vincar com toda a firmeza que nos encontramos onde queríamos, como queríamos e quando queríamos».

Salientou que «não têm qualquer fundamento, como todos os intervenientes neste processo muito bem sabem, as notícias de

recuos e avanços em marcação de datas com esta ou aquela finalidade».

Disse também que sempre fora afirmado com toda a clareza que a reunião de Espinho visava exclusivamente a recolha de todos os trabalhos sobre o documento e a discussão de projectos visando a estruturação global do movimento.

«Não têm pois qualquer legitimidade nem são verosímeis as notícias de que a não transformação, hoje, em partido, constitui um recuo. Isso nunca esteve nos nossos objectivos.»

Hermínio Martinho referiu-se às dificuldades que vão encontrar daqui para a frente e aos ataques de que irão ser alvo.

«Tudo indica que o nervosismo da classe política instalada com tão maus serviços prestados a esta velha e querida Pátria, vai aumentar. Só há uma resposta aceitável: quanto maior for a perturbação dos outros, maior terá que ser a nossa calma e a nossa serenidade. Assim cumprimos o que nos propomos.»

Advertiu também o ex-mandatário de Eanes em Santarém que «podem desiludir-se os que pensam que estamos ou ficaremos prisioneiros do problema de uma candidatura presidencial», sublinhando que já basta ao País ter a actual coligação governamental nessas condições e que «os seus resultados negativos são bem visíveis».

«Na altura própria tomaremos posições sobre o candidato que dê todas as garantias de apoio na concretização do projecto que estamos a construir.»

Outro aspecto referido na intervenção de Hermínio Martinho é que se estão a agravar as condições do País o que só pode querer dizer que se acentuam as razões que levaram os «eanistas» a agir.

Augusto Vilela

Movimento cnarpista de Espinho para Setúbal

Estrutura orgânica vai situar-se entre as do PSD e do PS

Finda a reunião de Espinho, sábado passado, o «Movimento Cnarpista» prepara-se para Setúbal, em Dezembro. Ali deverá ser aprovada a estrutura orgânica por que se irá reger o novo partido prosaicamente chamado «Eanista». Tal estrutura — soube o «DL» junto dos participantes na reunião de Espinho — irá situar-se entre a do PS e a do PSD.

Os estatutos socialistas colheirão a experiência a nível federativo e dos sociais-democratas a estrutura nacional.

É, pelo menos, esta a linha para que parece apontar a fusão dos dois projectos de estatuto apresentados em Espinho e que, agora, serão objecto de uma proposta única. Esta deverá ser apresentada três semanas antes da nova reunião nacional para discussão nas estruturas concelhias e distritais existentes. Na mesma altura, em Setúbal, será submetida à aprovação a declaração de princípios e programa resultante da fusão do documento de Abrantes com as várias adendas e propostas de alteração entregues em Espinho.

Para todo este trabalho de triagem e elaboração das propostas definitivas quer de estatutos, quer de programa, foi desig-

nada uma comissão de redacção composta por dois elementos de Santarém, dois de Lisboa e outros tantos de Setúbal. O seu trabalho deverá estar ultimado dentro de três semanas.

Líder será presidente

O líder do novo partido será, não o «Secretário-geral», como acontece com os partidos marxistas, mas sim o «presidente» como ocorre, por exemplo, entre nós, com o PSD e o CDS. Assim, a figura de topo será, de facto, o presidente enquanto que ao secretário-geral caberão tarefas mais de ordem executiva: «Será uma espécie de António Capucho» — como nos diz um dos «cnarpistas», recordando anteriores funções do actual presidente do grupo parlamentar social-democrata.

Quanto aos órgãos nacionais, o novo partido deverá ter uma comissão nacional composta por cerca de 100 membros. Será o órgão máximo do partido entre congressos. Desta comissão sairão dois órgãos com funções distintas: uma comissão política permanente e uma comissão executiva permanente.

De acordo com alguns elementos, as regras da representatividade na comissão nacional estão a ser estudadas de forma a «reduzir-se o excessivo peso das grandes regiões» nas estruturas habituais dos partidos. Província contra Lisboa e Porto? «Nada disso. Pretende-se um aumento da importância das regiões que têm sido, normalmente, desprezadas sem que isso corresponda a uma redução da importância das grandes regiões».

Em termos distritais, haverá uma comissão com fins deliberativos e outra executiva, com presidente, secretários e vogais. A nível concelhio não deverá existir comissão deliberativa mas, simplesmente, uma comissão executiva, composta, como é normal, por um presidente, dois vogais e um secretário. Na base, a função executiva terminará, precisamente, aqui, no concelho, já que, nas freguesias, essa função não está prevista.

Tudo isto é, genericamente, o que consta, sobretudo, da proposta de estatutos do «núcleo de Lisboa», apresentada em Espinho e que, por se idêntica à de Santarém, obrigou os rabatejados a abdicarem da sua. Se a

estrutura organizativa ficar, efectivamente, assim, são em Dezembro o saberemos, concretamente. Agora, há apenas indicadores.

Estrutura diferente até às «presidenciais»

A maioria dos representantes distritais e concelhios presentes em Espinho parece apostada, pelo que nos disseram alguns dos seus elementos, numa orgânica partidária estatutariamente definitiva e não numa estrutura diferente até às eleições presidenciais.

Leia-se: até que Eanes deixe o palácio cor-de-rosa...

Este não é, todavia, o sentido dos representantes de Setúbal, que levaram para Espinho uma proposta que defendia, exactamente, uma estrutura diferente para a primeira fase do partido, estrutura essa um tanto «hermética», assente nos membros mais dinamizadores do nascimento e desenvolvimento do «Movimento Eanista». Seria «dizem-nos — uma estrutura traistória até à implantação total das estruturas do partido».

Em Abril dos cravos?

Entretanto, Janeiro parece ser já demasiado próximo para alguns e não falta por isso quem alvitre o mês de Abril. A 25? Isso, querendo significar, com a data, que uma nova época começava onze anos depois... Haverá quem queira maior rapidez. No que haverá acordo completo é na necessidade de um acontecimento político marcante para realizar o Congresso fundador do partido. «Quem falou em Janeiro?» — interroga-se Hermínio Martinho. Talvez seja cedo, mesmo não esquecendo que a comemoração do último aniversário deste mandato de Eanes, em Janeiro, na cidade de Leiria, seria, para alguns, um bom pretexto.

De qualquer forma, os principais dinamizadores do movimento querem ter, nessa altura, tudo devidamente organizado, em termos nacionais, de maneira a permitir a transformação em partido a todo o momento. Certamente que, para além do evoluir da situação política, tudo dependerá da luz verde do Presidente da República, que, no

sábado, ao contrário do que sucedera em Abrantes, não teve qualquer dos assessores a assistir à reunião, nos bastidores.

Andar mais depressa ou mais devagar é uma questão que se coloca. Haverá perspectivas e vontades diferentes. Que até pelo menos à próxima reunião se manterão. E a reunião de Espinho constituiu um salto? «Não pretendíamos dar salto nenhum» responde-nos Hermínio Martinho no final. «O que pretendíamos era a recolha de trabalhos sobre o documento de Abrantes e a discussão dos projectos de estruturação do movimento».

Que foi visível uma tónica de «construção» é o que nos diz um activista que pela primeira vez participou em reuniões do movimento. Não estava efusivo como aquele jovem da Guarda para quem aquele movimento ia de vento em popa, mas sentia-se satisfeito por verificar que ali «havia uma boa colecção de gente independente», com «plena transparência» e sem qualquer «sentimento de retaliação em relação aos partidos existentes».

Luis Humberto Marcos

Eanes na sessão dos 10 anos de Abril

Governos têm de responder pelas promessas e propostas feitas

«O presente é um tempo que se vai e o futuro é um tempo resistente...» cantou Ary dos Santos, já depois do 25 de Abril. Estes versos, do seu poema «O Futuro», foram evocados sábado, no São Luiz, por Mário Viegas durante a sessão solene de encerramento das comemorações do 10.º aniversário da queda do fascismo, organizada pela Associação 25 de Abril.

Quer pela sua presença e intervenção, quer pelas referências feitas pelos restantes oradores (Pezarat Correia e Vasco Lourenço) o Presidente da República, general Ramalho Eanes, foi figura central do acontecimento evocativo de Abril. Também as ausências nomeadamente de membros do Governo foram anotadas, sobretudo pelo brigadeiro Pezarat quando disse: «não excluímos ninguém, nos hostilizamos ninguém. Sallentaram-se as presenças pelo seu volume. E também algumas ausências, pelo seu significado. Reconfortantes aquelas, esclarecedoras estas. Fonte de ensinamentos, dos quais, bem desejamos, não venhamos só nós a beneficiar»...

Na homenagem e destaque à presença de Eanes, aquele orador frisou a dupla qualidade com que o PR honrou a sessão, «como militar de Abril e como Chefe do Estado».

«E honra-nos mais — sublinhou Pezarat Correia — quando se generaliza a sensação de que, no meio da selva em que se vai transformando o panorama político, caracterizado pela exclusiva ânsia na conquista e detenção do poder, a

instância de soberania em que com mais transparência resalta a dignidade de Estado é exercida por um militar de Abril, que não se perturbando em afirmar que em Abril germinou a semente da Liberdade e do Regime Democrático, está sempre disponível para nos dignificar com a sua presença.»

Falou ainda o responsável da Associação 25 de Abril da recusa dos «Capitães» de serem (alusão ao Governo) «objecto de homenagens de duvidosa autenticidade» e que resultou também do posicionamento que sempre tiveram face ao 25 de Abril.

«As homenagens se a alguém se devem, são para todo o povo português de quem também somos parte, e melhor forma não há, de todos mutuamente as prestarmos uns aos outros, do que na confiança transmitida através das mãos que se dão e apertam nas comemorações populares, e nas promessas que trocamos de que nos empenharemos na defesa do 25 de Abril» — disse, sob fortes aplausos.

Citando Almada Negreiros, «cada um é o resultado de toda a gente», Pezarat Correia vinco tudo aquilo que une os membros da Associação 25 de Abril. «Esta força contripete — acrescentou — que há-de progressivamente enriquecer-se com mais e mais adesões.»

Referiu, a finalizar, que 1984 «ficará assinalado como o ano em que a Associação aprofundou as suas raízes, desenvolveu a sua estrutura, alargou o seu âmbito. E todo este crescimento se deu percorrido pelo frêmito da vida intensa da sua actividade, segura do presente e confiante

no futuro. No seu futuro e no futuro de Portugal».

Eanes começou por destacar a circunstância feliz de não ter a Associação assumido o exclusivo das cerimónias evocativas de Abril, pois «por isso mesmo, os portugueses tiveram a oportunidade de apreciar a qualidade relativa de cada uma» e «souberam tirar conclusões claras quanto às suas intencionalidades».

Considerou depois o PR competir à Associação «continuar a exprimir o espírito de abertura, de tolerância, de pluralismo e de vontade democrática que uniu os que sinceramente se empenharam no 25 de Abril».

«Só assim — acrescentou — a Associação, fiel a verdadeira ori-

gem e aos seus valores constituintes, jamais se transformará num banal e ineficaz grupo de pressão, afinal idênticas a muitos que hoje lhe dirigem críticas inconsequentes, sem justificação nos factos e sem memória dos acontecimentos políticos».

Lembrou ainda o PR que a promessa dos militares de Abril, de que muitos duvidaram, foi inteiramente cumprido nos prazos definidos e de acordo com as normas da legitimidade.

E após insistir que «a democracia existe» e que «esse facto destrói todas as críticas que se queira dirigir aos militares de Abril» Eanes visou, indirectamente os executivos, acentuando ser óbvio que não está cumprido Portugal.

São os responsáveis políticos que têm de responder pelas promessas e propostas feitas, responsabilizando-se pelo seu cumprimento ou explicando com clareza as razões da sua impossibilidade. São os cidadãos que têm de reflectir sobre as suas experiências ao longo destes anos, avaliando a possibilidade das suas expectativas e comparando o conteúdo das suas necessidades com os recursos nacionais existentes — lembrou também Eanes, para concluir que quando se caminhar decididamente nessa via, os militares de Abril terão encontrado, depois de reconhecida a sua necessidade histórica, a concretização do seu desejo patriótico.

Depois foi o sarau com poesia Eunice Muñoz e Mário Viegas), bailado (Isabel Fernandes, Guilherme Dia, Mercedes Cabanach e Irene Lima), teatro (excerto da peça «1383» pelo Grupo de Campolide), música (Grupo Metais de Lisboa), canto (as «Heróicas» de Lopes Graça pelo Coro dos Amadores de Música) e a entrega de prémios dos concursos promovidos pela Associação 25 de Abril (de jornalismo e teatro) e a visita à exposição, no hall do balcão do São Luiz.

E recordo, de outro poema de Ary, dito por Mário Viegas, os versos (longamente aplaudidos): Não te cales meu povo/e não te vendas/quando nos julgarem vencidos/hão-de ter-nos de pé/e perfilados...

NAVIGATOR CLASS

Top Executive

O nosso melhor de sempre



Criamos uma Top Executive Class especial para si. Com um serviço personalizado para as suas viagens de negócios. A melhor qualidade internacional juntamos o melhor da nossa tradição de bem receber. Só a nova Navigator Class da TAP Air Portugal tem a classe que as outras gostariam de ter.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a TAP Air Portugal.

Check-in
Check-in separado. Uma etiqueta especial, diferenciadora.

30 Kg de Bagagem
Tratamento preferencial à partida e à chegada.

Cadeira especial*
Tipo "snoozer", mais cómoda.
*TriStar 500

Bar
à descrição.

Música/Cinema*
Auscultadores electrónicos. A música da sua escolha. *Longo curso.

TAP
AIR
PORTUGAL

Congresso Português de Informática começou esta manhã em Lisboa

«Sistemas de informação: um instrumento para a mudança» é o tema genérico dos trabalhos do terceiro Congresso Português de Informática que hoje se inicia em Lisboa, por iniciativa da Associação Portuguesa de Informática. Numa época em que toda a gente sobretudo os políticos — falam a propósito e a despropósito sobre as novas tecnologias de informação, o contributo dos profissionais de informática assume um relevo muito especial. Assim, durante quatro dias, de hoje até sexta-feira, várias centenas de profissionais, técnicos e investigadores ligados à informática debaterão a situação actual e as perspectivas de evolução da informática em Portugal.

Os trabalhos, e nomeadamente muitas das cerca de 60 comunicações que serão apresentadas, não se limitarão porém aos aspectos tradicionais da informática, realizando-se várias sessões especiais dedicadas a subtemas como a «robótica», o «escritório do futuro» e a «inteligência artificial».

Paralelamente ao Congresso, que decorre nas instalações da Fundação Gulbenkian, realiza-se uma série de actividades paralelas de que destacamos: um concurso de Arte e Fotografia por Computador; o 1.º torneio de xadrez informático; uma apresentação de equipamentos e produtos de informática; as segundas Jornadas da Linguagem APL e uma Exposição de Terminologia Científica e Técnica e de Linguística Informatizada.

A exposição de terminologia tem lugar durante todo o período do congresso na Biblioteca Nacional e é promovida por uma organização intergovernamental que reúne dezoito países de língua neolatina, com a colaboração da Associação Portuguesa de Informática. Além da exposição propriamente dita, os visitantes poderão ter acesso a demonstrações de interrogação de diversas bases de dados situadas em diferentes países e de tradução assistida por computador. Ainda no âmbito da Congresso realizou-se no início deste mês no Porto a Inforpor 84, 1.ª exposição portuguesa de informática.

Entre as comunicações que serão apresentadas ao Congresso conta-se, já esta tarde, uma dedicada ao balanço e perspectiva da informática em Portugal, da autoria do eng. Hélder Coelho, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Questões como os «sistemas de informação e as novas tecnologias», apresentadas a debate por Steiger Garção e Machado dos Santos, da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade do Minho, respectivamente, serão igualmente discutidas, a par de temas como a formação e o desenvolvimento de sistemas de informação.

Os trabalhos foram abertos esta manhã com uma comunicação do dr. Thomas William Otte, convidado de honra do congresso e membro proeminente da Federação Internacional de Processamento da Informação.

AMSTERDAM, BARCELONA, BISSAU, BRAGANÇA, BRAZZAVILLE, BRUXELLES, CARACAS, FARO, FUNCHAL, FRANKFURT, GENÈVE, HARARE, JOHANNESBURG, KØBENAVN, KINSHASA, LAS PALMAS, LISBOA, LYON, LONDON, LUANDA, LUXEMBOURG, MADRID, MAPUTO, MILANO, MONTREAL, N. YORK, PARIS, PORTO, P. SANTO, RECIFE, RIO, ROMA, SAL, S. TOMÉ, S. MIGUEL, S. PAULO, TERCEIRA, V. REAL, VISEU, ZURICH

Foi Mota Pinto quem o disse

As empresas públicas são o novo ultramar

Mota Pinto afirmou, ontem, no Alvito (distrito de Beja), que «o sector público não pode transformar-se, em termos de custos, num novo Ultramar». O dirigente do PSD falava na cerimónia de inauguração, naquela vila, de uma sede do seu partido.

Em entrevista concedida à Antena Um, o presidente da Comissão Política do PSD defendeu a modificação do sistema económico, no sentido de que haja menos Estado, haja mais abertura à economia de mercado e maior intervenção da iniciativa privada. Em seu entender, «não se justifica que se gastem milhões de contos a sustentar empresas públicas falidas» que «seriam mais adequadamente empregues em infra-estruturas, estradas, pontões, portos, construção de pequenas barragens».

Segundo o dirigente social-democrata, a última aplicação «fomentaria mais emprego e

seria mais frutífera para a economia nacional, do que o sorvedouro de milhões de contos em empresas públicas, que nada acrescentam ao produto nacional e apenas servem para manter uma situação de falsos empregos».

Mota Pinto candidato?

Mota Pinto «poderá» ser o candidato do PSD às eleições presidenciais de 1985 «se vingarem as teses dos seus mais directos colaboradores», escreve-se no «Correio do Minho», na edição publicada ontem. Segundo aquele diário, os conselheiros mais próximos de Mota Pinto entendem que ele deve ser o candidato oficial do PSD, uma vez que consideram inevitável que a coligação não apresente um candidato comum, alheio a qualquer das duas formações que a compõem.

Jornadas parlamentares do MDP

Deputados querem ter mais intervenção

A dinamização de uma «mais eficaz representação do MDP/CDE na Assembleia da República» foi o tema das jornadas parlamentares deste partido que ontem decorreram em Lisboa.

Participaram na reunião com os deputados, os departamentos chamados a colaborar nessa dinamização, designadamente os de acção parlamentar, política sectorial, organização e relações internacionais, além da própria comissão política.

Os trabalhos, dirigidos por António Galhordas, vice-presidente do partido, debateram ainda melhores formas organizativas e o futuro comportamento do grupo parlamentar do MDP/CDE tendo os deputados concluído ser «muito preocupante a limitação dos direitos dos grupos da oposição e a tentativa de apagamento das minorias na Assembleia da República, perante as alterações do seu Regimento».

O estabelecimento de horas para votação, «o que irá traduzir-se por um 'part-time', da actividade dos deputados», a «diminuição drástica» do «quorum» para 50 deputados, a eliminação do consenso na conferência de líderes, a limitação da marcação de agenda («o MDP/CDE diminui de seis para duas as suas marca-

ções, por sessão legislativa») e o fim do direito de apresentação de projectos e propostas de lei — foram os pontos mais discutidos nestas jornadas.

Na vertente interna, os deputados do MDP/CDE concluíram pela «necessidade de aumentar a ligação do grupo parlamentar ao partido, num sentido bidireccional», e ainda de «aprofundar a ligação do grupo com a direcção política do MDP, de modo a que aquele manifeste a posição política do partido».

Considerado ainda «muito importante o contacto directo dos deputados com as populações e organizações de base do partido».

Os deputados concluíram ainda pela necessidade de definir «áreas prioritárias» para a sua acção no Parlamento e apontaram também a necessidade de se procederem a «ajustamentos orgânicos do próprio partido para alargar o seu apoio ao grupo parlamentar».

Na reunião, foi marcada para 17 de Dezembro a segunda fase destas jornadas parlamentares, em que participarão os membros do Conselho Nacional (a primeira reunião depois da sua criação no congresso), conselho que prolongará o seu encontro no dia imediato.

Entre apelos ao diálogo

Soares foi à província distribuir dinheiro ao Poder Local

Os problemas do País «resolvem-se pelo diálogo e participação activa, e não com barulho e paralisações de trabalho». As palavras são de Mário Soares que ontem se deslocou a Soure, em visita oficial.

Em resposta ao discurso do presidente da edilidade, Manuel Leal Cordeiro, o Primeiro-Ministro diria eu «as pessoas responsáveis deste País têm de perceber que o saco das finanças públicas tem um fundo» pelo que importa «gerir com parcimónia os recursos do Estado, porque ele tem limites naturais».

Naturais alusão directa à intervenção de Manuel Leal, que afirmara ser impossível relançar obras importantes para o concelho devido à falta de verbas decorrentes da aplicação da Lei das Finanças Locais, Soares diria que esta «tem de obedecer a um ordenamento do território, pois não podemos seguir uma política onde cada um puxe a brasa à sua sardinha».

Defendeu, por outro lado, que «não se pode exigir ao Governo que resolva todos os problemas, porque a solução destes passa

pelo contributo da Nação inteira» frisando ainda a necessidade de reforçar o poder local porque graças a ele «Portugal está hoje irreconhecível».

No final da sessão nos Paços do Concelho, Mário Soares e Manuel Leal assinaram três protocolos sobre a comparticipação do Estado em obras a realizar no concelho.

Dois deles garantem o contributo do Ministério do Equipamento Social, através da Instituto Nacional da Habitação, para a construção de 60 fogos de habitação social, em montante não especificado, e com 20 mil contos para a recuperação de 250 imóveis da zona histórica de Soure.

O terceiro documento garante um subsídio de 2500 contos, da Direcção Geral dos Desportos, para a compra de um autocarro para o Clube Desportivo Sourense.

O Primeiro-Ministro anunciou ainda estarem a ser elaborados dois anteprojectos, respectivamente, de um campo desportivo naquela localidade e de um novo

quartel para os bombeiros, este último estimado em 30 mil contos.

Homenagem a Ramos da Costa

Posteriormente, Soares deslocou-se a Alfaiões para presidir à homenagem pública que ali foi prestada a Ramos da Costa, resistente antifascista, fundador do PS e antigo embaixador de Portugal na Jugoslávia e Dinamarca depois do 25 de Abril.

Acompanhado pela viúva daquele militante socialista e por diversas autoridades civis, militares, religiosas, bem como por antigos companheiros de Ramos da Costa, Mário Soares depôs uma coroa de flores na campa deste, no cemitério de Alfaiões.

De seguida, a comitiva que acompanhava o Primeiro-Ministro dirigiu-se ao jardim público da localidade onde a viúva Maria do Carmo, Ramos da Costa descerrou um busto do seu companheiro.

Ao usar da palavra na cerimó-

nia solene que se seguiu e à qual, se associou numeroso público, Mário Soares evocou a estatura política e moral de Ramos da Costa afirmando que «foi um grande socialista que sobre resistir sempre às contradições impostas pelo regime salazarista».

«Ramos da Costa — acrescentou — foi um homem que, sendo de origem humilde se fez a si próprio e gozou sempre de grande prestígio e justa reputação».

Por seu turno, Tito de Morais, ex-presidente da Assembleia da República, considerou «da maior justiça homenagear a memória de um grande amigo, mas sobretudo, de um grande socialista, talvez o maior dos nossos tempos».

Evocou também o tempo em que combateu o regime de Salazar ao lado de Ramos da Costa sublinhando que «graças à sua actividade conseguimos abrir as primeiras brechas no muro diplomático que o fascismo erguera para esconder ao olhos do mundo a grandeza da luta do nosso povo pela liberdade».

“Buraco do Orçamento alarga-se todos os dias...”

— denunciou Carlos Brito em Cascais

«A Comissão da Assembleia da República que está a discutir o Orçamento do Estado todos os dias verifica que o buraco se alarga, como um abismo que se abre sob os nossos pés e ameaça engolir os recursos nacionais...» — considerou, sábado, o líder parlamentar do PCP, Carlos Brito, a propósito da situação económica e financeira do País, «que por si só — frisou — exige a demissão e substituição do Governo».

Carlos Brito, que falava num convívio realizado em Cascais, no âmbito da campanha dos 60 mil contos para compra do Centro Vitória pelo PCP, insistiu, particularmente, na revelação, há dias, do buraco orçamental que espantou ainda o País «pela rapidez com que o Governo passou em poucos dias de uma proposta de agravamento do défice de cerca de 28 milhões de contos para uma proposta de 73 milhões...».

«Em matéria financeira, é um Governo sem rei nem roque» — rematou, a propósito, o dirigente comunista.

Segundo ainda aquele res-

pensável do PCP, o Governo «incentivou a instalação na administração e nos aparelhos económicos e financeiros de práticas absolutamente ilegais e arbitrarias — a autêntica lei da selva. O patronato não paga salários, nem paga à Previdência e fica impune. Os ministros desrespeitam frontalmente a lei orçamental e vão gabar-se para a Assembleia da República. É assim que o ministro Seabra anuncia que ultrapassou as verbas que lhe estavam destinadas pela lei orçamental em mais de 16 milhões de contos — mal gastos de certeza como se verifica pela situação de caos em que mergulhou o sistema escolar e que a abertura do ano lectivo tormentosa para alunos, pais e professores pôs claramente em evidência».

CEE: «estrangeiros riem-se»

Aludindo a uma recente proposta apresentada por deputados do PSD sobre o controlo orçamental, Carlos Brito comentaria que «isto significa sobretudo que a situação já é tão grave, tão

grave, que mesmo aqueles que antes apoiaram, votaram a aplaudiram a política do Governo, agora em face dos resultados desastrosos procuram demarcar-se dele. É a conhecida fuga às responsabilidades bem traduzida na metáfora dos ratos que saltam do barco quando ele se afunda».

Referindo-se depois a «certas operações demagógicas de Mário Soares e do Governo», Carlos Brito aludiu ao «espectáculo que Mário Soares anda a dar pela Europa fora com o famigerado Constat d'Acord e que constitui verdadeiro motivo para envergonhar o País».

«Toda a gente sabe — acrescentou — que se trata de um papel vazio que Mário Soares mendigou como um instrumento para o lançamento da sua campanha presidencial. Os estrangeiros riem-se. Nós também nos poderíamos rir se não se verificasse que a troca deste papel eleitoralista e de certas datas também eleitoralistas, a integração na CEE, que a nosso ver seria sempre ruína para o

País, está a ser negociada em condições ainda mais atentatórias do interesse nacional».

Depois de sublinhar que toda a prioridade tem que ser dada à luta pela demissão do Governo, Carlos Brito ironizou com «aqueles que estão muito preocupados com as alegadas dificuldades do PCP em relação às presidenciais», afirmando que «o PCP já mostrou no passado e em situações muito complexas, saber intervir com toda a sua energia e influência para ajudar a derrotar a direita e a reacção nas eleições para a Presidência da República. Desta vez acontecerá também assim, seja Mário Soares ou qualquer outro candidato da direita».

E prosseguiu: «não será com certeza por os soaristas encoberos e disfarçados, no interesse do desenvolvimento da campanha de Soares, tentarem nervosamente forçar os adversários a abrir o jogo e conhecerem, no pormenor, a nossa tática, que o PCP modificará a sua posição».

AMANHÃ

tempo de antena
do PCP
na RTP 1
terça-feira 30 de Outubro
a seguir ao Telejornal das 20 h.



RTP

concurso



NOME
Idade Profissão
Morada
Localidade Cod. Postal
Telefone
Freguesia Concelho
Tem televisor? N.º Licença
ACOMPANHANTE
Idade Profissão

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

Para resolver impasse

PCP incita Vizela à "luta popular"

A Direcção Geral do Minho do PCP considerou que «só a intensificação da luta popular por parte dos vizelenses obrigará o Governo e os partidos que o apoiam a respeitar as promessas feitas em torno do caso de Vizela».

Em nota à Imprensa, o PCP sublinha que «o desacordo» manifestado pelos secretários do PS de Guimarães e pela Comissão Permanente do PSD de Braga relativamente às promessas de criação do concelho de Vizela, confirma, uma vez mais a oposição de ambos «à concretização das aspirações do Governo pelos sucessivos adiamentos da votação na especialidade da proposta de lei quadro da criação de novos municípios».

Quer impugnar "actos ilegais"

PS ao ataque nas autarquias APU de Lisboa e Setúbal

Os autarcas socialistas dos concelhos de maioria APU dos distritos de Lisboa e Setúbal decidiram impugnar judicialmente «os actos ilegais» da administração autárquica.

Esta decisão vem na sequência da conclusão a que chegaram, no sábado numa reunião em Lisboa, de que «são generalizadas as prepotências, os abusos do poder e as ilegalidades perpetradas pelas maiorias APU, no espírito do mais desenfreado sectarismo e usando da mais descarada demagogia».

Além da impugnação judicial, aqueles autarcas socialistas estão dispostos a solicitar a realização de inspecções e inquéritos «sempre que tal se julgue necessário».

Para os socialistas das autar-

quias referidas, «as maiorias APU têm vindo a praticar uma gestão ruinosa e sectária, preocupadas não com o bem-estar das populações, mas com a consolidação do aparelho partidário do PCP e da sua estratégia de desestabilização do poder democrático».

Assim, decidiram também solicitar aos grupos parlamentares a aprovação de uma lei sobre a tutela administrativa e incentivar a colaboração dos autarcas socialistas com as Juntas de Freguesia, «vítimas de discriminação».

Outra resolução foi a de «apoiar os esforços do Sindicato da Administração Pública, filiado na UGT, em defesa dos trabalhadores das autarquias, vítimas

de perseguições e prepotências».

Os mesmos autarcas concluíram que «constitui objectivo do PS, nas próximas eleições autárquicas, desalojar o PCP das autarquias onde é maioritário, pelo que os autarcas e organizações locais socialistas devem mostrar-se receptivos a celebrar acordos eleitorais com outras forças democráticas, desde que as características específicas, quando analisadas caso a caso, o recomendem».

A margem dos trabalhos, os autarcas socialistas reunidos condenaram a «tentativa de agressão de que foi vítima o ministro da Administração Interna, em Sesimbra, onde presidia a um acto oficial».

Maior segurança para os peões

Vila Franca de Xira disciplina trânsito

Vila Franca de Xira tem novo regulamento de circulação e estacionamento, aprovado na última reunião da assembleia, por proposta da câmara. A nova «postura», que, a partir de agora, visa sensibilizar a população da nova cidade e todos quantos por ela passam ou nela estacionam, tem em conta a fluência da circulação e a segurança dos peões — duas velhas aspirações dos vila-franquenses.

É enorme o volume de tráfego regional e nacional que, diariamente, atravessa a cidade e que, por certo, aumentará quando as novas taxas da portagem da Sacavém, agravando os ligeiros em cem por cento e os pesados em 25%, entrarem, em 1 de Novembro, em vigor. Se até agora o movimento já era superior à própria capacidade da cidade, sobretudo de pesados do tráfego nacional, de quinta-feira em

diante será ainda pior, ao que tudo leva a supor. Aliás, não é por mero capricho que a câmara municipal vila-franquense vem reclamando a transferência da portagem de Sacavém para a sua área.

O regulamento de circulação e estacionamento de Vila Franca atende a outras necessidades sentidas pela população da cidade e concelho: as do ordenamento do estacionamento automóvel e do aumento da zona reservada aos peões. Medidas nesse sentido foram tomadas há cerca de um ano, ainda em fase experimental, nomeadamente a circulação, apenas num sentido, na Av. Pedro Vitor, e a abertura de um parque de estacionamento de grande capacidade sob o viaduto da auto-estrada, onde antes funcionava o mercado abastecedor.

Demolições vão continuar...

Carlos Melancia preconiza plano de recuperação da ilha de Faro

Um plano de recuperação da ilha de Faro a incluir nos projectos da autarquia daquela cidade algarvia, foi defendido pelo ministro do Mar em entrevista difundida ontem pela RDP-Sul.

«Espero que um plano de recuperação da ilha de Faro seja feito, embora seja extremamente desagradável porque à Câmara vai ter de demolir mais de metade do que lá está», afirmou nomeadamente Carlos Melancia.

Interrogado sobre uma possibilidade de vir a ser concessionada à Câmara de Faro uma nova «fatia» da ilha (zona nascente), Carlos Melancia disse que «não é pacífico que o Estado venha entregar a terceiros este tipo de responsabilidades, quando o exemplo é aterrador».

Falando da globalidade da Reserva da Ria Formosa, o ministro vinco a sua importância como reserva europeia, além de constituir «um nateiro que permite alimentar grande parte dos pescadores que existem na costa algarvia».

Carlos Melancia fez notar que para reconstituir as potencialidades da zona «não nos podemos limitar à correcção do volume elevado das construções clandestinas, mas também às extracções de areia, captações ilegais, esgotos e outros».

«A extensão do problema da Ria Formosa transcende formalmente os nossos recursos próprios, designadamente no que diz

respeito ao saneamento» — acrescentou o ministro.

Adiantou que o saneamento da zona envolve verbas astronómicas que não são facilmente mobilizáveis e, fez notar, dado que a reserva é de interesse europeu, que haverá possibilidades de acesso aos meios comunitários para eventualmente dispor desses recursos.

Na óptica do ministro, entre as correcções a fazer está o «aliviar» das dunas primárias das casas que lá foram construídas, clandestinamente, nomeadamente em áreas do domínio público marítimo.

Para o efeito, existe um plano de demolições na sequência da deliberação conjunta dos Ministérios da Qualidade de Vida e do Mar, já executado em parte mas que continuará a processar-se, frisou o ministro.

Carlos Melancia afirmou que o plano de ordenamento da Ria Formosa está em elaboração mas, sublinhou, «por mais imaginativo que seja» as casas que se encontram nas dunas primárias «nunca poderão ser contempladas».

Adiantou que não haverá demolições intensivas enquanto o plano não estiver concluído, sublinhando que as demolições que foram feitas são apenas uma parcela insignificante de um plano de reequilíbrio de toda a reserva da Ria Formosa.

Almodôvar vai mesmo ter rastreio de satélites

O presidente da Câmara de Almodôvar revelou à RDP/Sul que a estação de rastreio de satélites que os Estados Unidos pretendem construir em Portugal ficará instalada no seu concelho.

António Saleiro anunciou que neste momento já se estão a desenvolver negociações para a aquisição de terrenos e que agora «é uma questão de meses» até ao início da construção.

O presidente da Câmara, que disse pensar obter «algumas contrapartidas» para o concelho face à referida instalação, não considera que ela venha a causar qualquer perigo para a segurança das pessoas.

«Uma estação de rastreio de satélites é um instrumento que consegue captar imagens a uma

determinada altura e penso que não é mais nada» — disse, a propósito, o autarca.

«Se vamos apreciar a estação em termos de guerra teremos de pôr o problema de outra forma e eu pergunto: Almodôvar não poderá prestar um grande favor à Humanidade se com esta instalação se conseguir detectar qualquer engenho mortífero e, a partir da sua detecção, permitir que seja eliminado, evitando uma nova Hiroxima?»

«Se nós, em Almodôvar, tivermos um instrumento que evite isso, eu sinto-me orgulhoso e a população do concelho vai igualmente senti-lo porque foi Almodôvar que permitiu evitar a guerra».



Banco de Fomento Nacional

SETÚBAL

NOVAS INSTALAÇÕES



Para os nossos Clientes, um novo ambiente no contacto de cada dia.

Agora em instalações mais amplas e acolhedoras, os nossos serviços serão mais rápidos e eficientes.

de ontem para hoje

Um rapaz e duas raparigas vitimados em Vilar Formoso

Um rapaz e duas raparigas morreram no sábado à noite quando o automóvel em que viajavam se despiu próximo da fronteira de Vilar Formoso. Uma quarta jovem, que também seguia no veículo, encontra-se em estado grave nos Hospitais Universitários de Coimbra. As três vítimas mortais são Carlos Alberto Prata Amador, 21 anos, Ondina Garcês Limão, que completaria hoje 22 anos, e Rita, de 17. As causas do acidente ainda não foram determinadas.

O despejo pelo Tribunal de Oeiras



Na reportagem que na nossa edição da passada quarta-feira publicámos, assinada por Manuel Geraldo, sobre a acção de despejo pelo Tribunal de Oeiras de um casal, em Carnaxide (Queijas), julgamos de interesse precisar melhor duas ou três das questões expostas. Assim, o cobrador e primo do senhorio, Adelino, continuou a comparecer todos os meses no prédio, só que a partir de Outubro de 1981 passou a recusar-se a receber as rendas ao casal Oliveira, dizendo estar a cumprir ordens do dono da casa. Por outro lado, como testemunha do senhorio apareceu

não só a inquilina do andar, Fátima, como também o seu companheiro António Jorge. Quanto à jovem médica (filha de um merceiro residente na zona) não esteve presente em tribunal mas está disposta a afirmar que visitou Lúcia Oliveira em sua casa, quando a esta lhe nasceu a filha mais nova, prova de que vivia ali. Registe-se, entretanto, que a polémica sentença foi dada pelo juiz dr. Manuel Marques Ferreira. Relativamente aos advogados, na bancada da defesa esteve o dr. Querido Varela e na da acusação o dr. Filomeno de Almeida.

Mãe e filha mortas num poço

Mãe e filha, dadas como desaparecidas há oito dias, foram encontradas mortas anteontem num poço localizado na freguesia dos Canhas, concelho de Ponta do Sol, no Funchal, segundo afirmou o marido. Maria Martinho Sousa Coelho, de 24 anos e a filha Sónia Patrícia, de três, tinham ido de visita a casa de familiares. O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária do Funchal.

Burlão surpreendido em Setúbal

Um indivíduo de 58 anos, de apelido Faria, foi detido pela Polícia Judiciária, em Setúbal, sob a acusação de ter efectuado várias burlas, fazendo-se passar por chefe de vendas de uma firma com sede em Coimbra. Procurado já por passar cheques sem cobertura, Faria fazia a «venda» de máquinas

registradoras, e celebrava contratos de assistência técnica, recebendo para o efeito determinações importâncias como sinal. As burlas foram praticadas em Viseu, Mangualde, Nelas, Coimbra, Aveiro, Setúbal, Alcacêr do Sal, Sines e Santiago do Cacém.

Afogado sobrinho de Freitas do Amaral

Um sobrinho do prof. Freitas do Amaral morreu ontem à tarde afogado quando, depois do almoço, foi tomar banho na piscina do Clube Fluvial Portuense. António Rui Serpa Pinto Freitas do Amaral, de 23 anos, estudante, residia com os pais na Foz do Douro.

Os cestos não eram de basquetebol

Por lapso da fonte de informação a que recorremos, referimos que no armazém destruído, na passada quarta-feira, por uma explosão no Funchal, tinham sido destruídos cestos de basquetebol destinados à exportação. Acontece que, ao

que apurámos posteriormente, os cestos eram apenas de vime. Aqui fica portanto a rectificação, dirigida sobretudo ao «Jornal da Madeira» que, sempre «atento», deu pelo lapso. Aquilo é que são uns «revisores».

Operário esmagado por bobina

Um operário morreu no sábado em Calheta, na Madeira, colhido por uma bobina de cabos metálicos. Avelino José Gouveia, de 23 anos, procedia na altura, com outros companheiros de trabalho, à montagem de fios eléctricos. O acidente está a ser investigado pela PJ do Funchal.

Escondeu o cadáver nos arbustos

Um emigrante em França, Joaquim Fernandes Araújo, de 33 anos, trolha de profissão, foi atropelado mortalmente anteontem em Roriz Santos tendo o condutor do veículo es-

condido o cadáver entre os arbustos onde só ontem à tarde foi encontrado. Joaquim Araújo estava a passar umas férias em Portugal com a mulher e os seus dois filhos.

Contrabando de gado e «flipers»

A Guarda Fiscal apreendeu, por delito de contrabando, na região da Zebreira, onze cabeças de gado bovino e 23 máquinas eléctricas, tipo flipper e vídeo, em Alcântara, Póvoa de Varzim, Porto, Alcabideche, Santiago de Cacém e Odemira. O gado foi avaliado em 1220 contos e as máquinas em 8200 contos.

EPAL analisa e investiga

Lisboa: água com óleo

Óleo de tipo indeterminado foi detectado na água que a EPAL fornece a vários concelhos da Grande Lisboa, nomeadamente em Sintra, onde os teores registados excedem as concentrações máximas admitidas internacionalmente.

As colheitas de amostras feitas desde Setembro passado na zona de Mem Martins apontam para valores que tornam a água imprópria para consumo. As percentagens registadas — entre 20 e 30 miligramas de gorduras e óleos por litro — são contestadas pelo presidente do conselho de gerência da EPAL, engenheiro Van Hoff Ribeiro, que não põe, no

entanto, em causa a veracidade das análises efectuadas.

«A contaminação não é de certeza na produção, mas pode ter-se verificado em zona intermédia», garantiu-nos esta manhã. A análise de óleo é segundo nos afirmou, «extremamente difícil de fazer» e a própria EPAL não estava preparada para isso. A empresa está neste momento a realizar análises sucessivas, cujos resultados serão oportunamente divulgados. Para o engenheiro Van Hoff Ribeiro, a origem dos óleos pode estar «num barco que tenha derramado óleo no Tejo», ou em alguém que no percurso da água tenha introduzido elementos po-

luentes nas tubagens.

Em qualquer destas hipóteses adiantadas pelo presidente do conselho de gerência da EPAL, não há meio da empresa poder assegurar um controlo integral. Para ilustrar a situação, Hoff Ribeiro deu-nos conta de um arrombamento, verificado há cerca de 20 dias, da porta do reservatório de Careque, onde se situa a estação elevatória que serve o concelho de Sintra.

Relativamente a outras situações do mesmo tipo que terão sido registadas, como é o caso de Telheiras, Hoff Ribeiro foi formal: «Desconheço. Nunca ouvi falar nisso».

Às 10 horas de hoje

Mais um banco assaltado em Trofa

A agência de Trofa, nos arredores do Porto, do Banco Borge e Irmão, foi assaltada, cerca das 10 horas desta manhã, por cinco indivíduos armados e de rosto tapado que levaram «dois sacos cheios de dinheiro», cujo quantitativo ainda não foi revelado. Pelas indicações, as autoridades pensam que se trata dos mesmos elementos que já assalta-

ram naquela mesma localidade, e por duas vezes, a dependência do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Quando abandonavam o edifício, os assaltantes cruzaram-se com uma testemunha accidental, uma mulher, a quem entregaram um maço de notas que a mesma acabou por devolver ao banco. Durante o «golpe», uma senhora

grávida, que estava junto ao balcão, desmaiou e teve de ser conduzida de ambulância ao Hospital de S. João.

Os cinco homens abandonaram o local num automóvel que a PJ afirma ter sido roubado ontem à noite na Póvoa de Varzim. O alarme da agência foi accionada, mas a GNR só ali chegou cerca de dez minutos depois.

A apreensão do iate com haxixe em Cascais

Cérebro da 'rede libanesa' capturado em Birmingham

A «Operação Tónica», que levou à apreensão de um iate britânico em Cascais, com dois mil quilos de haxixe a bordo, já levou à detenção de dez membros da rede, sete deles capturados em

Portugal e três em Inglaterra. Ao contrário do que foi inicialmente noticiado, as autoridades não encontraram ninguém no interior do «Too Extravagant», tendo as de-

tenções sido efectuadas posteriormente num hotel de luxo daquela vila e no aeroporto da Portela. Trata-se de um libanês, uma inglesa e quatro ingleses e ainda

de uma mulher de nacionalidade alemã, todos com idades compreendidas entre os dezasseis e os trinta anos. Quanto aos três homens detidos em Birmingham são todos de nacionalidade ingle-

sa, encontrando-se entre eles o «cérebro» da rede.

O haxixe apreendido, da melhor qualidade, conhecido pela designação de «ouro do Líbano», foi avaliado em cerca de oitocentos mil contos e estava depositado em câmaras-de-ar. Quanto às armas encontradas a bordo são pistolas destinadas a «defesa pessoal», não se confirmando as-

sim a descoberta de armas de guerra e granadas.

A operação, levada a cabo em sintonia com as autoridades policiais inglesas, envolveu elementos da Polícia Judiciária, Polícia Marítima, Alfândega e Armada, apoiada pela corveta «Almirante Baptista de Andrade».

O iate «Too Extravagant» já se encontra ancorado no Cais da Marinha, em Alcântara.

Acção reivindicada pelas «FP-25»

Despedimento na origem da explosão da Golegã

Um indivíduo que se intitulou porta-voz das «Forças Populares 25 de Abril» reivindicou no sábado em telefonema para a Rádio Comercial a explosão de uma bomba na Golegã. A bomba danificou de madrugada o automóvel de um industrial. Segundo o alegado porta-voz, o atentado constituiu uma «retaliação» contra a «repressão sobre trabalhadores» pelo industrial Silva Lopes.

Entretanto, segundo divulgou o industrial, o despedimento de uma trabalhadora, ocorrido há dois dias, pode estar na origem da explosão.

António Pereira Lopes, proprietário da empresa «Lopes e Neto», que fabrica tapetes e forros, disse à NP que há alguns meses que vários tapetes vinham sendo devolvidos devido a mal acabamento.

A funcionária Maria Inês Rato, segundo o industrial, era responsável pelos acabamentos, tendo sido avisada do retorno das peças.

«Mas os tapetes continuaram a ser devolvidos e a gerência colocou um aviso sublinhando que os empregados que fossem responsáveis pelo acabamento dos produtos seriam suspensos por oito dias» — disse o sócio-ge-

rente da empresa. «Os tapetes continuavam mal acabados e a empregada foi suspensa por oito dias» — disse.

Segundo António Pereira Lopes, Maria Inês Rato apresentou queixa ao Sindicato das Costureiras da Zona Centro e «então foi instaurado o processo disciplinar com vista ao seu despedimento, tudo dentro da legalidade, o que veio a ocorrer há dois dias».

Após busca às celas-enfermarias

Nove detidos do «caso FP-25» transferidos do Hospital de Caxias

Joaquim Dias Lourenço, Mouta Liz, António Garrido, José Manuel Prates, Padre Crespo, Acácio Justo, Alberto Querido, Maria Teresa Seródio e Maria Helena Marques foram transferidos para a Penitenciária de Lisboa e para a Cadeia das Mónicas por, segundo uma fonte da Prisão Hospital de Caxias, «terem tido alta».

A mesma fonte confirmou ao «DL» a busca efectuada no sábado de manhã, por 60 polícias ar-

mados de «G-3» às celas-enfermarias onde se encontravam internados 34 detidos no caso das FP, em consequência de 38 dias de greve da fome total. «Não vimos nada de especial», salientou o mesmo informador.

No entanto, em posição entretanto vinda a público a Comissão de Familiares e Amigos dos Presos Políticos afirma que os detidos em causa «foram transferidos compulsivamente e sem lhes

ter sido feito qualquer exame médico após a greve de fome». Aquela Comissão responsabiliza pela situação o dr. Aurélio de Almeida e a Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, manifestando a sua apreensão «por estas transferências sem qualquer critério, tendo em conta o estado de saúde em que se encontram os seus familiares». Aliás, a Comissão afirma que o dr. Aurélio de Almeida «nunca visitou qualquer com-

panheiro, durante e depois da greve de fome, limitando-se a receber no seu gabinete quem quisesse, apesar da situação de

acamados dos detidos». Por este motivo, prossegue o comunicado, os detidos comunicaram àquele clínico que dispensavam a sua assistência e requereram ao director do Hospital a presença da dr.ª Isabel do Carmo, pedido que foi indeferido.

PJ fala em

«pacto de sangue»

Casal alemão enforcado num pinhal em Monchique

Um casal alemão ocidental foi encontrado enforcado, na tarde de ontem, num pinhal próximo de Marco, a oito quilómetros de Monchique, no Algarve. Os dois corpos estavam suspensos em pinheiros diferentes, colocados a cerca de dez metros de distância um do outro. A macabra descoberta ficou a dever-se a um caçador que passou pelo local.

Tolna Heirinch, de 32 anos, natural de Weppertal-Elberfeld, de 32 anos, entrara em Portugal no passado dia 15 de Agosto, pela fronteira do Caia, e quanto a Willi Richard Grabe, de 44, nascido em Muultansen-Thur, ainda não é conhecido a data em que chegou ao nosso país.

Na orla do pinhal foi encontrado o automóvel, de matrícula alemã, em que tudo indica o casal se transportou.

Segundo afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz da Polícia Judiciária de Portimão, não existem quaisquer indícios que possam levar a suspeitar de crime, tudo indicando tratar-se de suicídio por comum acordo, designado por «pacto de sangue».

Serra da Estrela e Sertã no Festival de Gastronomia

Do carolo, quando nos chupam o miolo

Será que a salvação dos portugueses está no carolo do milho, neste tempo de dificuldades cada vez maiores, que vão do preço dos alimentos a algumas e conhecidas dificuldades fisiológicas que se generalizam?

A pergunta coloca-se depois do êxito obtido no «Dia da Serra da Estrela», ontem, no IV Festival de Gastronomia de Santarém. Um cozinheiro de uma pensão da Covilhã, José Aleixo dos Santos, recuperou como especialidade regional o carolo de milho, afinal a parte tradicionalmente inaproveitada, sob a forma de doce (ver «uma receita por dia»).

«Antigamente, dadas as dificuldades, o carolo de milho era sempre aproveitado na alimentação, na nossa região «contam-nos ele. «E olhe que vale a pena, numa zona que até tem boas áreas para a produção do cereal» — acrescenta.

«Actualmente, como as coisas estão a ir para pior, já há muito quem se volte para a produção de milho e também para o aproveitamento do carolo» — infomam-nos, ainda, José dos Santos.

Uma das vantagens consabidas da utilização do carolo na

alimentação humana é a de que, naturalmente, oferece no combate à prisão de ventre, uma dose civilizacional que também alastra no nosso país (é tudo crise!).

Mas, em matéria de pratos, conta-nos o cozinheiro, aquilo que é um doce utilizável como sobremesa pode ser facilmente transformado em prato ou guarnição. Basta pôr azeite em vez de manteiga e sal onde se lê açúcar. O preço resultante é muito baixo, uma forma eficaz de compensar o que nos levam em impostos.

Assim, continuando a falar do «Dia da Serra da Estrela», se poderá passar rapidamente para o resto que constava da ementa: trutas grelhadas para dar repouso a uma sopa de feijão à Pastor, com o cabrito assado à Serrano. Depois, o doce de carolo e, inevitavelmente, um queijo da região, proporcionado pelo próprio Parque Natural. E, curiosamente, nem por isso a fazer tilintar as campainhas do sétimo céu.

Um protesto ligeiro: trutas como prato típico, não passando do que é vulgar, à mesma hora em qualquer hospital distrital (na

grelha, portanto), resulta um tanto frustrante. «Mas olhe que fica bastante caro, porque leva muito limão e manteiga. E assim toda a gente pode comer», diz o cozinheiro que confeccionou o prato do restaurante Chave da Beira, de Belmonte.

Sertã apostou forte

No sábado fora o dia da Sertã, uma aposta forte como o próprio presidente da Câmara local vinçaria, em declarações aos jornalistas. E, afinal, há uma certa le-

gitimidade nesta descida «ao povoado». «Somos um concelho que dispõe, de momento, de 200 camas e de bons restaurantes; temos as nossas albufeiras que permitem a prática de desportos náuticos; vamos ser integrados na Região Turística dos Templários» — assim se expressava o autarca, no sentido de reforçar a legitimidade da presença.

E foi um êxito unanimemente reconhecido, este da presença da região da Sertã no Festival de Santarém. Além dos tradicionais

presuntos e enchidos, os almoçantes confrontaram-se com uma sopa de peixe do rio, uma tiborna de bacalhau, maranhos e bucho (para muitos, estes dois últimos são certamente um mistério).

Agora, a gente da Sertã, antes de regressar a penates, vai ter oportunidade de sedimentar — num tasquinho que funciona nas antigas cavalariças da Casa do Campino — os louros que conquistou nas vastas mesas da sala grande.

Uma nota final sobre o que aí vem, já amanhã, sob a forma de ementa representativa da Região do Oeste. Assim, perfila-se nos horizontes mais uma sopa de peixe, seguida de peixe grelhado da Costa do Oeste e uma nova variedade de cabrito no forno. Os vinhos da região não precisam de palavras e esperamos que façam justiça ao reconhecimento geral. Quanto aos doces, sabe-se que as Caldas da Rainha estão incluídas no grupo representado. Portanto, gulosos, aprestem-se: trouxas de ovos, cavaças, pão de ló, alcaides, pastéis de feijão e leões (os de Rio Maior, pois então!).

Rogério Vidigal

Uma receita por dia
Doce de carolo

(Receita de José Aleixo dos Santos, cozinheiro da Pensão S. Francisco, na Covilhã).

Ingredientes (para sete pessoas): 20 gramas de carolo de milho; 1,5 decilitros de água; meio decilitro de leite; 20 gramas de açúcar; uma colher de café de manteiga; canela em pó para decorar.

Confeção: põe-se o carolo de milho a cozer na água durante dez minutos; acrescenta-se, por fim, o leite e, a terminar a fervura, o açúcar e a manteiga. Serve-se em pratinhos (doses individuais) ou em travessa colectiva, permitindo que cada um tire a sua quantidade.

Festival de Barmen na capital do Ribatejo

O «shaker» à conquista do interior

A primeira vez que o autor destas linhas se atreveu a pedir cerveja numa das tasquinhas da «Gastronomia» foi amavelmente repreendido: «O quê? Aqui bebe-se vinho». Um exemplo típico dos hábitos dominantes nesta cidade de Santarém, do Ribatejo e, afinal, do País, exceptuando que sejam os centros turísticos.

Ou seja, os barmen, com a sigla da associação respectiva, que ontem se atreveram a um festival/concurso, em público, no recinto da Feira Nacional da Agricultura, foram jogar a casa do adversário. Ao que parece, coisa pacífica, pela assistência calada, expectante e até participante (foram provando, os que puderam...).

Isto está, resumindo, no sangue desta pequena, mas operativa miniclasa profissional do sector hoteleiro. Não se bastam com a representação em festivais um pouco por todo o Mundo. Atravem-se, como é o caso, ao sacrilégio de fazer ouvir o «shaker» onde o vinho ainda impera.

«Já vai havendo por aqui um ou outro bar, alguma discoteca. Mas o aperitivo, o 'long drink', ainda estão longe de entrar nos hábitos das gentes do interior» — explicava-nos um elemento da Associação de Barmen.

«As empresas de bebidas colaboram connosco» — completa um outro profissional, Francisco António Pimpista. «Nós viemos aqui para elaborar aperitivos, antes de cada um dos almoços, com as bebidas regionais que nos põem ao dispor».

Na véspera, por exemplo, os então candidatos ao leito tiveram acesso a um aperitivo em que se misturavam, amigavelmente, porque tinham as propor-

ções garantidas, um espumante da Bairrada e um licor de Cassis.

«É muito importante estar aqui. Havia muito quem não nos conhecesse» — comenta, ainda, Francisco Pimpista, um Ex-Avis, um ex-Ritz, agora estabelecido por conta própria.

Relevo do barman
(hortaliça à parte)

Era uma azáfama, a entrada daquela cozinha na Casa do Campino, ali por onde antes tinham passado travessas e travessas de trutas e fornadas de cabrito. Agora era o descasque de «hortaliças» tão diversas como cenouras, pepinos, limões, laranjas, ananases, bananas, a par de preparativos sobre hortelã fresca, ou o manuseamento de adereços vários, de uma minisombrinha a um ainda mais minibrinco.

«A hortaliça faz parte da ornamentação, destina-se a completar aquilo que o cliente vai encontrar na sua bebida» — eis como Francisco Pimpista acompanha a nossa presença. E acrescenta: «Dizem que se come com os olhos, mas o mesmo acontece com a bebida».

No fundo, tudo isto respeita aos cuidados de um conjunto de profissionais que se considera importante no conjunto da actividade hoteleira. «Somos relações públicas e confidentes, vendedores de bebidas e amigos» — diz o nosso interlocutor.

Os barmen, garante-nos, têm de aceitar as más disposições de quem aparece; não devem nunca deixar de ter pé firme na boa disposição, com o objectivo



Os barmen instalaram-se em Santarém com «armas» (apoiados pelos distribuidores de bebidas) e bagagens

último de levarem o cliente a sentir-se de bem com a vida.

E, assim, segundo Francisco Pimpista, têm conseguido verdadeiros milagres. «É que mesmo certas bebidas que nós preparamos, ao momento, correspondem à leitura que nós fazemos de cada cliente. E muitos deles ficam a considerar-se donos de uma bebida que lhes foi servida num desses momentos».

Daí que se encontrem em alguns bares «Mendonças Cocktails», «Gonçalves Aperitifs» e

coisas do género que cada um pede a meia voz, com cumplicidade, quase como se estivesse

possuidor da chave de um cofre suíço onde o dinheiro fosse ele próprio a felicidade. R.V.

Receita de «long drink»

(Fornecida por Fernando Brito, do Bar Viladeste, em Cascais, e que lhe mereceu recentemente um prémio em Itália).

Proporções: 3/10 de licor de coco Malibu; 3/10 de vodka; 3/10 de sumo de ananaz natural; 1/10 de Curaçau blue. Bate-se no «shaker» e completa-se com limonada de garrafa.

CORAL DE LETRAS DE COIMBRA

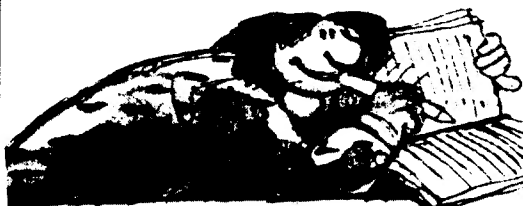
Pretende: DIRECTOR ARTÍSTICO

1984/85

Resposta por carta acompanhada de «curriculum»

CELUC — Associação Académica de Coimbra

3000 COIMBRA



EXTERNATOS SENECA
UM ENSINO RESPONSÁVEL

Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel. 520092 e 822776

ARTIGO
DE
FUNDO

MÁRIO
CASTROM

Fora, na realidade, um jogo importante. Pelo menos por três vezes lhe chamaram trágico. Seria, pois, natural que dele se tratasse com desenvolvimento em «Domingo Desportivo».

Lamentavelmente, porém, o jornalista apenas entrevistou o representante de uma equipa. Erro de base. Há que ouvir as duas partes. Para fugir a esta regra lá está o *Telejornal*. Espera-se que tal não se volte a repetir. O domingo, quando anoitece desportivo, é para todos. Verdade seja dita que o jogador em questão se mostrou dentro da mais rigorosa objectividade.

— É capaz de descrever o lance do gol? — perguntou o entrevistador.

— Perfeitamente — respondeu o jogador — Fiz-me à bola para interceptar o lance. Ainda lhe toquei mas a bola chocou na perna de um adversário, descreveu uma curva por cima do guarda-redes que se adiantara no terreno e a saltar foi entrar na baliza deserta.

— Isso perto do fim...

— Faltavam quatro minutos para acabar o desafio. Autêntico balde de água fria, como deve calcular. Os milhares de pessoas que presenciavam o jogo viram claramente que a minha equipa fora a melhor dentro das quatro linhas.

— E o penalty? Fale-me lá disso...

— Bom, como deve calcular não é nada agradável falar de coisas desagradáveis.

— Mas considera que foi bem assinalado?

— Não, não foi. Ora repare: a bola foi chutada com extrema violência e de muito perto, digamos que a queima-roupa, e batem-me no braço. Sem margem para dúvidas: foi bola à mão e não mão à bola. Os próprios adversários não exigiram a grande penalidade. A única pessoa que a viu foi precisamente... o árbitro!

— Pelo tom da sua voz parece que tem alguma coisa contra os árbitros...

— Está enganado. Nem contra este nem contra nenhum. Os árbitros estão investidos de uma missão muito difícil. Podem enganar-se, claro. São apenas homens, não são deuses. Não, não guardo nenhum azedume.

Jornalista e jogador ficaram ainda conversando sobre as peripécias do jogo. De um jogo que se realizara há trinta anos.

comunicação social

Secretário das Comunicações a favor da existência de rádios locais privados

O secretário de Estado das Comunicações manifestou-se recentemente a favor da existência de rádios locais privados, embora no quadro de uma adequada regulamentação.

Em artigo assinado na «Acção Socialista», Raul Junqueiro escreve que o Governo teve uma acção fundamental no impulso ao movimento de opinião a favor das rádios locais e que compete agora à Assembleia da República definir as regras do jogo.

«As rádios locais constituem um meio perfeitamente adequado para dar a palavra ao comum dos cidadãos, sendo um meio importante para o desenvolvimento local e regional um factor de promoção sociocultural» — escreve aquele membro do Governo.

Raul Junqueiro revelou que o Governo, entretanto, já concluiu o plano nacional da faixa de Radiodifusão sonora em frequência modulada que será ratificada a partir de hoje, dia 29, na conferência administrativa regional de radiocomunicações.

O plano contempla nomeadamente sete coberturas nacionais, tendo sido possível considerar mais três coberturas na faixa dos 100 aos 108 MHz, além das quatro já consideradas no plano anterior (Estocolmo/61). Além disso, sendo cada emissor independente, poderá regionalizar-se qualquer conjunto de emissores no que toca a programas.

Nos termos do plano, todos os centros urbanos com dez mil ou mais habitantes poderão vir a dispor de uma estação local, com potência suficiente para colocar nos limites dos mesmos o campo mínimo recomendado, mas nunca superior a 1 KW.

Por outro lado, todas as sedes de concelho com população inferior a 10 mil habitantes poderão dispor de um emissor de potência não ultrapassando os 500 Watt com os mesmos objectivos.

Raul Junqueiro afirma assim que «não será por dificuldades técnicas que deixarão de ser atribuídos novos alvarás de licenciamento para estações operando em FM, quer o seu âmbito seja local, quer nacional».

Quanto à proposta do licenciamento das estações emissores de Radiodifusão, Raul Junqueiro afirma ter algumas reservas em relação a ela, nomeadamente quanto aos prazos dos processos dos novos licenciamentos.

Refira-se, por fim, que o secretário de Estado das Comunicações revelou que em Julho deste ano se encontravam a emitir em Portugal, com maior ou menor regularidade, 19 estações de rádio local, das quais 14 foram observadas pela primeira vez em 1984.

Espanha: pena até 6 anos para jornalistas «indiscretos»

O Governo socialista espanhol apresentou no Parlamento um projecto de lei que pune com penas até seis anos de prisão jornalistas que revelem informações secretas sobre segurança nacional.

O projecto de lei, que se encontra em estudo numa Comissão Parlamentar, insere-se num plano de reforma judicial tendente a limitar a jurisdição militar sobre crimes civis.

A nova lei, que deve entrar em vigor em Setembro de 1985, substituirá o Código Militar que pune a publicação de segredos sobre a defesa militar com um máximo de 30 anos de prisão.

Ao abrigo do Código, resquício da era franquista, as pessoas condenadas por serem em perigo a segurança nacional podiam mesmo ser condenadas à morte, pena essa que foi abolida em 1978 pela nova Constituição espanhola.

Abouchar confessa entrada clandestina

O jornalista da televisão francesa Jacques Abouchar, em Paris desde sábado, depois de libertado pelas autoridades afeças que o haviam condenado a 18 anos de prisão por espionagem, afirmou que nunca admitiu as acusações de que era alvo.

Confessou, no entanto, que entrara clandestinamente no Afeganistão, acompanhando uma coluna contrária ao governo de Cabul.

Entretanto, o ministro afeção dos Negócios Estrangeiros, Sarwar Yuresh, fez saber ao deputado francês Tavernier, que foi a Cabul receber Abouchar, que o seu governo não permitirá que mais jornalistas entrem no país ilegalmente.

Em busca de asilo

Um jornalista soviético descontente com a falta de liberdade de imprensa no seu país obteve refúgio em Espanha e procura asilo político nos Estados Unidos, Grã-Bretanha ou Alemanha Federal — anunciou o jornal madrileno «El País», segundo apurou a agência Notícias de Portugal.

O jornalista chama-se Andrei Yurevitch Solomin, 21 anos, e desertou de um barco de pesca soviético ancorado em Las Palmas, nas Ilhas Canárias, no passado dia 13, afirma o diário espanhol.

O governo espanhol concedeu a Solomin refúgio temporário, tendo este seguido para Madrid, enquanto a Cruz Vermelha Internacional procura encontrar um país que lhe conceda asilo político.

Atacado em Jerusalém um autocarro de palestinianos

Um atacante não identificado disparou ontem um míssil antitanque sobre um autocarro com palestinianos, matando um homem e ferindo outras dez pessoas.

Um bilhete encontrado pela Polícia junto do lança-mísseis ameaça com mais ataques contra palestinianos.

Um comunicado da Polícia informa que o atacante diz na nota ter agido em retaliação contra o assassinio de dois estudantes judeus israelitas na semana passada.

Os autores são «um grupo, cujo tamanho se desconhece por enquanto, que querem fazer justiça com as próprias mãos por motivos racistas e nacionalistas, são extremistas que querem atacar inocentes», disse na rádio o ministro israelita da Polícia, Haim Bar-Lev.

O ministro referiu que o bilhete «anuncia que eles agem, porque o governo israelita não usa a pena de morte contra terroristas assassinos e que pararão se o governo a usar».

A rádio das Forças Armadas acrescentava que a nota ameaçava com o «começo da guerra contra os árabes», se o governo não impuser a pena de morte. Um informador da Polícia disse que o bilhete não fora escrito com estas palavras, mas que a substância era aquela.

A Polícia prendeu três suspeitos do ataque contra o autocarro, informou o superintendente da Polícia de Jerusalém, Abraham Turgheman.

No distrito municipal de Jerusalém residem 280 mil judeus e 120 mil palestinianos sendo estes últimos a maior concentração de árabes no país.

O ataque de hoje pode alterar o delicado equilíbrio de convivência entre as duas comunidades desta cidade, onde tem sede o governo israelita.

O primeiro-ministro Simon Peres assegurou que o seu governo «não permitirá nenhum tipo de terrorismo», enquanto que o rabi Moisés Levinger responsabilizou as autoridades pelo ataque.

O rabi Levinger disse ainda que, «se o governo não aplicar a pena de morte aos terroristas árabes, os jovens judeus irão fazê-lo por sua conta».

Tiroteio violento em Beirute

Tropas do Exército libanês e milícias muçulmanas drusas travaram ontem duelos de artilharia atingindo áreas residenciais de Beirute, anunciaram fontes militares.

Emissoras libanesas indicaram terem ficado feridas seis pessoas nos pesados combates registados no sector muçulmano de Beirute, que ocorreram horas depois do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, «sir» Geoffrey Howe, e o presidente libanês, Amin Gemayel, terem discutido a retirada das forças estrangeiras do Líbano.

A rádio muçulmana Mourabitoun acusou as milícias cristãs falangistas de lançarem granadas contra quartéis muçulmanos, enquanto a rádio Cristã Voz do Líbano disse que atiradores drusos entrincheirados nas montanhas Shouf dispararam granadas de artilharia sobre áreas cristãs.

Um porta-voz da comissão multilateral para o cessar-fogo disse terem sido contadas 84 explosões nos dois sectores de Beirute, o pior tiroteio ocorrido na capital libanesa desde o Verão.

Supostamente assassinado por um capitão da Polícia

Corpo do padre Popielusko continua por encontrar

As autoridades polacas temem que o assassinio do sacerdote Jerzy Popielusko, vogal do Solidarnosc, dê origem a distúrbios. Nas ruas de Varsóvia, as patrulhas de polícia foram reforçadas e o comité de defesa da região de Varsóvia reuniu-se para tomar as decisões necessárias em caso de ameaça de motins. Entretanto, continuam as buscas para encontrar o corpo do padre Popielusko, raptado no passado dia 19 por três funcionários do Ministério do Interior. São eles o capitão Grzegorz Piotrowski, «cérebro» da acção, o tenente Leszek Pekala e Waldemar Chmiesewski.

As suas identidades foram conhecidas no sábado quando o ministro polaco do Interior, através de uma mensagem transmitida pela Televisão, anunciou que aqueles três funcionários confessaram ter raptado o padre Popielusko e que o «cérebro» do rapto disse tê-lo morto com as «suas próprias mãos». No entanto, as declarações dos raptores são contraditórias, tendo um deles dito que o padre se encontrava vivo quando o deixaram fora da cidade de Torun, no norte da Polónia.

Na sua comunicação ao país, o ministro do Interior frisou que o corpo do sacerdote ainda não fora encontrado e que as autoridades não estavam certas de que ele tivesse morrido. «O organizador do rapto disse ter morto a vítima. O organizador do rapto afirma que a sua acção foi provocada pela exagerada actividade política do padre Popielusko», afirmou o ministro, que adiantou que os três raptores poderão ser condenados à morte se forem considerados culpados.

O ministro pediu ainda à população que não permita que os inimigos do Estado aproveitem esta «tragédia humana» e chamou a atenção das pessoas para o «perigo de se deixarem envolver em movimentações de consequências incalculáveis».

Por seu lado, o líder do Solidarnosc, Lech Walesa, afirmou ontem que os autores do rapto do



padre Popielusko pretendem provocar milhões de ex-membros da proibida central sindical.

Dirigindo-se a cerca de 15 mil pessoas que se encontravam na Igreja de Santa Brígida, em Gdansk, Walesa acentuou que o rapto foi um golpe tanto contra o Solidarnosc como contra o Governo. Walesa destacou que está a ter lugar uma luta pelo poder no seio do Governo entre Jaruzelski e os seus opositores e aconselhou os antigos elementos do Solidarnosc a manterem-se calmos «pelo menos durante uma semana». No mesmo sentido se pronunciou a hierarquia da Igreja católica polaca que pediu aos fiéis para dominarem as suas emoções.

Entretanto, em todas as igrejas da Polónia foram ontem celebradas missas pelo padre Popielusko. A igreja paroquial onde o sacerdote costumava celebrar missa acorrem cerca de cinquenta mil pessoas, que aí ouviram uma gravação da última missa dita por Popielusko antes de ser raptado. Fontes ligadas ao Solidarnosc frisaram que «as missas que o sacerdote celebrava regularmente pela pátria eram um escândalo para o regime». Essas missas realiza-

vam-se todos os meses desde Janeiro de 1982 a 18 de Outubro de 1984, dia em que foi raptado do seu carr quando seguia para Torun. O seu motorista identificou, no sábado, os raptores, tendo reconhecido um deles pelo rosto e os outros dois pelo andar.

Papa: apelo à paz

O Papa João Paulo II afirmou ontem que se encontrava ainda a rezar pelo padre polaco desaparecido e fez um apelo para a paz no seu país natal. Dirigindo-se a várias milhares de pessoas reunidas na praça de S. Pedro para a benção dominical, o Papa disse: «Estamos ainda a rezar pelo padre Popielusko e agradecemos a todos que se unam a nós numa oração sobre este incidente». «Pedimos a Deus que dê paz ao nosso país», disse o Papa, falando em polaco, para acrescentar: «Pedimos que este novo sacrifício possa servir para renovação espiritual da nossa nação».

Entretanto, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, qualificou de horrório assassinio o padre Popielusko. «O facto de ter sido assassinado por um capitão da

“New York Times” apoia candidatura de Mondale

O diário norte-americano «New York Times» apoiou, formalmente, o candidato presidencial democrata, Walter Mondale, afirmando que o presidente Ronald Reagan prosseguiu um programa de diplomacia perigosa e de cortes orçamentais que afectam os pobres.

Outros importantes diários dos Estados Unidos parecem estar divididos em relação aos dois candidatos, embora a opinião pública tenha atribuído a Reagan uma vantagem quase irreversível para Mondale.

O «Chicago Tribune» apoiou a reeleição de Reagan, apesar do que o jornal apelida de «retórica sem sentido (do presidente) nas questões de política externa e de controlo de armamentos».

Além daquele diário, também o «Kansas City Times», o «Cincinnati Post» e o «Hattiesburg American» (do Mississippi) decidiram apoiar Reagan, enquanto o «Philadelphia Inquirer», o «Detroit Free Press», o «Milwaukee Journal», o «Arkansas Gazette», o «St. Paul Pioneer Press-Dispatch» (do Minnesota) e o «St. Petersburg Times» (da Flórida), anunciaram o seu apoio a Mondale.

«O New York Times» afirmou em editorial que Mondale «ofereceu um conceito esclarecido e humano do que o Governo deve, e não deve, fazer. Sobre tudo, levará para a Casa Branca a vontade de controlar as armas nucleares...».

O jornal nova-iorquino afirma, nomeadamente: «Quem, provavelmente, agirá melhor nas negociações de armamentos no próximo mandato, Walter Mondale ou o presidente, que diverte a direita religiosa, insultando a União Soviética, apelidando-a de império do mal?».

O «New York Times» disse que o programa de política interna de Reagan é «repugnante». Adianta que o presidente «puniu os pobres e recuou nos direitos civis».

A diplomacia de Reagan tem sido «perigosa», afirmou o jornal. «Não somente falhou na estabilização da corrida às armas nucleares, mas alimentou-a até novos auge e não possui qualquer estratégia plausível para reconquistar o controlo».

Críticas soviéticas à campanha

A Imprensa oficial soviética

disse hoje que o presidente norte-americano, Ronald Reagan, e o seu rival, Walter Mondale, não se referiram aos verdadeiros problemas mundiais durante as suas campanhas para as eleições presidenciais de 6 de Novembro.

«Um debate nacional sério acerca dos verdadeiros problemas do país e — o que é mais importante para o futuro — os problemas da guerra e da paz, tem faltado na corrida para as eleições presidenciais», afirmou o diário do Partido Comunista «Pravda».

Um comentador no jornal da agricultura, «Selskaya Shizn» («Vida Rural»), escreveu que os eleitores estão a par da figura de Reagan, porque se verificou uma pronunciada corrida aos armamentos, a deterioração das relações Leste-Oeste e o aumento do desemprego durante o seu primeiro mandato.

«Mondale conhecem-no pela sua participação na anterior administração Carter, que deu início à actual era fria nas relações soviético-americanas e trocou uma política de desanuviamento por uma política de inimizade», adiantou.

Comunistas continuam a ser presos no Brasil

A Polícia continua a prender membros do Partido Comunista do Brasil, que pela legislação brasileira é considerado uma organização política ilegal.

Na sexta-feira passada foram presos 48 dirigentes do PC, em quatro diferentes capitais. A operação, segundo fontes da Polícia, vai continuar durante este fim-de-semana, e novas prisões são esperadas em estados do nordeste e do sul do país.

Entidades ligadas à defesa dos direitos humanos e empenhadas na luta pela redemocratização do Brasil, protestaram contra estas inexplicáveis prisões, mas o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, o responsável pela operação, disse que o governo está empenhado em impedir «a reorganização de partidos clandestinos».

Para o ministro, os comunistas têm «infringido o artigo 25.º da Lei de Segurança Nacional».

Sem qualquer mandato judicial, a Polícia invade residências, centros de estudos e até mesmo igrejas, em busca de comunistas.

Tem chamado a atenção de todos o interesse incoerente dos polícias em apreender, juntamente com os comunistas, material de propaganda do candidato à presidência da República pela oposição, Tancredo Neves.

As 21 pessoas presas sexta-feira em São Paulo foram libertadas depois de interrogadas.

Nos estados do Pará e Goiás, contudo, os detidos não saíram e muitos deles queixam-se de que são tratados com violência. O Centro de Informações do Exército fez questão de esclarecer, ontem de manhã, que as Forças Armadas não têm qualquer relação com as prisões.

Este esclarecimento por parte do Exército tem a ver com uma série de palestras proferidas, recentemente, em algumas unidades militares do país, para condenar o avanço dos partidos ilegais e instituições políticas que «professam ideias esquerdizantes».

A Polícia Federal não divulgou ainda o resultado das suas operações. Admite-se que talvez hoje seja dado conhecimento das prisões efectuadas neste fim-de-semana.

O delegado da Polícia Federal de São Paulo, Marco António Veronese, o principal coordenador das prisões de membros do Partido Comunista efectuadas até agora, explicou que a operação faz parte de investigações iniciadas há um mês e não tem nada a ver com o actual processo político.

As explicações do delegado não se adaptam, porém, às vá-

rias interpretações desta repentina «caça aos comunistas», um hábito policial que, para a maioria dos brasileiros, já parecia ter sido abandonado.

O governador do estado de São Paulo, o oposicionista André Franco Montoro, advertiu que tais perseguições só têm um objectivo: «Agitar ainda mais a sucessão presidencial, dado que os comunistas já demonstraram, por diversas vezes, que desejam apenas a legalização do seu partido e o direito de participarem politicamente na vida da nação».

O senador oposicionista, também por São Paulo, Fernando Henrique Cardoso, não excluiu que a prisão dos comunistas possa ser o recurso «inventado pelo governo para tentar enfraquecer a candidatura de Tancredo Neves».

O senador parte do princípio de que as forças militares brasileiras, a exemplo da nação como um todo, estão perplexas perante o baixo nível político adoptado na actual sucessão presidencial.

Como Tancredo Neves é reconhecido apoiado pela esquerda, prender os comunistas seria mais uma forma de assustar os militares.

Isto porque as Forças Armadas brasileiras, de formação al-

tamente conservadora, têm nos comunistas e no «Movimento Comunista Internacional», um dos seus principais inimigos. O ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, notoriamente ligado à candidatura do situacionista Paulo Salim Maluf, negou qualquer relação entre as prisões dos comunistas e a escolha do próximo presidente da República.

Para o ministro Abi-Ackel existem «métodos mais eficazes» para ajudar a campanha de Paulo Maluf. Na sua opinião, os polícias «só estão a cumprir a lei».

Acontece, porém, que desde que o presidente João Figueiredo amnistiou todos os adversários do movimento militar que tomou o poder, há 20 anos, não aconteciam prisões em massa de comunistas.

Vários membros do comité central do Partido Comunista do Brasil chegaram, inclusive, a circular por dependências públicas e pelo Congresso Nacional, em busca de apoio à luta pela legalização da sua organização.

Luiz Carlos Prestes, afastado do cargo de secretário-geral do PCB, mas ainda o mais carismático e respeitado líder comunista do país, foi agraciado, há dias, com o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro.

Espanha contra a NATO

Cinquenta e dois por cento dos espanhóis opõem-se à participação do país na NATO, enquanto 70 por cento são favoráveis à retirada das tropas norte-americanas de Espanha, refere uma sondagem cujos resultados foram ontem publicados em Madrid.

A sondagem foi divulgada pelo diário «El País», cinco dias depois de o primeiro-ministro, Felipe Gonzalez, ter anunciado um referendo sobre a permanência da Espanha na Aliança Atlântica, para Fevereiro de 1986.

A Espanha entrou para a NATO há dois anos, quando estava no poder um governo centrista, decisão que foi contestada pelo Partido Socialista Operário Espanhol, de Gonzalez, então na oposição. Os socialistas congelaram a integração na estrutura militar da NATO, quando chegaram ao governo, em Dezembro de 1982.

A sondagem indicou que Gonzalez, que numa mudança de posição disse ao Parlamento, na terça-feira, ser favorável à permanência na Aliança, terá que enfrentar uma luta cerrada para conseguir ganhar o referendo.

O mesmo inquérito demonstrou que uma maioria de espanhóis apoia o apelo de Gonzalez para uma redução das forças norte-americanas em Espanha. Os EUA têm 12 mil soldados estacionados em quatro bases em Espanha.

Pela paz em Paris

Dezenas de milhares de pessoas participaram ontem numa manifestação pacifista organizada em Paris por uma organização próxima do Partido Comunista.

Os organizadores disseram que participaram 350 mil pessoas. A televisão francesa disse que os manifestantes eram cerca de 35 mil. A Polícia não anunciou uma estimativa.

“Verdes” avançam na RFA

O partido de «Os Verdes» é o único a registar significativos aumentos de votação nas eleições autárquicas do Estado alemão-federal de Baden-Wuerttemberg, realizadas no sábado.

Os escrutínios provisórios até agora apurados nos círculos eleitorais das grandes cidades registam sensíveis quebras de votação por parte dos partidos tradicionais cristãos-democratas (CDU), sociais-democratas (SPD) e liberais (FDP).

Em Estugarda, capital do estado federado, a CDU conseguiu um dos poucos aumentos de votos (10,4 por cento), continuando a ser o partido mais votado com 40,8 por cento, enquanto o SPD desceu de 36,5 por cento para 30,3 em relação às últimas eleições, realizadas em 1980, e os liberais de 10,1 para 7,1 por cento.

Os «verdes» foram o terceiro

partido mais votado, com 15,4 por cento, o que constitui um aumento de mais de 10 por cento em relação às anteriores eleições.

O resultado mais sensacional de «Os Verdes» foi obtido em

Tubingen, onde conseguiram 20,3 por cento da votação, ultrapassando o SPD.

Em Mannheim, os sociais-democratas mantiveram a posição de partido mais forte no Conselho Municipal.

Afluência às urnas foi inferior em 2 por cento à verificada nas últimas eleições autárquicas, sendo na ordem dos 60 por cento, e os resultados oficiais serão conhecidos na próxima sexta-feira.

A Philips produziu até agora cem milhões de televisores

A Organização Mundial Philips está a celebrar a sua produção de 100 milhões de televisores, marco que esta multinacional considera, muito justamente, importante e significativo na sua já longa existência.

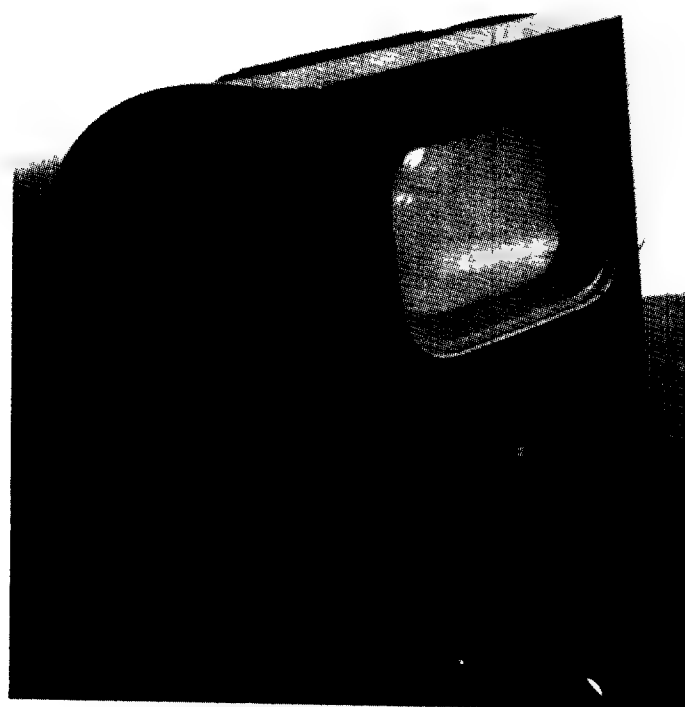
Por este motivo, a Philips Portuguesa reuniu com os órgãos de Comunicação Social para lhes transmitir informações sobre o acontecimento, que começou por ser comemorado na Holanda, no passado dia 6 de Setembro, com a entrega simbólica do centésimo milionésimo televisor, pelo presidente da N. V. Philips, dr. W. Dekker, à Cruz Vermelha Holandesa.

Em Portugal, a celebração teve lugar num auditório da FIL, na data da inauguração da «Lartécnica», certame onde a Philips Portuguesa tem este ano um stand com representação mais alargada do que é habitual.

A reunião com os órgãos de Comunicação Social contou também com a presença de representantes da Cruz Vermelha Portuguesa, a quem foram oferecidos alguns televisores a cores pelo dr. Frans Otten, membro do Board of Management da Philips na Holanda — de visita ao nosso país — querendo a Philips simbolizar, com esta oferta, o apreço pela obra de elevado sentido social da CVP.

Os porquês e os comos: alguns dados históricos

Esta meta acabada de alcançar pela Philips é, obviamente, uma consequência lógica do



Um exemplar histórico: a «casota do cão», produzido pela Philips em 1951, em transmissões experimentais.

facto desta organização ter acreditado, desde a primeira hora, na importância da Televisão. Com efeito, em 1884, o estudante alemão Paul Nipkow dava os primeiros passos para a invenção da Televisão e a Philips, fundada na cidade holandesa de Eindhoven sete anos mais tarde, depressa se começou a interessar pela transmiss-

ção simultânea de som e imagem.

Apesar dos riscos, a Philips já acreditava no futuro da Televisão no início dos anos 20, para a 2 de Setembro de 1939 (quando se iniciava a II Guerra Mundial) se preparava para arrancar com uma produção de 5000 televisores em Inglaterra onde, então, a televisão tinha já ultrapassado a

fase experimental.

Por causa da guerra — que tanto viria a afectar a Holanda, como se sabe — só dez anos mais tarde, em 1949, a Philips teve possibilidades de se recompor e assim reatar o seu interesse pela produção de televisores. No início dos anos 50, a Philips investiria 50 milhões de florins em pesquisa e desenvolvimento, tendo sido dos primeiros a estudar a possibilidade de produção de uma imagem de TV com 567 linhas.

Em 1951, aquando das primeiras transmissões experimentais de TV na Holanda, a Philips solicitou e obteve uma licença para realizar a partir de um estúdio instalado nos seus próprios laboratórios, produzindo então, para que as transmissões pudessem ser vistas, 150 televisores que, pela sua configuração, foram baptizados de «casotas de cão».

A partir daí, a Philips não tem parado e por isso atingiu agora o seu centésimo milionésimo receptor de TV. Só no sector de vídeo, a Philips emprega mais de 40000 pessoas em investigação, desenvolvimento, design, fabrico e marketing. Em Portugal, a Philips emprega cerca de 1500 pessoas, das quais 800 na divisão industrial em Ovar, uma fábrica de vídeo que ocupa uma área de 106.000 metros quadrados. A Philips prevê, para o ano corrente, uma exportação global de cerca de três milhões e oitocentos mil contos só em componentes bobinados e televisores, a partir da fábrica portuguesa de Ovar.

10



polícia levanta uma série de interrogações», observou Cheysson numa entrevista à cadeia de televisão francesa «TF1». Para o chefe da diplomacia francesa, a circunstância de o governo do general Jaruzelski «parecer afectado com o caso, faz pensar que a responsabilidade não procede dos mais altos níveis» da administração de Varsóvia. Cheysson adiantou que não «crê que o assassinio de Popieluszko venha a interferir na vida política da Polónia, mais do que a regressão do governo polaco no que toca a liberdades sociais e públicas». «As nossas relações com as autoridades polacas continuarão a ser necessariamente frias» acrescentou.

Em Portugal, o arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, afirmou ontem no Sameiro, que «perante o crime do assassinio do padre Popieluszko espera-se uma natural reacção generalizada por parte dos autênticos amantes da liberdade e democracia». Numa homília os «cruzados de Fátima», D. Eurico acrescentou que o sacerdote «foi raptado pela polícia política da Polónia e foi assassinado por esta, pois não era outro o objectivo do rapto».

O jornal conclui afirmando que, até a Imprensa nos Estados Unidos decidira que nenhum dos candidatos estimulava as emoções dos eleitores.

O «Pravda» afirmou que os debates televisivos entre os candidatos foram apresentados ao público «como um combate de boxe».

Este jornal disse que os receios dos americanos comuns acerca da deterioração dos problemas sociais, da discriminação racial e da pobreza e «a louca corrida militarista aos armamentos» de Reagan, foram menos prezados em favor do espectáculo televisivo.

Utilizando a palavra «democracia» entre aspas, o «Pravda» afirmou que os órgãos de Informação nos EUA estavam no lado de Reagan e manobravam os números das sondagens de opinião a seu favor.

O Kremlin manifestou poucos indícios de preferência entre os candidatos, embora funcionários afirmem que a aguardada vitória de Reagan seja considerada o início de outros quatro anos de relações difíceis com Washington.

Chade

Conversações preparatórias terminam em malogro

As conversações preparatórias de paz sobre o Chade, em Brazzaville, terminaram ontem à noite em malogro, depois de uma semana de disputas sobre quem deveria falar em nome do governo legal chadiano — disseram fontes da conferência.

O impasse — acrescentaram — impediu quaisquer discussões significativas sobre como estabelecer a paz no Chade, país da África Central marcado por uma guerra civil ao longo das últimas duas décadas.

A delegação representante do governo de Hissene Habre, apoiado pela França, e no poder há 28 meses, insistiu em que a conferência era um encontro do governo legal no Chade com vários grupos de oposição.

Mas o Governo Transitório de Unidade Nacional (GUNT), derrubado por Habre em Junho de 1982 e apoiado pela Líbia, insistiu em que só ele podia falar em nome do Chade e considerava Habre um rebelde.

Em Setúbal

Empresas irrecuperáveis poderão vir "a funcionar com outras pessoas"

— afirmou o governador civil

O governador civil de Setúbal disse que as empresas irrecuperáveis do distrito serão propostas ao Instituto de Falências no sentido de **poderem vir a funcionar com outras pessoas**.

Mata Cáceres falava após uma reunião com directores dos Centros de Emprego do distrito, inspectores do Trabalho de Almada, Barreiro e Setúbal e elementos do Centro Regional de Segurança Social, para análise da situação socio laboral das empresas do distrito.

Quanto às empresas paralisadas, disse que o governo civil vai encetar medidas junto das instâncias governamentais para que o trabalho seja retomado normalmente.

Mata Cáceres sublinhou que, para otimizar a rentabilidade dos meios disponíveis, importa «saber quem está, de facto, numa situação de carência e a descoberto de qualquer apoio, e só assim é possível detectar si-

tuções injustas que é preciso ratificar».

Queixa contra o governador de Évora

A União dos Sindicatos do Distrito de Évora (USDE) vai apresentar queixa-crime contra o governador civil local sob a acusação de tentativa de limitação do direito de reunião — anunciou a estrutura sindical.

A queixa-crime surge na sequência da proibição de uma concentração-vigília marcada para sexta-feira passada, na Praça do Giraldo, e que visava protestar contra o desemprego, o aumento do custo de vida, os salários em atraso e o pacote laboral.

Em conferência de Imprensa, a União dos Sindicatos de Évora, classificou o governador civil de «prepotente e ditatorial» e acusou-o de tentar «ilegalizar uma iniciativa que é legal».

A inviabilização, por parte de Mira Branquinho, assentou no facto de que o corte do trânsito e do estacionamento naquela praça causaria «enormes prejuízos» para os taxistas ali aparcados e para os comerciantes, tendo sugerido que a mesma passasse a realizar-se no Rossio de São Brás.

«Plano de destruição» da Quimigal

As organizações representativas dos trabalhadores (ORT's) da Quimigal do Barreiro e empresas subsidiárias, acusaram o Governo de «ter a intenção de concretizar um verdadeiro plano de destruição» daquela empresa.

As ORT's da Quimigal do Barreiro e empresas subsidiárias reuniram-se naquela cidade para debater o tema «Defender o projecto Quimigal, construir o fu-

turo».

Os participantes no encontro, entre os quais se encontravam os presidentes das Câmaras Municipais do Barreiro, Moita e Vila Franca de Xira, consideraram que a Quimigal é uma das muitas empresas públicas constituída em «alvo de ataque» do Governo, nomeadamente, através de «uma campanha de intoxicação da opinião pública».

Seminário dos TSD

Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) defenderam, em Coimbra, a «modernização da legislação laboral adaptando-a ao tecido e realidade económicas do País».

Esta foi uma das conclusões do seminário sobre «Trabalho e sindicalismo», promovido pelo Secretariado Distrital dos TSD, que reuniu cerca de 110 partici-

antes.

tam a salvaguarda do poder de compra dos salários no quadro da negociação colectiva para 1985». «A política de austeridade, que nos últimos tempos penalizou em exclusivo e violentamente a classe trabalhadora — refere o documento — acabou por não ter sentido, visto não ter criado as necessárias condições ao relançamento da economia portuguesa».

Contra o Governo

Médicos vão apresentar queixa ao provedor da Justiça

Os Sindicatos dos Médicos das Zonas Norte, Centro e Sul decidiram este fim-de-semana em Coimbra apresentar queixa ao provedor de Justiça pelo facto de «não terem sido ouvidos pelos órgãos do poder» — afirmou o dirigente sindical Fernando Gomes. Este justificou a queixa dizendo que «o ministro da Saúde não nos recebe desde Julho do ano passado e tem recusado sistematicamente o diálogo».

«Por outro lado — referiu — os sindicatos não estão a ser ouvidos na elaboração de decretos-leis sobre matérias em que esse direito lhes assiste constitucionalmente».

Na reunião foi também decidido constituir uma Coordenadora Nacional do Sindicato dos Médicos, para que seja melhorado o trabalho dos médicos e a «capacidade de diálogo com o Governo».

Fernando Gomes revelou que na reunião foi decidido solicitar uma audiência ao ministro da Saúde, Primeiro-Ministro e Comissões Parlamentares da Saúde e Educação.

Na reunião foram também debatidos problemas como a falta de remuneração aos médicos policlínicos (P1), nomeadamente em subsídios de férias e décimo terceiro mês.

No final da reunião foi denunciado o «protelamento de concursos para assistentes hospitalares», que ascendem a um milhão, nos Hospitais Centrais de Lisboa, Porto e Coimbra.

Depois de referir «houve irregularidades nos concursos ao acesso ao internato comple-

mentar», realizados no dia 20, nos hospitais de Lisboa, Porto, Coimbra, Funchal e nos Açores, Fernando Gomes disse que «os sindicatos não foram ouvidos antes da saída do Decreto-Lei 312/84, que regula o ensino pré-graduado nos hospitais».

«Este facto vai criar conflitos entre as carreiras médicas e a carreira docente universitária», referiu aquela fonte.

Os três sindicatos que participaram na reunião, denunciaram também uma «intimidação feita pelo ministro Maldonado Gonet-lha», através de uma circular em que proibiu os funcionários do seu Ministério de «prestarem declarações públicas», sem autorização superior.

Enfermeiros

As direcções dos Sindicatos dos Enfermeiros anunciaram, também em Coimbra, que endurcerão as suas formas de luta se o Ministério da Saúde não atender às suas pretensões.

Em comunicado, as direcções sindicais salientaram que «a posição transmitida pelo Ministério da Saúde no passado dia 24 sobre os enfermeiros psiquiatras, enfermeiros, enfermeiras parteiras e tafeiros não resolve os nossos problemas».

«O Ministério da Saúde — acrescenta — assume por des-pachos escritos a posição de reconhecimento dos enfermeiros psiquiatras como enfermeiros especializados em saúde mental e psiquiatria mas, por outro lado, mascara a disposição oralmente assumida em encontro anterior sobre as enfermeiras parteiras.»

UGT critica a política económica do Governo

O Conselho Geral da UGT condenou «veementemente o descontrolo demonstrado pelo Governo na condução da política económica e laboral».

Esta foi a tónica de uma moção de aprovação política-sindical aprovada no encerramento da reunião de dois dias daquele órgão da central sindical, empossa-do no início dos trabalhos.

A UGT «exige a imediata inflexão da política económica, estabelecendo como prioridade imediata a modernização da economia». E «denuncia com o desrespeito e incapacidade demonstrado por responsáveis governamentais, quer ignorando os sindicatos (...), quer desprezando as suas propostas e pontos de vista».

O documentoo manifesta também «a maior indignação pela falta de sensibilidade política» do Executivo, e em especial do ministro do Trabalho, pelo problema dos salários em atraso, e «exige (...) a nomeação dos gestores pelos trabalhadores nas empresas públicas».

A UGT reivindica ainda a «adopção de medidas que garan-

economia

Petróleo

Nigéria mantém o seu preço

O ministro nigeriano do Petróleo, Tam David-West, afastou a possibilidade de o seu país seguir os parceiros da OPEP na redução da produção de petróleo e adiantou que não estava preparado para renunciar à sua recente diminuição de preço.

«Não vim aqui para negociar, vim para ouvir», declarou o ministro. «Reduzir a nossa produção está completamente fora de questão».

Falando numa conferência de imprensa antes da reunião ministerial da OPEP a realizar hoje, David-West disse que «reduzir no petróleo é o suicídio», adiantando «ele contribuía em 90 por cento ou mais para as receitas externas do país. «O petróleo é a vida para a Nigéria», declarou.

A Nigéria reduziu de um a dois dólares por barril o preço do seu petróleo no início do mês, em resposta a reduções mais ligeiras por parte de dois países não pertencentes à OPEP, a Noruega e a Grã-Bretanha.

A acção unilateral da Nigéria provocou uma crise no seio da OPEP, que convocou a sessão ministerial de emergência com o objectivo de restaurar a unidade de preços.

O ministro saudita do Petróleo Ahmed Yamani deslocou-se na quarta-feira a Lagos para tentar persuadir a Nigéria a respeitar o compromisso assumido em conjunto com os parceiros da OPEP, mas aparentemente sem resultados.

Já tem acordo de princípio do Governo

TAP divulga proposta de contra-programa

O contrato-programa proposto ao Estado pela gerência da TAP para vigiar entre 1985 e 1987 prevê como obrigação estatal o aumento do capital social da empresa em 7,5 milhões de contos, com uma dotação anual de 2,5 milhões. A proposta em questão já não mereceu acordo de princípio do Governo, em Julho passado, e visa contribuir para o saneamento económico e financeiro da TAP.

No documento, que foi ontem distribuído aos trabalhadores da empresa, afirma-se igualmente que o Estado deverá integrar no património da empresa os terrenos e edifícios que constituem o «reduzido TAP» do aeroporto e uma

determinada área de expansão, assim como autorizar a emissão de obrigações no valor de 5 milhões de contos; criar condições para que a empresa possa recorrer ao mercado financeiro; autorizar o desenvolvimento de actividades complementares e acessórias; garantir o pagamento de indemnizações compensatórias pela exploração das linhas das Regiões Autónomas e de São Tomé e liberalizar as tarifas entre aeroportos nacionais.

Quanto aos compromissos assumidos pela empresa, eles serão consagrados num contrato de gestão a elaborar o Governo, no qual será estabelecido um conjunto de objectivos que in-

cluem a obtenção de resultados de exploração positivos em 1985, tal como em 1984, e de lucros significativamente positivos e fixados no contrato-programa em 1986 e 1987.

Para levar por diante este projecto a gerência da TAP considera que é essencial o acordo dos trabalhadores e, nesse sentido, propõe aos sindicatos «a alteração de algumas cláusulas dos acordos de empresa, a título definitivo ou para vigorem provisoriamente durante os exercícios económicos de 1985 e 1986, período durante o qual se propõe promover e consolidar a recuperação económica e financeira da TAP».

Acusam os suinicultores

Ministério do Comércio favorece monopólio da indústria de carnes

A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) acusou o Ministério do Comércio e a Junta Nacional dos Produtos Pecuários de «defenderem os monopólios das indústrias de carne contra os interesses dos suinicultores portugueses».

Em comunicado, a CNA contesta uma autorização do Governo «para que a grande indústria efectue uma importação de 1500 toneladas de porco».

Sublinha que «os grandes industriais, quando pretendem carne mais barata, fazem importações para que os preços à produção caiam drasticamente e sempre com o apoio dos sucessivos governos».

Considera que tal política «destrói os suinicultores portugueses, bem como a pequena e média indústria de carne, sem que os consumidores sejam beneficiados».

A CNA acusa, ainda, os grandes industriais de carne que, segundo refere, «quando querem destruir a pequena indústria sobem o preço do porco nos períodos em que a produção é escassa e sempre quando as suas câmaras frigoríficas estão cheias e os seus porcos na altura do abate».

Salienta que, por falta de tal política, «grande parte dos suinicultores portugueses já desapareceu ou por falência ou porque foram forçados a abandonar as suas explorações».

Denuncia, também, que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, «quando o preço está muito abaixo dos reais custos de produção, nada faz para regularizar o mercado».

A Esso ataca no mercado de combustíveis

A companhia petrolífera Esso poderá investir até meio milhão de contos em Portugal nos próximos cinco anos, se dispuser de autorização para comercializar todos os combustíveis líquidos no País, informou a ANOP, de fonte na administração da empresa norte-americana.

Os investimentos seriam destinados à construção de postos de abastecimento e outro tipo de infra-estruturas orientadas para o apoio à actividade de comercialização, revelaram as mesmas fontes.

A Esso Portuguesa é uma filiada da companhia norte-americana Exxon Corporation e está no mercado português desde

1945, comercializando essencialmente combustíveis gasosos, onde dispõe de uma quota de 7 por cento. A sua actuação abrange, também, combustíveis de aviação e marinha, asfaltos, produtos químicos e produção e venda de óleos e massas lubrificantes.

Na sequência de 14 pedidos anteriores, o primeiro dos quais data de 1956, a Esso foi autorizada, em Abril deste ano, a comercializar 19 000 toneladas de gasóleo.

Contudo, a pedido da companhia aponta para 6000 toneladas de gasolina normal, 24 000 toneladas de gasolina super, 38 000 toneladas de gasóleo e 12 000

toneladas de fuel-óleo.

Santos Paes, director administrativo da Esso, refere que a autorização do Conselho de Ministros, se bem que seja positiva, é manifestamente insuficiente, já que «um posto de abastecimento só a vender gasóleo não é viável».

A companhia previa investimentos na ordem dos 82 000 contos em 1984, se a liberalização do mercado de combustíveis líquidos se tivesse concretizado.

A autorização para penetrar no mercado de combustíveis líquidos permitiria à Esso, segundo Santos Paes, rentabilizar as instalações de que a companhia dispõe na Trafaria, destina-

das a armazenagem de combustíveis líquidos, além de um terminal marítimo para descarga de navios.

No pedido enviado ao ministro da Indústria e Energia solicitando a referida autorização, adianta-se que aquelas quantidades representam, anualmente, «um quantitativo de apenas 1,2 do consumo anual desses mesmos combustíveis».

Santos Paes afirmou, também, que a aposta da Esso no mercado português assenta no facto de o consumo energético «per capita» no País ser um quarto do que se verifica na Comunidade Económica Europeia, sendo previsível o seu aumento.

Em 1983, a companhia teve um resultado líquido de 243 mil contos, tendo a facturação total atingido cerca de seis milhões de contos, mais 28 por cento do que no ano anterior.

A Exxon Corporation, accionista maioritária da Esso Portuguesa, é actualmente a maior companhia petrolífera do mundo, operando em mais de 100 países.



DESPORTO

Nacional de futebol

Só "penalties" foram seis!

O FC Porto com uma vitória fora (1-0 frente ao Salgueiros) manteve o comando do campeonato de futebol da 1.ª divisão e o ponto de vantagem sobre os perseguidores (Sporting e Benfica). Ao fim de oito jornadas, o FC Porto totaliza 14 pontos, contra 13 do Sporting (que bateu, em casa o Belenenses, por 2-0) e do Benfica (que devolveu os 4-1 da última época ao Vitória de Guimarães).

Numa jornada em que FC Porto e Benfica foram os únicos a vencer fora, ganhou destaque a luta pelo 4.º lugar, no qual estão agora quatro equipas com 10 pontos: o Braga perdeu no Póvoa (por 1-0), o Belenenses foi derrotado em Alvalade e o Boavista e Portimonense empataram fora, o primeiro com a Académica (1-1) e o segundo com o Vitória de Setúbal (2-2).

O Farense, após o triunfo (em casa) sobre o Rio Ave (2-1), ocupa confortavelmente o 8.º posto com nove pontos, mais dois que a dupla Setúbal-Varzim e mais três que o Guimarães. O Vizela e o Penafiel, que empataram (sábado) por 1-1, partilham com cinco pontos o 12.º lugar, enquanto a lanterna vermelha é agora distribuída por três clubes: Rio Ave, Salgueiros e Académica.

A ronda rendeu apenas 20 golos e desses, seis foram obtidos na transformação de grande penalidades.

FC Porto e Benfica rectificaram resultados da última época, mas os dos campeões tem sabor especial, porque se tratou de vingar uma «goleada» (4-1). O líder viajou até ao Estádio do Mar (propriedade do Leixões) e saiu com os dois pontos do triunfo, graças a um golo de Vermelhinho (20), frente a um Salgueiros combativo, mas sem soluções atacantes para iludir a poderosa defesa portista.

Em Guimarães, o Benfica sofreu, especialmente nos primeiros minutos, mas um golo de «livre» por Carlos Manuel (22),

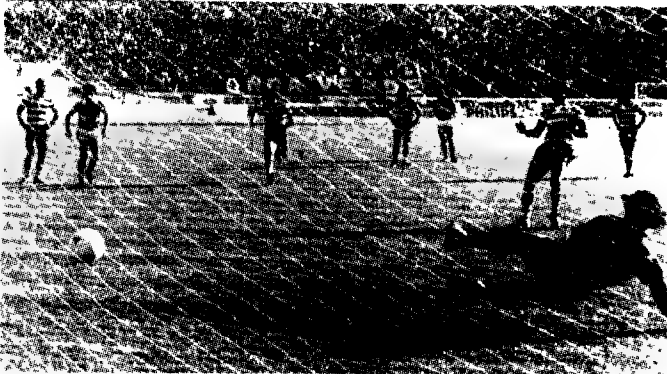
abriu caminho para a «goleada», consumada no 2.º tempo. Os vimaranenses começaram sempre melhor em ambos os períodos de jogo, mas foram os benfiquistas que marcaram. E, no 2.º tempo, Manniche elevou para 2-0 (aos 68, de «penalty»), Wando fez o 3-0 (aos 75), Da Silva reduziu (aos 85) e, aos 89, novamente Manniche a fechar a contagem.

O Sporting recebeu o Belenenses, reeditando-se um «clássico» do futebol português, e os «leões» ganharam por 2-0, golos de Jordão (30, «penalty») e Jaime Pacheco. Esteve muito bem o árbitro Vítor Correia, ao assinalar uma indiscutível grande penalidade por falta de Bastos Lopes sobre Manuel Fernandes. O Sporting elevou aos 60 minutos por Jaime Pacheco e o Belenenses teve o seu melhor período nos minutos finais, mas Damas negou o golo em três ocasiões.

O jogo do Bonfim provou que o Vitória de Setúbal se descontrola facilmente e que o Portimonense caminha a passos largos para o seu melhor. O factor casa foi determinante na 1.ª parte e os sadinos chegaram aos 2-0 (Nascimento 10; César, 38, «penalty»), mas os algarvios reagiram e forçaram a divisão de pontos, graças a tentos de Pedroto (42, «penalty») e Vítor Oliveira (75).

O Sporting de Braga tropeçou no Estádio do Mar, após cinco jogos sem perder, e foi batido pelo Varzim por 1-0, golo de Júlio César na transformação de uma grande penalidade (27).

Também de grande penalidade (Rui Lopes, 10) começou o Farense a desenhar o seu triunfo sobre o Rio Ave, que empatou por Pires (28), mas não resistiu ao «forcing» algarvio nos derradeiros minutos, em que chegou ao triunfo novamente por Rui Lopes (86). O Farense marcou até hoje quatro golos, três dos quais de «penalty», e todos por Rui Lopes.



Jordão não perdeu lance faltoso de Bastos Lopes



Jaime Pacheco: um rompaté e 2.º golo verde

A Académica pontuou pela 1.ª vez em casa e o infeliz contemplado foi o Boavista, que chegou à igualdade já no 2.º tempo por Carlinhos (65), depois de Pedro Xavier ter inaugurado o marcador (16).

Na única partida antecipada para sábado, Penafiel e Vizela empataram, com Xavier a marcar para os penafidenses (42) e Maurício para os vizelenses (72).

História

Nomes e números da ronda: V. Setúbal - Portimonense, 2-2; V. Guimarães - Benfica, 1-4; Académica - Boavista, 1-1; Farense - Rio Ave, 2-1; Salgueiros - FC Porto, 0-1; Varzim - Braga, 1-0; Sporting - Belenenses, 2-0; Penafiel - Vizela, 1-1.

Marcadores

O dinamarqués Manniche (Benfica) foi o único dos principais marcadores do campeonato a melhorar a sua posição na tabela liderada por Djão (Belenenses). Manniche, autor de dois golos em Guimarães, colocou-se na 2.ª posição isolada da tabela, com menos dois golos que Djão, que ficou em branco no Estádio de Alvalade.

A lista dos melhores marcadores é a seguinte: 1.º Djão (Belenenses), 10 golos; 2.º Manniche (Benfica), 8; 3.º Tonanha (Salgueiros) e Gomes (FC Porto), 7; 5.º Cadorin (Portimonense), 6; 6.º Eldon (Sporting) e M. Fernandes (Sporting), 5; 8.º Jaime Magalhães (FC Porto), Carlos Manuel (Benfica) e Vermelhinho (FC Porto), 4.

Disciplina

A 8.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão bateu o recorde da indisciplina: 30 cartões amarelos e três vermelhos.

Na 3.ª jornada tinham sido admoestados 29 jogadores e três expulsos e agora nos oito campos foram mostrados 30 cartões amarelos sendo o encontro Varzim-Braga o que motivou a maior onda de amarelos (sete) e vermelhos (dois). Os jogadores expulsos foram Reinaldo (87) pelo Braga e Bobó (88) pelo Varzim. Os cartões amarelos foram para Valdemar, José Maria, Júlio César (Varzim), Vítor Santos, Nelito, Fontes e Reinaldo (Braga).

O Guimarães-Benfica foi o segundo encontro com o maior número de amarelos, cinco: três para o Benfica (Diamantino, Bento e Wando) e dois para o Guimarães (Soeiro e Teixeira).

A 3.ª expulsão ocorreu no Académica-Boavista: Adão abandonou o campo aos 52 minutos. Neste encontro houve cartão amarelo para Adão e Vitorino (Boavista) e Kikas e Ribeiro (Académica).

Dois outros encontros, Salgueiros-Porto e Sporting-Belenenses, foram carregados com cartões amarelos, quatro em cada jogo. Em Alvalade foram admoestados os «azuis» David Byrne, José António e Ruben e o sportinguista Zezinho, enquanto em Matosinhos viram o «icterícia» Rui França e Matias (Salgueiros) e Inácio e Lima Pereira (FC Porto).

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem 116 a 124 apostas com 13 resultados certos no concurso do fim-de-semana.

Continua na pag 14



Vítor Correia estava esplendidamente colocado e não poderia deixar de assinalar o «penalty»: mesmo sem binóculo bem se nota o braço esquerdo de Alberto Bastos Lopes «repousando» como tenaz sobre o ombro de Manuel Fernandes, impedindo-lhe uma elevação completa. Um caso em que Melia e Raul de Figueiredo terão uma intervenção: pelo menos recomendando temperança a jogadores que fazem o mal e a caramunha

O «penalty» de Alvalade: afinal, quem foi o palhaço?

Por vezes inadvertidamente, em muitas ocasiões para disfarçar ou alijar para longe os erros próprios, os jogadores profissionais de futebol não hesitam em atirar lama sobre colegas de trabalho ou até maculando completamente a acção arbitral. Acontece isso em torrentes de momentos: ontem, voltou a suceder, quando o recém-belenense Alberto Bastos Lopes declarou, alto e bom som, exactamente o seguinte: **Só o árbitro é que viu a falta. Mais ninguém a conseguiu ver. Aqui, neste «circo» de Alvalade, é sempre o mesmo «palhaço» a fazer os «penalties», podem escrever isso à minha responsabilidade. É sempre o mesmo a fazer «fitas»: e os árbitros vão sempre na conversa.**

Referia-se o defesa do Restelo ao facto de o árbitro lisboeta Vítor Correia ter assinalado uma falta

N. de S.

TOTO BOLA a chave

Sporting-Belenenses	1
Salgueiros-FC Porto	2
Guimarães-Benfica	2

setúbal-Portimonense	x
Académica-Boavista	x
Farense-Rio Ave	1

varzim-Braga	1
Penafiel-Vizela	x
Famalicão-Aves	x

Leixões	x
Covilhã-U. Coimbra	1
Sesimbra-Amora	1
E. Amadora-Marítimo	x

Valor de cada prémio:
25 448 270 escudos.

TOTO BOLA jogue connosco

Concurso n.º 41

Vizela-Sporting	2
V. Setúbal-V. Guimarães	1
Boavista-Farense	1

Rio Ave-Salgueiros	1
Sp. Braga-Penafiel	1
Portimonense-Belenenses	x

Gil Vicente-Espinho	x
Tirsense-Chaves	x
Covilhã-Elvas	1

Caldas-Águeda	1
Barreirense-Atlético	x
Amora-Estoril	x
Campinense-Marítimo	2

METALO RÁPIDA SERRALHEIRO DE ODIVELAS

FECHE A SUA MARQUISE OU VARANDA COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Classificação

	J	V	E	D	B	P
1.º F.C. PORTO	8	7	—	1	19- 2	14
2.º Sporting	8	6	1	1	19- 6	13
3.º Benfica	8	6	1	1	19- 8	13
4.º Boavista	8	3	4	1	10- 6	10
5.º Braga	8	4	2	2	12- 5	10
6.º Portimonense	8	4	2	2	18-13	10
7.º Belenenses	8	4	2	2	16-13	10
8.º Farense	8	3	3	2	4- 8	9
9.º Varzim	8	2	3	3	9-12	7
10.º V. Setúbal	8	2	3	3	11-15	7
11.º V. Guimarães	8	2	2	4	9-15	6
12.º Vizela	8	1	3	4	8-13	5
13.º Penafiel	8	2	1	5	8-18	5
14.º Rio Ave	8	1	1	6	5-15	3
15.º Salgueiros	8	1	1	6	17-26	3
16.º Académica	8	1	1	6	8-17	3

Próxima jornada (9.ª): V. Setúbal-Guimarães; Benfica-Académica; Boavista-Farense; Rio Ave-Salgueiros; FC Porto-Varzim; Braga-Penafiel; Vizela-Sporting e Portimonense-Belenenses.

LARGO DA REPUBLICA — POMBAIS — ODIVELAS
TEL. 982 60 68



DESPORTO



Retrato da dureza



Futre foi ao tapete

Salgueiros, 0-FC Porto, 1

Wrexham vai-te embora!

Ou nos enganamos ou os portistas estão ainda com as ideias tolhidas pelo fantasma do Wrexham. Ontem à tarde, no Estádio do Mar (cheio como um ovo), os «azuis e brancos» começaram muito bem, chegaram mesmo a fazer abrir a boca de espanto dos nossos simpáticos companheiros da televisão francesa, mas depois, com o «andar da carruagem» foram perdendo o fôlego e a imaginação, deixando para o Salgueiros a oportunidade de um bonito que só não se verificou porque o poste da baliza de Zé Beto estava na linha de mira de Tonanha.

O que parecia fácil (para os portistas, bem entendido) acabou por ficar bastante complicado. Os encarnados de Paranhos, que apresentaram uma bagagem físico-técnica muito melhor do que aquela que exibiram frente ao Sporting, reeditaram a tradição e fizeram, como sói dizer-se, a vida negra aos seus vizinhos e rivais de longa data. Como felinos sobre brasas, os salgueiristas correram o campo todo, marcando implacavelmente os contrários mais cotados e com responsabilidades de organização e, na hora de lavar os cestos, tiveram ainda um derradeiro fôlego para porem o «banco» portista a fazer contas de cabeça.

A rispidez com que a turma encarnada se apresentou no período inicial pode, eventualmente, ter contribuído para um certo encolhimento dos «azuis e brancos», cujos pés (pagos a peso de ouro) não são, como diria um nosso amigo de lides, para estragar assim sem mais nem menos. Futre é um dos exemplos: começou cheio de vontade, fez duas ou três coisas no seu jeito característico, mas ao segundo «carimbo» de Rui França desapareceu, ficando no anonimato até à altura em que Artur Jorge resolveu investir no meio-campo, fazendo entrar André para o lugar do «menino bonito» das Antas.

A culminar o «pressing» inicial dos portistas, surgiu o golo solitário do encontro, obtido por Ver-

melinho com um soberbo golpe de cabeça, a concluir um centro milimétrico de Jaime Magalhães. Houve mérito no passe e na finalização, mas houve também manifestação incúria da defesa salgueirista que não acompanhou, como era sua obrigação, o desenrolar do lance. Nessa altura, a vantagem dos «azuis e brancos» era plenamente justificada, até porque na retina dos espectadores bañava ainda a «fifia» monumental do árbitro Joaquim Gonçalves, quando aos 4 minutos transformou um castigo máximo, sem margem para dúvidas (derrube nítido de Futre por Rui França dentro das área de rigor), num livre directo à entrada da área.

Com uma magra vantagem no boral, os portistas enveredaram

pelo jogo do «enrola a manta», com Frasco em plano de evidência, não pelo virtuosismo que o catapultou para a alta roda do futebol indígena, mas pela falta de percepção do perigo que manifestou frequentemente ao grudar-se ao esférico em zonas e situações desaconselháveis. Consequentemente, os pupilos de Henrique Calisto viram que, afinal, podiam (e deviam) tirar partido do «conformismo» adversário.

A ideia dos encarnados, que começara a germinar ainda no primeiro período, seria posta em equação nos 45 minutos complementares, com Jorginho investido nas funções de «charneira» de um conjunto operário onde Tonanha sobressai como angariador do «leitinho para as criancinhas», o que, aliás, está em consonância com a posição que ocupa na lista dos rematadores de eleição, de parceria com o «Bota de Ouro». E a propósito, será de referir que Fernando Gomes não esteve feliz na tarde de ontem, já que errou o alvo por diversas vezes, sendo

certo, porém, que sobressaiu como «passador», ao oferecer, de bandeja, a oportunidade para outros companheiros brilharem.

O triunfo do FC Porto, pela margem mínima, aceita-se, sobretudo pela produção inicial, mas julgamos que Artur Jorge terá que pensar nos planos futuros, mormente na forma como há-de mentalizar os seus pupilos para a tarefa de congelamento do esférico (quando essa for a solução), incutindo-lhes a ideia de que o «diabo» do Wrexham já não mora cá e de que têm valor de sobra para não perderem o norte ao primeiro sinal de perigo.

Se exceptuarmos o lance passível de castigo máximo contra os encarnados e algumas «facilidades» concedidas aos salgueiristas que usaram e abusaram das entradas à margem da lei, julgamos que o trabalho do trio de arbitragem chefiado por Joaquim Gonçalves não destoou do nível geral da partida.

Manuel Neto

ÁRBITRO: Joaquim Gonçalves (Porto), auxiliado por Silva Pinto (ataque do Salgueiros) e Ribeiro Pinto (ataque do FC Porto).

SALGUEIROS: Madureira; Rui França, Germano, Paris e Jorginho; Zé Manel (Penteado, aos 77 m), Gilberto, Matias e Joy; Tonanha e Armando.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Quim e Futre (André, aos 70 m); Jaime Magalhães, Gomes e Vermelhinho (Costa, aos 88 m).

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Vermelhinho (20 m).

Cartão amarelo: Rui França (8m), Matias (11 m), Inácio (16 m) e Lima Pereira (57 m).

V. Guimarães, 1-Benfica, 4

Olho por olho

Ontem, à tarde, no «municipal» de Guimarães, onde a época passada havia baqueado por um surpreendente 4-1, o Benfica ajustou as contas com os minhotos, infligindo-lhes exactamente a mesma punição: «olho por olho, dente por dente», assim ao jeito de Talião. Um resultado que terá pecado por excesso, uma vez que os locais deram sempre réplica condigna, a justificarem, pelo menos, mais um tento.

Os valores individuais que militam na turma encarnada foram, a nos ver, os principais responsáveis do desequilíbrio final, destacando-se neste capítulo, como já vem sendo hábito, o fogoso Carlos Manuel que, além do mais, rubricou o golão (à Eusébio) que abriu as portas para a almejada desforra.

Actuando mais recuado do que é habitual, Diamantino foi, igualmente, uma «pedra» importante do xadrez benfiquista, já que reforçou substancialmente o meio-campo, lado a lado com Carlos Manuel, Shéu, Wando e, por vezes, Jorge Silva. O objectivo era evidente: controlar a zona fulcral do terreno, sem investir grandes energias. O jogo de quarta-feira, em Liverpool, deixou as suas marcas e, consequentemente, havia que poupar esforços.

Ora foi precisamente a partir do «miolo» que a equipa da Luz rasgou os espaços necessários para tinger a cidade vimaranense. Primeiro, no tal livre de Carlos Manuel que fez levantar a plateia; depois, através de uma fuga de Diamantino que forçou Laureta a uma travagem irregular dentro da área de rigor, com a consequente punição executada a preceito por Maniche; e, depois ainda por um «slalon» do esguilo Wando, que levou toda a turma vimaranense a corar de vergonha, quando o sucessor de Chalana fez anichar o couro no fundo das redes.

Muito abnegados, os jovens vimaranenses foram traídos pela maior experiência dos estragados contrários e, quicá, pela sua própria inexperience. No meio-campo, sobretudo, a diferença chegou a ser abismal, pese embora o valor que já vai sobressaindo em Rui Vieira, Miguel e Isima. O técnico Goethals quer uma equipa prática, que jogue um futebol desenvolto e permanentemente atrado para a frente. O trio que acabamos de referir tem a espinhosa missão de concretizar esse objectivo, mas, pelo que se viu ontem, falta-lhe ainda a rodagem necessária para poder render aquilo que está ao seu alcance. E, então, em confronto com opositores traquejados e vocacionados para altos voos, mais se faz sentir essa carência dos promissores pupilos do «disfarçado» treinador belga.

Intérprete dos lances que levaram maior perigo ao reduto encarnado, Paulo Ricardo foi um operário incansável que jamais deu tréguas a Bento e seus pares. Ele foi, na verdade, o grande dinamizador do ataque minhoto mas, ao mesmo tempo, a vítima de um certo isolamento a que foi votado pelos companheiros de empreitada. Teve, por fim, a grata consolidação de se ver acompanhado por Da Silva, que entrou aos 62 minutos para o lugar de Isima, que viria a assinar o tento de honra da sua equipa, num lance em que «centrais» da Luz se empenhavam em contar as ameias do castelo vimaranense.

A arbitragem de Veiga Trigo não agradou a ambas as equipas, sendo certo, porém, que a culpa terá de ser repartida pelos respectivos auxiliares.

Árbitro: Veiga Trigo (Beja), mal auxiliado por João Crujo (bancada) e Manuel Burrica (superior).

Guimarães: Jesus; Soeiro (Jorge Machado, aos 78 m), Valério, Teixeira e Laureta; Rui Vieira, Paquito, Miguel e Isima (Da Silva), aos 62 m); Paulo Ricardo e Gregório Freixo.

Benfica: Bento; Pietra, Samuel, Oliveira e Alvaro; Carlos Manuel, Diamantino, Shéu e Wando; Jorge Silva e Maniche.

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Carlos Manuel (22 m), Maniche (aos 68 m de GP e aos 89 m), Wando (75 m) e Da Silva (85 m).

Cartão Amarelo: Diamantino (11 m), Soeiro (16 m), Bento (58 m), Teixeira (61 m) e Wando (70 m).

Nacionais de futebol

Continuação da pág. 13

Os mesmos serviços calculam que os «dozes» oscilam entre os 3087 e as 3247 apostas e os «onzes» entre as 36 426 e as 36 126 apostas.

Divisão 2

Desfechos na 2.ª divisão, **ZONA NORTE:** Sanjoanense-Marco, 0 - 0; Lourosa-P. Ferreira, 0 - 0; Famalicão-Aves, 1 - 1; Lixa-Leixões, 2 - 2; Fafe-Felgueiras, 1 - 0; Valonguense-G. Vicente, 3 - 1; Espinho-Tirsense, 1 - 2; e Chaves-Feirense, 0 - 1. Classificação: 1.º Aves, 10 pontos; 2.ºs Espinho e Leixões, 9; 4.º Chaves, 8; 5.ºs G. Vicente e Tirsense, 7; 7.ºs Felgueiras, Famalicão e Valonguense, 6; 10.ºs P. Ferreira, Lixa, Feirense e Fafe, 5; 14.º Lourosa, 4; 15.º Sanjoanense, 3; e 16.º Marco, 1 ponto.

ZONA CENTRO:

Covilhã-U. Coimbra, 2 - 0; Torreense-U. Leiria, 2 - 0; Estarreja-Caldas, 0 - 0; Águeda-Beira Mar, 2 - 0; Peniche-Mangualde, 1 - 1; Marinhense-Estrela de Portalegre, 0 - 1; e Alcobça-Benf. C.

Branco, 2 - 0. Classificação: 1.º Covilhã, 10 pontos; 2.º Elvas, 9; 3.º União Coimbra, 8; 4.ºs Leiria, Caldas, Mangualde e Alcobça, 7; 8.ºs Águeda, Torreense e Estrela de Portalegre, 6; 11.ºs Benf. C. Branco, Marinhense e Estarreja, 5; 14.º Beira Mar, 4; 15.º Peniche, 3 e 16.º Guarda, 1 ponto.

ZONA SUL:

Amadora-Marítimo, 1 - 1; Barreirense-Campinense, 5 - 2; Atlético-Lusitano, 1 - 2; U. Madeira-Odivelas, 4 - 1; C. Piedade-Nacional, 3 - 0; Torralta-Olhansense, 2 - 0; Sesimbra-Amora, 2 - 1; e Estoril-Montijo, 2 - 1. Classificação: 1.º Marítimo, 11 pontos; 2.º Estoril, 8; 3.ºs Atlético, E. Amadora, Lusitano e U. Madeira, 7; 7.ºs Amora, Odivelas, Montijo, Olhansense, Barreirense e C. Piedade, 6; 13.ºs Sesimbra e Torralta, 4; 15.º Nacional, 3; e 16.º Campinense, 2 pontos.

Divisão 3

Para o campeonato nacional da 3.ª divisão, **Série A:** 1.º Monção-Bragança, 0 - 0; Esposende-Montalegre, 0 - 4; Moreirense-Neves, 1 - 0;

Merellense-Valdevez, 1 - 1; Vieira-Mirandela, 1 - 2; Vianense-Talpas, 1 - 0; e Macedo de Cavaleiros-Valência, 1 - 0. Foigodo: Ponte da Barca. Líderes: Bragança e Vianense, 9 pontos.

Série B: Oliveirense-Trofense, 1 - 0; São Martinho-Freamunde, 0 - 1; Paivense-Esmoriz, 2 - 0; Régua-Amarante, 1 - 1; Infesta-Ovarense, 1 - 2; Vilanovense-Paredes, 0 - 0; Ermesinde-Lamas, 1 - 1; Valadares-Cucujães, 1 - 1. Líder: Ermesinde, 10 pontos.

Série C: Póvoas-Oliveira do Bairro, 1 - 0; Ac. Viseu-Naval, 3 - 0; Penalva-Tondela, 1 - 0; Mealhada-Gouveia, 3 - 0; Anadia-Luso, 1 - 0; Seia-Marialvas, 1 - 0; Santacombadense-Viseu e Benfica, 0 - 0; e Belmonte-Lusitano de Vildemoinhos, 0 - 2. Líder: Ac. Viseu, 12 pontos.

Série D: Alcains-Elétrico Ponte de Sôr, 3 - 1; Portalegre-Nazarenos, 0 - 0; Paroquial de Fátima-Marinha, 1 - 2; Rio Maior-Bombarralense, 0 - 0; Almeirim-Santarém, 0 - 0;

Alferrarede-Tomar, 0 - 0; Guinense-Mirense, 1 - 1; e Lousanense-Nisa e Benfica, 4 - 0. Líderes: Nazarenos e Marinha, 8 pontos.

Série E: Tires-Marinhais, 1 - 0; Charneca-Oliveira e Moscade, 3 - 5; Águia-Oriental, 3 - 3; Vialonga-Vilafranquense, 0 - 0; Lusitânia-Almada, 1 - 0; Samora Correia-Santa Clara, 1 - 0; Cacém-Campomaiorense, 2 - 0; e Olivais-Sacavenense, 0 - 3. Líder: Vilafranquense, 10 pontos.

Série F: Lagos-Quarteirense, 1 - 0; Silves-Montemor, 1 - 1; Santiago do Cacém-Moitense, 3 - 0; Alvorense-Beja, 0 - 1; Louletano-Lusitano de Vila Real, 2 - 0; Aljustrelense-Vasco da Gama, 2 - 2; Estrela de Vendas Novas-Comércio e Indústria, 3 - 0; e Juventude-Quimigal, 3 - 0. Líder: Juventude, 10 pontos.

Benfica-Liverpool

O Liverpool adversário do Benfica na «Taça dos Campeões Europeus», derrotou fora o Nottingham Forest, por 2-0, em jogo da 11.ª jornada do Campeonato inglês. Whelan (37) e Rush (50) marcaram os golos do Liverpool.



Bento vê amarelo



Vando: golo número três

DESPORTO

Setúbal, 2-Portimonense, 2

Quem tem medo compra um cão

Que me perdoe o bom amigo Manuel de Oliveira, uma vez que a asneira é livre e cada qual está democraticamente autorizado a discutir os pontos de vista de outro cidadão: estou em crer que foram dois erros táticos do treinador vitoriano que impediram o clube setubalense de arregimentar para o seu pecúlio os dois pontos equacionados na balança do Bonfim.

Primeiro: trocar o possante e destemido César, brasileiro brigão e lutador que estava a ser (ao lado de Vitinha) o melhor elemento sobre o relvado, por Freire, uma mera figura de retórica nos minutos que esteve em ecção. Depois foi aquela inacreditável entrada de mais um «back» (Artur) para, em própria casa, defender o empate, quando faltava perto de 20 minutos para se extinguir o período em que o Vitória tinha inteira obrigação de dar uma alegria aos seus associados-patrões.

Claro que o triunfo setubalense, que esteve mais que desenhado, foi contrariado (muito bem) pelo engenho e arte de Manuel José que, no duelo onomástico, deu um pequeno baile ao dono do palco. E retira para o Algarve com um ponto, bem se podendo queixar (ainda) de Rui Águas e Moisés terem infantilmente perdido o último disparo que provocaria escândalo apenas para quem não esteve no soberbo parque da terra de Bocage.

Muito cedo Vitinha tomou as rédeas do «show» saltando para a retina do espectador mais exigente e desde já revolvendo créditos antigos, provando que é homem para estar presente (pelo menos) numa selecção nacional de «esperanças». Vitinha galgava o flanco direito com tal facilidade que quase fez o funeral a Skoda, incapaz de lhe ganhar um lance e, pior ainda, vogando completamente à deriva no oceano imenso tecido pelo ex-estorilista e por parceiros à altura (Nascimento e Roçadas), já dando de barato que (como vai sendo trivial, porque ninguém ainda o recriminou a sério) Jorge Plácido recreia-se com a bola, não a passa a ninguém, trava o jogo que terá de ser veloz e,

pelos vitos, não haverá nada melhor a fazer que abrir uma subscriçãozinha para o bom do moço pegar um couro só para ele e brincar lá no jardim.

Bem: adiante. Vitinha (cá temos de falar novamente nele) conduzia tal gama de setas até junto de Mendes que era um pânico pegado na zona de Teixeira, que (às quinzenhas) já tinha visto o «ictérica» e andava completamente desorientado sobre o tapete. E, entretanto, Nascimento abria a contagem e Mendes cometera inconsciente «penalty» sobre Jorge Plácido que o excelente César cobrou com um fuzilamento imperdoável. Mas, ainda antes do intervalo, a moçada de Setúbal deu em adornar sobre os louros

conquistados, imaginando que aquilo já eram favas contadas. Foi outro erro, desta feita colectivo: porque nem da lateral veio o safanão a tempo nem os comandados por Nascimento repararam que o «placard» pode ser uma ventoinha. E aconteceu a grande penalidade assinalada quando Jorge travou um pé de Cadourin: não era preciso fazer qualquer falta sobre o isolado belga, uma vez que o esférico estava mesmo a sair pela cabeceira. Descontrole puro de Jorge, que Pedroto não perdoo.

Imaginava-se que, no retorno da água fresca, Manuel de Oliveira mandasse que os pupilos acelerassem e não dessem consentimento para os algarvios continuarem ganhando a confiança que lhes era inoculada por Manuel José: e foi o diabo, com a plateia quase siderada (mas perfeitamente rendida) quando Vítor Oliveira aproveitou a diabólica confusão criada na grande área sadina, logo que Simões disparou contra o poste direito e a redondinha ficou a saltitar porque ninguém (do lote caseiro) sabia que rumo dar ao bichinho saltitante.

Daí para a frente, foi o que se sabe. O público, que valia a troca de César por Freire (aplaudindo demoradamente o brasileiro e nada conferindo de esperança ao eterno esperança sadina), deu em ficar ainda mais baralhado com o apelo a Artur, que (para mal

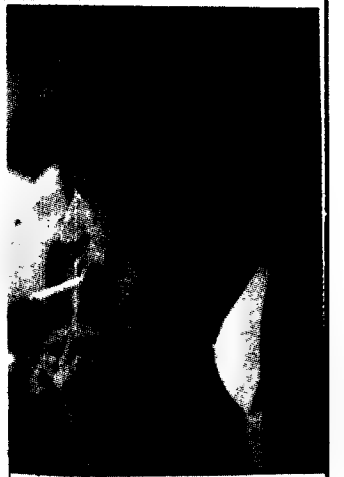
dos seus pecados) mal tocou na bola ficou lesionado na perna esquerda, para logo recolher a mãos médicas. Assim, depois dos lapsos de Manuel de Oliveira, também o destino carregava a sorte sobre o técnico sadino, colocando-o a esta hora numa tarefa de reciclagem, que é sempre útil, especialmente quando se tem a dimensão moral que é credencial do homem que dirige os profissionais do «team» de Fernando Pedrosa, Fernando de Oliveira e Carrilho do Rosário.

Mesmo para um leigo será fácil entender que, no jogo das trocas, também Manuel José bateu o adversário: a saída de Skoda impunha-se, logo que se viu que o rapaz não sabia para que lado deveria virar-se e Luís Reina veio arrumar a casa, catalogar as tarefas. Por seu turno, rendendo um médio (Pedroto) por um dianteiro de raiz (Moisés) mais jogo atacante carrilou até Jorge, apenas espantando que o 3-2 o 4-2 não ficasse como marca de término. Seria castigo demasiado para os vitorianos? Evidentemente que sim. Mas obrigaria a perderem o medo e, ao menos no seu castelo, descerem a ponte levadiça e irem-se aos sitiantes com toda a gana dos seus corações.

Um belo punhado de executante delicioso quem estava para ver (e apludir) o futebol bonito que se praticou: Vitinha e Carvalho, Barrinha e Vítor



Manuel Oliveira: timorato



Manuel José: atiradiço

Oliveira, Nascimento e Rui Águas, Roçadas e Cadourin, Dinis e Luís Reina, Mendes e o mal aproveitado César, que é dos melhores brasileiros que têm cruzado o mar.

Parabéns a Monge da Silva e a Eliseo Gouveia: dois excepcionais preparadores físicos que já colocaram os alunos com larga hora e meia nas pernas. Um aplauso (igualmente) forte para José Guedes: talvez tenha existido uma falta sobre Cadourin não cobrada na zona de rigor setuba-

lense, mas (na dúvida) o jovem árbitro deu lição de bom senso.

E aí está: prémio para o brio e esperança portimonenses, leve castigo para quem não sabe o significado da palavra ousadia. Ou (deliberadamente) desconhece o que é inconformismo, especialmente quando se possui o melhor naipe do jogo e se baixa a mão perante um colega mais sagaz de olhar e movimentos cerebrais.

Neves de Sousa

Com óptima arbitragem do portuense José Guedes, que esteve bem acompanhado por Joaquim Aldino e António Capela, alinharam:

SETÚBAL: Jorge; Mota, Barrinha, Vicente e Sobrinho; Teixeira (Artur, 75), Vitinha e Nascimento; César (Freire, 62), Roçadas e Jorge Plácido.

PORTIMONENSE: Mendes; Dinis, Balacó, Simões e Teixeira; Pedroto (Moisés, 58), Vítor Oliveira e Carvalho; Rui Águas, Cadourin e Skoda (Luís Reina, 33).

Cartão amarelo para Teixeira (14). Golos por Nascimento (10), César (38, de «penalty»), Pedroto (42, de «penalty») e Vítor Oliveira (75).

ponta esquerda

Golos: estatística

Na 8.ª jornada do campeonato português de futebol da 1.ª divisão foram marcados 20 golos, o que corresponde ao 13.º campeonato mais realizador da Europa. Portugal obteve 20 golos em oito jogos, o que equivale a uma média de 2,5 golos por encontro. O campeonato holandês foi o mais realizador, com 41 golos em nove encontros, equivalente a uma média de 4,555 golos por jogo. A classificação ficou assim ordenada:

PAÍS	GOLOS	JOGOS	MÉDIA
1.º Holanda	41	9	4,555
2.º RDA	31	7	4,404
3.º Suíça	27	8	3,375
4.º Bélgica	30	9	3,333
5.º França	31	10	3,100
6.º Bulgária	24	8	3,000
7.º Áustria	24	8	3,000
8.º Irlanda	22	8	2,750
9.º Dinamarca	22	8	2,750
10.º Itália	22	8	2,750
11.º Espanha	23	9	2,555
12.º RFA	23	9	2,555
13.º Portugal	20	8	2,500
14.º Roménia	19	9	2,111
15.º Jugoslávia	14	9	1,555

Outra «chicotada psicológica»

O treinador Piruta deixou a orientação técnica do S. Martinho, depois da derrota, em casa, frente ao Freamunde, por 0-1, na série B do campeonato de futebol da 3.ª divisão. Albano Soares, que abandonou o Águeda (da Zona Centro da 2.ª divisão, após a 2.ª jornada), será o sucessor de Pitura na equipa minhota do S. Martinho.

Nova Iorque: maratona deu morte

Jacques Bussereau, corredor francês de 48 anos, faleceu ontem, em consequência de um ataque cardíaco que o afectou quando tinha percorrido cerca de 24 quilómetros da Maratona de Nova Iorque. Os organizadores da corrida disseram que Bussereau entrou em estado desesperado na sala de urgência do Hospital de Elmhurst, depois de lhe terem sido prestados primeiros socorros no local onde caiu desmaiado. Uma situação destas é a primeira que se verifica em 15 anos de história da Maratona de Nova Iorque. O corredor francês teria tido outro ataque cardíaco há cerca de quatro anos.

Atletismo: Maratona de Nova Iorque

Estudante italiano superou vedetas

Superando as câbras que o apoquentaram nos últimos cinco quilómetros de prova e respondendo ao ataque final do britânico David Murphy, o italiano Orlando Pizzolato venceu a Maratona de Nova Iorque, em 2 horas, 14 minutos e 53 segundos.

A norueguesa Grete Waitz, medalha de prata das Olimpíadas de Los Angeles, venceu a prova feminina pela sexta vez, conseguindo o tempo de 2 horas, 29 minutos e 29 segundos, quatro minutos mais do que o seu próprio recorde mundial.

Pizzolato, um estudante de 26 anos, tomou a liderança a meio da corrida, enquanto Waitz teve como único adversário o tempo quente e húmido.

A vitória esteve quase a escapar ao italiano, mas o britânico David Murphy não reuniu forças suficientes para o ultrapassar nos quilómetros finais. Murphy terminou com o tempo de 2 horas 15 minutos e 36 segundos e o terceiro lugar coube ao alemão-federal Herb Steffny com 2 horas, 16 minutos e 22 segundos.

Classificação - Masculinos: 1.º, Orlando Pizzolato (Itália), 2.14.53; 2.º, David Murphy (Inglaterra), 2.15.36; 3.º, Herbert Steffny (RFA), 2.16.22; 4.º, Pat Petersen (EUA), 2.16.35; 5.º, Gianni Di Maddona (Itália), 2.17.05; 6.º, Michael Spoetzel (RFA), 2.17.11; 7.º, Antoni Niemenzak (Polónia), 2.17.34; 8.º, Nick Brawn (Inglaterra), 2.17.42; 9.º, Ahmed Ismail (Somália), 2.18.16; e 10.º, Zakarie Barie (Tanzânia), 2.18.27.

Femininos: 1.º, Grete Waitz (Noruega), 2.29.29; 2.º, Veronique Marotte (Inglaterra), 2.33.58; 3.º, Laura Fogli (Itália), 2.37.25; 4.º, Lizanne Digiereg (Canadá), 2.37.34; e 5.º, Jusi St. Hiliare (EUA), 2.37.49.



Paula Mota: a bonita irmã de Rosa Mota foi juntar-se à «campeoníssima» nos EUA

Rafael Marques venceu no Monsanto

Rafael Marques (ISEF), ganhou a prova «Correr Monsanto» organizada pelo CDUL na distância de 14 quilómetros disputada na serra de Monsanto.

Rafael, gastou o tempo de

50,06 minutos, contra 51,06 de Carlos Amaral (Universidade Católica), e 53,22 de Eduardo Viçoso, do Instituto Superior Técnico.

A prova era aberta a estudantes universitários e não universitários e, nesta última categoria, triunfou António Santos, (Pata-

meiras), com 52,35 minutos.

Em femininos, venceu Laurentina Dantas em universitários e Isabel Rute em não universitários.

Lopes: nova homenagem

O atleta Carlos Lopes foi homenageado pelos emigrantes portugueses em San José, (Califórnia), numa cerimónia que decorreu na sala principal do Português Athletic Club daquela localidade.

Lopes, medalha de ouro na maratona nos últimos Jogos Olímpicos de Los Angeles, recebeu várias placas e salvas de prata, com decorações alusivas à sua proeza olímpica.

Placard

Motonáutica. Realiza-se no próximo dia 4 na Foz do Arelho o Grande Prémio Américo Marques, organizado pela Federação Portuguesa de Motonáutica e aberto às categorias de turismo, «sport» corrida e com motores fora de borda.

Ténis

McEnroe: o melhor do ano?

O norte-americano John McEnroe afirmou em Loreto, México, não ter dúvidas de quem é o melhor tenista mundial da actualidade.

Vencedor este ano do Torneio de Wimbledon e do Open dos Estados Unidos, conseguindo 73 vitórias e tendo sido derrotado apenas por duas vezes, McEnroe deverá ser eleito por unanimidade o tenista do ano. **Penso que agora não haverá dúvidas:**

disse o tenista.

McEnroe foi eleito o melhor jogador do ano em 1981 e 1983 pela Federação Internacional de Ténis e com os resultados obtidos esta temporada deverá ser reeleito. «Vejo que estou a melhorar o meu jogo desde o Open da Austrália no ano passado», comentou McEnroe numa entrevista. «O meu jogo atingiu um nível diferente, o que é bonito» frisou McEnroe depois do seu

quarto triunfo no Open dos Estados Unidos, descansou durante umas semanas, mas agora tem um calendário difícil de cumprir até ao Natal.

O campeão norte-americano participa esta semana no Open de Estocolmo, depois num torneio em Londres e duas semanas depois tem o Open da Austrália, uma das provas do Grand Slam, que ainda não ganhou.

DESPORTO

Ténis de mesa Portuguesas eliminadas

A equipa feminina do Grupo Dramático Ramiro José foi eliminada da Taça dos Campeões Europeus de ténis de mesa ao perder na Holanda, na primeira eliminatória, por 5-0, com o Torenstad TTV.

O jogo, realizado em Zutphen, começou ao fim da tarde, cinco horas depois do previsto, e as campeãs de Portugal tiveram um bom comportamento. Silvério José, chefe da comitiva, afirmou à NP que, apesar dos 0-5, «foi bem melhor do que o que esperávamos». E recordou que, a nível de ténis de mesa a Holanda é a primeira potência europeia, além de que o Ramiro José mantém nas suas fileiras, da equipa da época passada, Odete Cardoso, de 21 anos. O Ramiro José, apesar de não ter ganho um «set», alcançou sempre resultados que justificam a deslocação, que representou para o modesto clube de Lisboa um encargo de 80 mil escudos, depois de ajudas do Governo Civil (100 mil escudos), Federação (40 mil) e Direcção-Geral dos Desportos (30 por cento das passagens).

Os parciais foram os seguintes: Marinam Kloppenburg-Ana Plácido, 21-16; Jantine Jasma-Ana Cristina, 21-12; 21-14; Juliette Van Veen-Odete Cardoso, 21-14; 21-17; Jantine Jasma-Ana Plácido, 21-10; 21-15; Miriam Koppenburg-Odete Cardoso, 21-12, 21-16.

Placard Esgrima: florete

Quitéria Barbosa (do Vilanova) venceu a prova de esgrima de florete feminino (menos de 20 anos) disputada no ACM. Cristina Cunha e Paula Franco (ambas de Vendas Novas) classificaram-se na 2.ª e 3.ª posição, respectivamente.

Ciclismo em pista

Sportinguistas conquistam títulos nacionais

Os ciclistas Paulo Ferreira e José Xavier, ambos do Sporting, sagraram-se campeões nacionais de velocidade e perseguição, respectivamente, nos campeonatos nacionais de pista que decorreram na pista de Sangalhos (Aveiro).

Nas restantes provas para seniores os vencedores foram Eugénio Passos (Paços de Ferreira) na modalidade de perseguição e Bernardo de Sousa, também do Paços de Ferreira, em velocidade.

Em juniores, o campeão nacional de velocidade foi José Santiago, do Alguerra e na mesma modalidade, mas em aspirantes, foi Paulo Henriques, das Bicicletas Andrade.

Dentro da categoria, e por escalões etários, classificaram-se: Profissionais (Sporting Raposeira), Seniores A (Paços de Ferreira), Seniores B (Boavista), Juniores (Alguerra) e Aspirantes (Móveis Rosa Dias).

Individualmente os títulos

couberam a: Profissionais—José Xavier (Sporting Raposeira); Seniores A — Eugénio Passos (Paços de Ferreira); Seniores B — Rui Sevilha (Boavista) e Juniores — Manuel Correia (Golpilhares).

Portugueses na África do Sul

A equipa da Sunripe, formada pelos ciclistas portugueses Vençeslau Fernandes, Marco Chagas, António Pinto, Manuel Cunha e Fernando Carvalho, lidera o «tour» da África do Sul em bicicleta.

Venceslau Fernandes ganhou a primeira etapa de 25 quilómetros no Circuito de Randburg, tendo partido de Joanesburgo com a camisola amarela, mas acabou por a perder a favor do sul-africano Van Der Berg na tirada seguinte.

A presença destes atletas portugueses na África do Sul é surpreendente em face da proibição existente quanto à participação

em competições a realizar naquele país africano. Sabe-se que os ciclistas partiram sem a devida autorização oficial, ainda que os dirigentes tenham solicitado parecer à Direcção-Geral dos Desportos. Um caso mais no desporto português.

Recordar Agostinho

A Câmara Municipal de Sintra promove dia 4 de Novembro, uma jornada cicloturística nacional de romagem e homenagem póstuma ao malogrado ciclista Joaquim Agostinho, sepultado no cemitério da Silveira, Torres Vedras.

A concentração está prevista para as 10.30, no átrio do Convento de Mafra, estando programada a partida para Torres Vedras meia hora mais tarde.

No cemitério de Silveira será prestada uma homenagem póstuma ao ciclista com a presença de todos os cicloturistas participantes e de entidades oficiais.

Andebol: campeonato nacional

Académico de Braga no comando

Disputados os jogos da 4.ª jornada do «Nacional» de Andebol Masculino da Divisão de Honra, a nota de evidência àquele trecho da prova pertence inteiramente ao Académico de Braga. Com efeito, a turma bracarense, cujo responsável técnico é o prof. António Cunha, antigo «internacional» portista e actual membro do Comité de Selecção Nacional, deu um safanão da «lógica»: como primodivisionário, pela primeira vez esta época, o grupo minhoto cometeu o «arroyo» de

vencer o F. C. do Porto nas Antas e, ontem, manteve a invencibilidade ao derrotar a Sanjoanense (por uma diferença de 4 golos) seu anterior rival de comando, que foi destronado.

Na Zona Sul, o Sporting conservou facilmente a sua carreira totalmente vitoriosa, conseguindo o resultado mais desnivelado da jornada frente ao Passos Manuel, por uma diferença de 20 golos. Também o Benfica triunfou por «score» elevado.

O Belenenses, «vindo» de uma participação relativamente airosa (derrota em Lisboa e empate em Espanha) na Taça das Taças, disputou o primeiro jogo no «Nacional» estreando-se com o pé esquerdo. Com efeito, toda a gente estava longe de pensar que os «azuis» não conseguiriam vencer o Encarnação, embora no recinto deste. Um empate foi o (desconsolador) desfecho, para a equipa do Restelo.

Resultados — Zona Norte:

Académico de Braga - Sanjoanense, 26-22; F. C. do Porto - Académica de S. Mamede, 24-14; Maia - Desportivo de Portugal, 16-29; e Académico do Porto - Académica de Coimbra, 23-29. Zona Sul: Sporting - Passos Manuel, 35-15; Caramão - Vitória de Setúbal, 21-21; Encarnação - Belenenses, 24-24; e Benfica - Cascais, 31-14.

Pontuações — Zona Norte:

1.º, Ac. Braga, 4 jogos e 12 pontos; 2.º, Sanjoanense e Desportivo de Portugal, 4-10; 4.º, F. C. do Porto e Acad. S. Mamede, 4-8; 6.º, Maia e Ac. Coimbra, 4-6; e 8.º, Ac. Porto, 4 (este conta uma falta de comparência). Zona Sul: 1.º Sporting, 4 jogos e 12 pontos; 2.º Benfica, 4-10; 3.º, Encarnação, 4-9; 4.º, V. Setúbal, 4-8; 5.º, Cascais e Caramão, 4-4; 7.º, Passos Manuel-3-3; e 8.º, Belenenses, 1-2.

Basquetebol: taça feminina

Algés eliminou o CIF

O CIF (campeão nacional e vencedor da «Taça» do ano passado) foi eliminado pelo Algés (anterior titular nas duas provas) na jornada inaugural da Taça de Portugal da época de 1984/85 em basquetebol feminino. Foi como que uma «final» antecipada, visto que se trata das duas melhores equipas nacionais. Caminho perfeitamente desbravado, liberto de escolhos, para que a turma de Dafundo recupere a conquista do segundo mais significativo troféu nacional.

A partida, realizada no Pavilhão da Ajuda, portanto com o CIF na qualidade de visitado, foi disputada em clima de emoção. O nervosismo imperou, daí alguns erros defensivos que cometeram as duas equipas. O Algés triunfou (68-64) com todo o merecimento e o CIF foi digno vencido.

Nos outros jogos (masculinos) que completaram a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal (para já sem as equipas da I Divisão) os resultados foram: Luso do Barreiro-Imortal de Albufeira, 92-71; Vasco da Gama-Paroquial de Oliveira do Douro, 79-7 e Naval 1.º de Maio-Esgueira, 77-60.

No torneio particular, organizado pelo Olivais de Coimbra, a melhor taça em disputa foi conquistada pela equipa da casa. Resultados — 1.ª jornada: Iliabum-Ovarense, 90-64 e Olivais-Sanjoanense, 88-74; 2.ª jornada: Sanjoanense-Ovarense, 74-67 e Olivais-Iliabum, 73-70. Classificação: 1.º Olivais, 2 jogos e 4 pontos; 2.º Iliabum, 2-3; 3.º Sanjoanense, 2-3 e 4.º Ovarense, 2-2.

Duas derrotas do Barreirense, ambas em casa, em jogos particulares disputados no sábado e ontem, não estavam no «programa» mesmo atendendo a que se tratou de encontros amistosos. Há que reflectir nestes resultados, em vésperas de início do «Nacional». Os vencedores foram o Benfica (sábado) por 95-89 e o Sangalhos (ontem) por 89-84.

MICROSCÓPIO

ATLETISMO NA ABÓBADA: Organizado pela Junta de Freguesia de S. Domingos de Rana a «I Grande Corrida do Padroeiro» realiza-se no dia 9 de Dezembro, integrada nas festas de

Nossa Senhora da Conceição. A prova será disputada no lugar da Conceição da Abóbada e as inscrições estão abertas a todos os atletas devendo ser efectuadas na sede da Junta de freguesia.



Jogo particular efectuado no pavilhão de Alvalade: Sorting, 8-Benfica, 4. A turma benfiquista já não é dirigida por Torquato Ferreira e também António Livramento trocou os «leões» por líras

Hóquei em patins: Taça de Portugal

Sem brilho e sem surpresas

Carvalhos e Valongo mantiveram a magra vantagem conseguida na primeira «mão» dos oitavos-de-final da Taça de Portugal, com empates no recinto dos adversários, eliminando respectivamente Infante de Sagres e Juventude de Viana.

Os outros seis apurados para os quartos-de-final são: Sanjoanense, FC Porto, Cascais, Juventude Pacense, Sporting Tomar e Oliveirense.

A Sanjoanense foi a única equipa a ganhar fora na segunda «mão», batendo o Seixal por 12-1 e confirmando os 15-2 do primeiro jogo.

Resultados amplos foram também registados no FC Porto-Grundig (14-3, com 19-4 no total), Cascais-Sintra (12-3 e

21-3), Juventude Pacense-Académico do Porto (9-6 e 12-8), Sporting Tomar-Oeiras (11-1 e 23-5) e Oliveirense-Turquel (6-1 e 9-4).

Esta edição da Taça ficou privada de muito do seu significado pela ausência dos clubes lisboetas em diferendo com a direcção federativa, mas o campeonato, a iniciar em breve, contará já com todos eles depois de desbloqueado o contencioso que levou Benfica, Sporting e outros a boicotar as provas da federação.

Passaram às eliminatórias seguintes: Sanjoanense, FC Porto, Cascais, Juventude Pacense, Carvalhos, Sporting Tomar, Valongo e Oliveirense.

Na sua agenda

O CLUBE NAVAL BARREIRENSE, instituição que muito tem dado em prol dos desportos náuticos a nível nacional, abriu as suas portas à população interessada na prática do remo, modalidade que regressa depois de um longo afastamento do quadro competitivo nacional.

A par da preparação de remadores para a melhor competição que se disputa em Portugal, meteu ombros na criação de uma Escola de Remo, aberta a jovens dos 10 aos 14 anos, visando a formação, a longo e médio prazos, de potenciais praticantes, a exemplo do que se passa nos países mais desenvolvidos na modalidade a nível mundial.

Pelo seu ineditismo e por se tratar da primeira grande experiência a nível de clubes, brevemente será difundido um documento orientador, fruto do estudo da situação do remo em Portugal, onde cabe um projecto de funcionamento do clube e, em particular, das escolas.

XADREZ EM PAÇO DE ARCOS: assinalando a reabertura da secção de xadrez do Clube Desportivo de Paço de Arcos, esta colectividade levará a efeito, em colaboração com a Câmara Municipal de Oeiras, a «semana de xadrez». A iniciativa que engloba diversos torneios, simultâneos, uma partida às cegas e uma exposição sobre xadrez, decorrerá entre 27 de Outubro e 4 de Novembro na sede social do clube.

Os torneios e as simultâneas são abertas a todos os que queiram participar, podendo as inscrições (gratuitas) ser efectuadas na secretaria do CDPA onde poderão igualmente ser colhidas mais informações sobre a «semana de xadrez».

MEIA MARATONA DE A DOS CUNHADOS: Organizada pelo clube local, realiza-se no próximo dia 2, de Dezembro a VI Meia Maratona de A dos Cunhados aberta aos escalões de ju-

niores, seniores, veteranos e seniores. A prova terá início às 10 horas e 30, com partida e chegada junto das instalações da Associação de Socorros e percorrerá as seguintes localidades: Vimeiro, Maceira, Porto Novo, Praia de Santa Rita, Póvoa de Penafirme, Bombardeira, Paradis, Sobreiro Curvo e A dos Cunhados. Como prémios haverá medalhões, diplomas, taças e ainda prémios a sortear. As inscrições estão abertas até ao dia 25 de Novembro na sede da colectividade organizadora.

CONGRESSO DE REMO NA FIGUEIRA DA FOZ. Nomeada pela Federação foi constituída uma comissão organizadora que vai realizar em Setembro do próximo ano, um Congresso Nacional de Remo que irá decorrer na cidade da Figueira da Foz. Este congresso reunirá, durante quatro dias, cerca de 200 delegados vindos de todo o País e finalizará com um grande desfile náutico no estuário do rio Mondego, para o qual está prevista a participação de centena e meia de embarcações e de 700 actuais e antigos remadores de todos os centros náuticos do Litoral e Interior, desde Caminha a Vila Real de Santo António, realizando-se após a parada náutica um convívio recreativo, na margem norte do rio Mondego junto à doca de recreio e serviços.

MEIA MARATONA DA MARGEM SUL: Com data marcada para 24 de Novembro vai realizar-se na Baixa da Banheira a 5.ª edição da «Meia Maratona» na distância de 23 quilómetros e aberta a todas as categorias. A inscrição é gratuita e está aberta até 19 de Novembro. Como prémio haverá medalhas, medalhões e taças para os melhores classificados. Refira-se que a prova é organizada pela Sociedade Recreativa e Cultural União Alentejana.

Portugal: asilo de brandos costumes

Não sou chauvinista: e Deus me livre de não considerar lógico, natural e digno do maior respeito o caminho aberto a um estrangeiro que, com sacrifício do agregado familiar, com abdicção do ser normal campo de amizades, embarca para longas terras procurando fora da pátria o sustento que lhe é difícil (ou mesmo inatingível) em casa própria. E são às centenas de milhar, mesmo ao nível de milhões, os nossos compatriotas que, no desfile dos tempos, entregaram a força do seu trabalho mais generoso para a construção de outras grandes nações.

Mas esses, os exemplares, são a fonte inspiradora dos arrivistas, desses caixotes de jogadores e técnicos que diariamente desaguardam neste lado do mar, trazendo como única credencial o afã de cobrar muito (e rapidamente) tudo quanto estiver à mão de semear: e, nisto, o futebol é triste e permanente exemplo.

Nunca tive o menor receio ou arrependimento de tirar o chapéu e aplaudir a mãos ambas os Seminários e os Yazaldes, os Di Pace e os Tarríos, Bela Andrasik como Telechea, Osvaldinho e Lúcio, Scopelli e Iustrique, artistas ou mestres que transportaram até Portugal o perfume do seu talento ou a ciência que desconhecíamos e parecia longínqua. Bato-me (isso, sim) contra os vencidos ou os irradiados lá por sua terra, alguns envolvidos até aos dentes em negociações das mais escuras, marcados pelo ferrete do suborno e da mentira, longe de morarem afastados do convívio com gente sã e honesta, até aqui vieram como se formássemos uma colónia de cafres necessitados de chefes negreiros mesmo que entre eles estivesse um qualquer abnegado Zé-do-Telhado.

Mas a Crítica que, em uníssono, condena vibrantemente estas malhas absurdamente tecidas perante gestores honestíssimos e sempre correctos, não é sequer minimamente escutada. Prouvera aos santos que nunca tenhamos que registar o público arrependimento de alguns presidentes clubistas que, numa hora de fraqueza, vão permitindo inacreditáveis atitudes que, numa hora subordinadas, de empregados que, para além de mais, terão de estar de cara aberta para os comentários que crescem entre as massas associativas dos seus emblemas, afinal os autênticos e inegáveis patrões que lhes pagam ricos salários, altos e tão opulentos que, realmente, envergonham todos quantos vivem da escrita ou apenas auferem o ordenado mínimo nacional.

O calendário rodará: as colectividades (de pergaminhos brilhantíssimos) terão, mais hora, menos minuto, razão para concordar com a palavra onde morava a razão. Por vezes incómoda: mas sempre estruturalmente honesta e franca. Aberta ao diálogo e de braços abertos para um total entendimento mútuo.

Neves de Sousa

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Saudades do "La Cuadra"

NANAS DE ESPINA, de Salvador Távora, inspirado em «Bodas de Sangue» de Garcia Lorca. **Encenação:** Salvador Távora. **Colaboração:** Lilyane Drillon, José Manuel Perez, Coral Polifónico de Santa Maria de la Rábida (Huelva). **Arranjos musicais:** Vicente Sanchis. **Interpretação:** Angeles Jimenez, Ana Malaver, Luisa Maria Muñoz, Manuel Alcántara, David Arjona, Mariano Fraile, Jesus Jiménez, José Rodríguez, Juan Romero e Salvador Távora. **Grupo La Cuadra. Mostra de Xeatro Espanhol. Estreia: Teatro Nacional D. Maria II, 26.10.1984.**

Curioso! Há dez anos este grupo andaluz, fundado e dirigido por Salvador Távora, apresentou-se, a convite da Comuna, no pobre espaço de que aquele grupo português dispunha na antiga Fábrica de Cerveja Portuguesa, à Almeirante Reis. Chamava-se o espectáculo «Queijo» (Queixume) — e foi um espanto. Espectáculo pobre, como o espaço, limpo, forte, emocionante, sobre o trabalho, as relações humanas, o sofrimento e a solidão dos explorados, à luz da candeia de azeite, ao som dos instrumentos do próprio corpo, a voz, as mãos, os pés, além da guitarra. «Queijo» era a estreia de um grupo recentemente fundado, mas que se tornara, em pouco tempo, conhecido e reconhecido.

Anos depois, La Cuadra voltou a Lisboa, ainda a convite da Comuna, no novo espaço da Casa da Criança. Ainda um espaço modesto para um grupo sério

que apresentou um espectáculo com um título que era todo um programa: «Ferramentas». Uma vez mais, a música e a dança flamengas, com o esforço físico do actor, exprimiam a dor, a solidão, o desprezo a que um povo era votado pelo poder.

Passaram-se os anos. O grupo fundado e dirigido por Salvador Távora continuou o seu trabalho ao mesmo tempo humilde e cheio de orgulho, um trabalho marginal resultado de um conhecimento e de uma procura intensos das fontes e das raízes, das origens de uma maneira de estar no mundo e de o representar em termos de teatro. Espectáculos que apresentou não só em Espanha, como em numerosos festivais internacionais (e que não pude ver): «Los Palos», anterior a «Ferramentas», «Andaluzia Amarga» e o mais recente, «Nanas de Espinas». Em 1984, La Cuadra volta a Lisboa,

no âmbito da Mostra do Teatro Nacional, nas molduras dos dourados falsos de um espaço institucionalizado, o «D. Maria II». Regressa com um espectáculo que tem por ponto de partida um texto também ele institucionalizado, aliás, um grande texto de teatro e poesia, que passa por aqui um pouco à revelia: «Bodas de Sangue», de Federico Garcia Lorca.

Grande, cruel desilusão. Em vez do ascetismo, da simplicidade, da pureza original, que marcavam os trabalhos deste grupo (pelo menos aqueles que vimos), e eram nele uma estética, La Cuadra surge-nos com uma criação de um novo-riquismo insuportável. Este trabalho, para dizer tudo em poucas palavras, é de um barroquismo senil, de um atroz mau gosto pequeno-burguês.

Imagine-se uma colagem em que os vários elementos estejam deficientemente colados e, sobretudo, pareçam duma gratuitidade inadmissível. De Lorca, Salvador Távora aproveitou um esquema dramático, tremendamente empobrecido, e algumas falas, insuficientes e que são, ainda por cima, traídas por vozes deficientes. Lorca seria aqui o alibi literário, que o grupo deveria dispensar, surgindo com elementos das criações anteriores: o trabalho de Salvador Távora como dançarino do flamenco, o canto andaluz; e com elementos que têm a ver com realidades andaluzas, mas que aqui não chegam a ter qualquer espécie de operacionalidade: a precisão (com os ecanpuzados das cerimónias de Sexta-Feira Santa), a tourada (com as respectivas farpas). Junta-se a isto uma segadora mecânica que tem a ver com espectáculos anteriores do La Cuadra, mas enquanto nestes o instrumento de trabalho utilizado exprimia uma determinada realidade social, pretende agora ter funções simbólicas (pode ser a morte), surgindo conduzida por actores com máscaras de bombeiros de ficção científica. Se acrescentarmos a isto um pano pintalado de

vermelho, que a segadora em parte desfaz, os turbidos de incenso (onde isto vai!), personagens com fatos estranhos e estranho comportamento, música religiosa, marchas de touradas, fortíssimos ruidos com instrumentos metálicos (que era um sinal forte noutros espectáculos e aqui é um maneirismo), e teremos talvez dado algumas das razões por que considero este espectáculo pouco menos do que detestável. Com o acréscimo da incapacidade de os actores serem convincentes como intérpretes das personagens de Lorca, com todas as transformações que aquelas sofreram.

É claro que nem tudo se situa a este nível. Há uma ou outra marcação, uma ou outra solução que evocam a força, a eficácia, a qualidade dos primeiros espectáculos. Caso da luta de morte dos dois rivais dada através de um duelo de palmas, embora a cena seja irremediavelmente estragada pelo aparecimento de um fumo cor-de-rosa mais próprio de uma «boite» de 5.ª ordem. Caso também de uma fala da mãe, pontuada por um ruído regular, em que se nota uma tentativa de reelaboração do material verbal e sonoro.

O principal elemento de cena é constituído pela cobertura de um poço, em material prateado, elemento bastante lorquiano, que funciona também como prisão. No entanto, a sua excessiva e mal discriminada utilização prejudica a força da sua presença.

O que há de certo neste espectáculo, porém, dilui-se, é abafado pelos truques, pelo artificialismo, pelo convencionalismo, pela fragilidade da encenação e pela fragilidade da interpretação. Este espectáculo tem obtido enorme êxito. O grupo representa-o há mais de dois anos e na estreia, no teatro do Rossio, o público aplaudiu-o de pé. O teatro é uma arte muito sujeita a estes equívocos. Mas lá que este «Nanas de Espinas» me deixou cheio de saudades do grupo que vimos na Comuna, isso é uma afirmação cujo direito ninguém me poderá recusar.

Polícia italiana encerra canais privados de TV

Três canais privados de Televisão de Itália foram encerrados ultimamente sob a acusação de transmitirem em cadeia.

A Polícia italiana encerrou os canais privados «Canal 5», «Itália 1» e «Retequattro», selando os seus retransmissores em Roma, Pescara e Turim, numa operação relâmpago.

A decisão foi tomada por um Tribunal de primeira instância que alegou a violação de «uma lei que reserva ao Estado e à sua concessionária, a RAI, a difusão de transmissões à escala nacional».

Os Conselhos de Administração das três estações emissoras,

ras, pertencentes ao milionário italiano Silvio Berlusconi, qualificaram o encerramento das emissoras e a selagem dos retransmissores como um «gravíssimo atentado à liberdade de expressão constitucionalmente garantida».

As emissoras anunciaram que irão apresentar recurso da decisão ao Tribunal da Liberdade, instância da magistratura italiana hierarquicamente abaixo do Supremo Tribunal de Justiça.

VIAJE VERDE

Viaje de comboio
nos PERÍODOS VERDES
Viaje a preços reduzidos

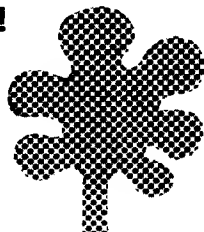
Os **períodos verdes** correspondem aos momentos em que o tráfego ferroviário é de menor intensidade. Isto é, cerca de 2/3 do ano! Viajar de comboio nestas circunstâncias representa, portanto, um acréscimo de tranquilidade, conforto, prazer. E, significa, também, beneficiar de preços reduzidos muito vantajosos.

Agora, programe as suas viagens de comboio em função dos **períodos verdes**.

Pense verde! Viaje verde!



Comboio, a opção inteligente



CP/Design

Hoje

RTP1



Exibe-se, na RTP-1, mais um episódio de «Os Manions da América»

- 18.02 Notícias
18.08 3, 2, 1 Contacto
18.35 Teleregiões
19.00 «Os Manions da América» — intérpretes: Pierce Brosnan, Nicholas Hammond, Kathleen Beller, David Soul, Linda Purl e Kate Mulgrew. Realização: Charles S. Dubin.
20.00 Telejornal — e Boletim Meteorológico.
20.30 Direito de Antena — Associação Portuguesa dos Orientadores Escolares e União Geral de Trabalhadores (UGT).
20.50 «O Bem Amado» — episódio n.º 160.
21.35 Concurso 1, 2, 3 — tema: Camilo Castelo Branco.
23.55 Últimas Notícias



Na rubrica... Da Música, na RTP-2, poderemos ouvir, esta noite, «Missa Solene», de Beethoven

RTP2

- 19.32 Notícias
19.37 Desenhos Animados
20.00 «Retalhos da Vida de um Médico» — «Daisy».
20.45 Comissão da Condição Feminina — a mulher na sociedade.
21.05 Animação
21.30 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 136.
22.15 Jornal da Noite
22.45 ... Da Música — «Missa Solene», de Beethoven.

Amanhã

RTP1

RTP2

Das 13.35 às 17.30: Ciclo Preparatório TV: 18.02: Notícias; 18.07: «Candy, Candy»; 18.35: Teleregiões; 19.00: Portugal Contemporâneo — a arte possível; 19.35: Gestão de Empresas; 20.00: Telejornal; 20.30: Direito de Antena; 20.45: «O Bem Amado»; 21.25: «... E a Vida Continua»; 22.35: Grande Informação; 23.30: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; 19.37: Desenhos Animados; 20.00: Amor em Tempo de Guerra; 20.55: Artistas; 21.25: «Guerra dos Sexos»; 22.15: Jornal da Noite; 22.45: «O Barco Espião»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1

Concurso 1, 2, 3
(21.35)

RTP2

«Missa Solene», de
Beethoven
(22.45)

O BEM-AMADO

(Episódio n.º 160)

O barco de Gisa afasta-se. Jairo irritado, manda um dos seus empregados alugar uma lancha a motor para a ir procurar. Dulci faz uma cena de ciúmes a Jairo por este ter ido caçar borboletas com Anita. No jornal de Neco, Juarez felicita-o pelas boas reportagens. Entretanto, preocupado, Jairo pede a Odorico ajuda para procurar Gisa. Pensando na possibilidade desta ter morrido, inconscientemente, Odorico deseja que isso tenha acontecido. Com o pai, Telma conclui que Gisa fugiu ao marido porque ele a mantinha presa no quarto. Dó avisa Odorico que a Câmara dos Vereadores decidiu que o preito responda ao inquérito sobre o microfone no confessionário.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

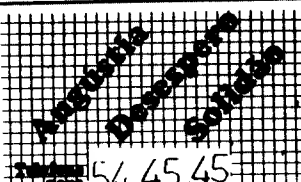
Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

JOVEM

Se desejas assegurar o teu futuro. Nós temos uma solução para ti. Escreve-nos e receberás uma informação muito útil, que pode modificar a tua vida.

CENTRO DE APOIO AOS JOVENS

Apartado n.º 2558
1114 — LISBOA CODEX

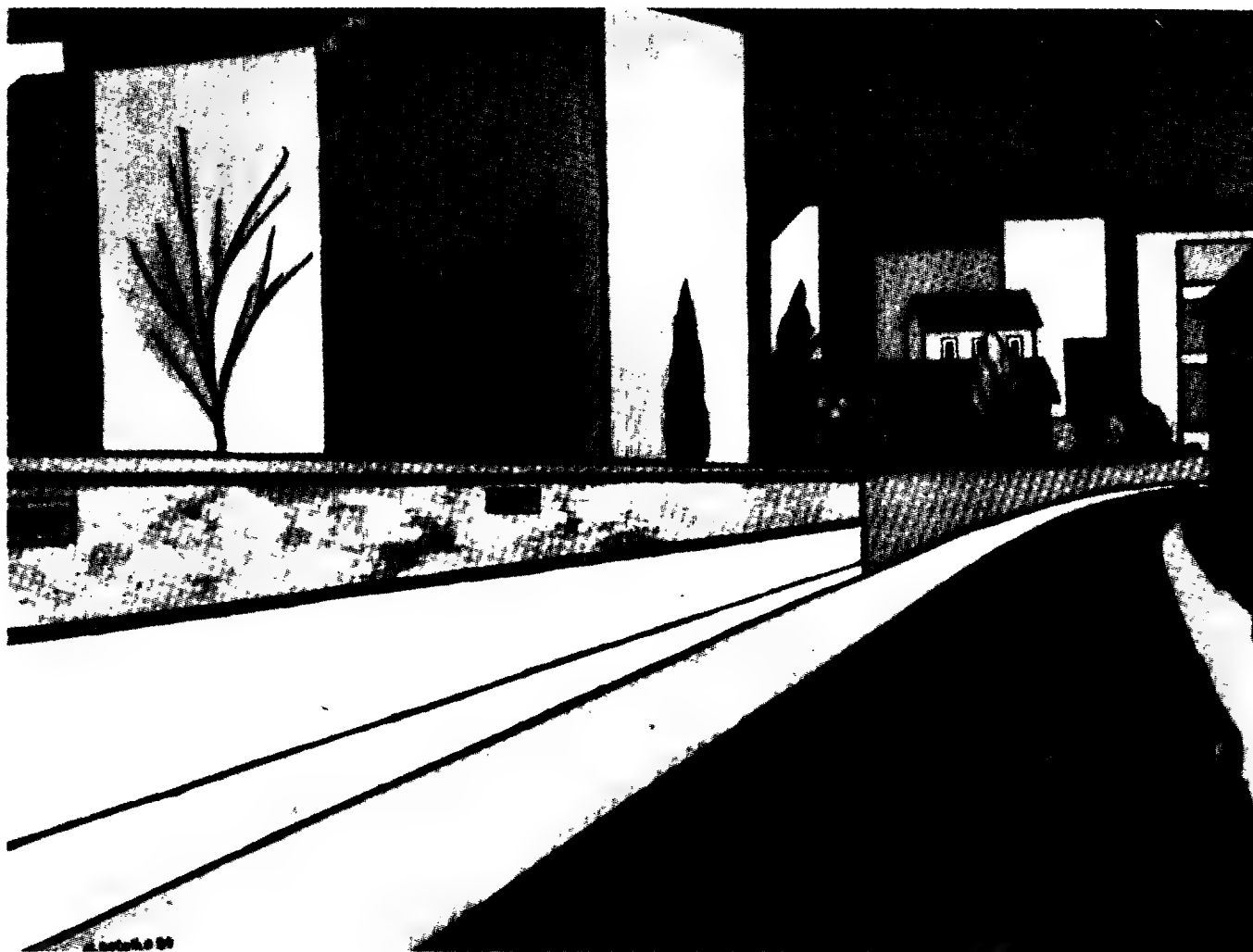




rôteiro cultural

Exposições

- Uma exposição de pintura de **António Botelho** encontra-se patente ao público na galeria da Altamira.
- «A Porta Aberta» é o nome da exposição colectiva de **Fernando Franco Ferreira** e das suas alunas e que pode ser vista na Sociedade Nacional de Belas-Artes.
- No Museu da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva encontra-se patente uma exposição **Fac-Simile** de obras-primas do Museu Albertina de Viena, Austria.
- Em Cascais, na galeria Astolfi, pode ser vista a exposição de escultura e desenho de **Laranjeira Santos**.
- Na Câmara Municipal da Amadora continua patente uma exposição colectiva de artes plásticas que integra obras de **A. Costa Valente, António Galvão, António Seru, João Ricardo Ferreira Rodrigues, Lindorf, e Teresa Sotto Mayor**.
- Na sala do Ateneu Artístico Vilafranquense está patente uma exposição fotográfica dos trabalhos entregues para o concurso **Os Idosos**.
- Na galeria «Eg» do Porto pode ser vista uma exposição do pintor **Carlos Carreira**.
- Também no Porto, no Museu Nacional de Literatura, pode ver uma exposição sobre a vida e obra do escritor **Hans Christian Andersen**.
- Escultura de **Isabel Meyrelles** e pintura de **Fernando Marques de Oliveira** podem



Um dos trabalhos de António Botelho patente na Altamira

ser apreciadas na galeria Roma e Pavia, Porto.

● No edifício Chiado, de Coimbra, foi recentemente inaugurada uma exposição

subordinada ao tema **O Homem e o Livro**.

Música

● Os trócos para flauta, violino

e violoncelo I de Haydn são esta tarde interpretados, em audição integral, pelo trio belga constituído por **Bartold Kuijken, Sigiswald e**

Wieland Kuijken. O concerto realiza-se no Grande Auditório da Gulbenkian, às 18 e 30.

● Na Igreja Matriz de Vila do Bispo, Algarve, continua hoje

o Festival de Coros da Região com a participação do **Coral Villanelle**.

Teatro

● No D. Maria II continua em cena, até quarta-feira, a peça «Nanas de Espinas», uma criação de Salvador Tavora, inspirada em «Bodas de Sangue» de Federico Garcia Lorca. A peça é levada à cena pela companhia **La Cuadra** de Sevilha.

Colóquios

● **Eleições norte-americanas — que política externa?** é o tema do debate que esta noite tem lugar no Centro Nacional de Cultura — Rua António Maria Cardoso, 68-1.º. No debate, que é promovido pelo GSAL, participam Jardim Gonçalves, José Carlos de Vasconcelos, Manuel Alegre, Medeiros Ferreira e Piteira Santos.

Cinema

● No Quarteto prossegue hoje um pequeno ciclo em memória de **Truffaut**, com os filmes «O Quarto Verde», «A História de Adèle H», «A Idade da Inocência» e «O Homem que Gostava de Mulheres», às 23 e 30.

● «João Ratão» e «Lobos da Serra» são os filmes a ser exibidos hoje, às 18 e 30 e 21 e 30, na Cinemateca, no âmbito da retrospectiva da obra de **Jorge Brum do Canto**.

Funeral do Professor Ruy Luis Gomes a cargo da Companhia Funerária e Decorativa Portuense.
Rua de Santa Catarina, 432 — Porto

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 10.º JUÍZO CÍVEL ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editores de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de VINTE dias, findo o prazo dos editores, contestarem a acção, sob pena de serem os réus condenados ao pedido que, extracto, é o seguinte: serem os réus condenados a pagar (solidariamente) aos autores a quantia de 3 106 210\$00 além do que se vier a liquidar em Execução de Sentença, e

ainda a pagarem ao 1.º autor (solidariamente) 1 300 000\$00 e custas, selos e procuradoria, conforme melhor consta do duplicado da p.l. à disposição dos Réus na secretaria deste Tribunal.

Acção Ordinária n.º 2364, 3.ª secção. Autor: Arnaldo João Lima dos Reis Maya e Outro. Réu: MANUEL DA CONCEIÇÃO PEREIRA e mulher GLÓRIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA, com última residência em Rua dos Anjos, 31-1.º DL, Lisboa, e OUTROS.

Lisboa, 15 de Outubro de 1984

O Juiz de Direito (assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito (assinatura ilegível)

D.L. 29/10/84 — 1.ª Publicação

COTACÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTACÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	82\$70	88\$70
ALEMANHA FED (marco)	52\$35	53\$45
ÁUSTRIA (xelim)	7\$40	7\$60
BÉLGICA (franco)	2\$430	2\$630
BRASIL (cruzado)	\$943	\$973
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	120\$80	122\$80
(notas de 5 a 1000)	121\$30	123\$30
DINAMARCA (coroa)	14\$50	14\$80
ESPAÑA (peseta)	\$894	1\$014
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	15\$830	161\$30
(notas de 5 a 1000)	15\$880	161\$80
FINLÂNDIA (marca)	25\$15	25\$75
FRANÇA (franco)	17\$05	17\$75
HOLANDA (florim)	46\$40	47\$40
IRLÂNDIA (libra)	162\$45	166\$45
ITALIA (lira)	\$077	\$087
JAPÃO (iene)	\$622	\$657
NORUEGA (coroa)	18\$05	18\$55
NORUEGA UNIDO (libra)	194\$60	198\$60
SUÉCIA (franco)	18\$40	19\$00
SUÍÇA (coroa)	63\$80	64\$90
VENEZUELA (bolivar)	10\$75	11\$75

Observações:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A galta dos sete toles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Musical; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.40: Música religiosa; 16.25: Música de tecla; 17.00: Sinfonia n.º 2, em do menor, de Bruckner; 18.05: Grandes intérpretes; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Árias de óperas; 20.10: Concertos; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tempo de bailado; 22.40: Solos instrumentais; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Um programa de José Ramos; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Horizonte; 21.00: Programa da LAR; 21.30: Textos e pretextos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Desporto; 23.00: Sessão da meia-noite; 23.55: Meditando; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00: O estamimé do ritmo; 19.30: Memorando; 20.00: Transmissão do tempo; 20.30: A Universidade na Rádio; 21.00: Pá: 21.30: Pentagrama; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Contra-capas; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas

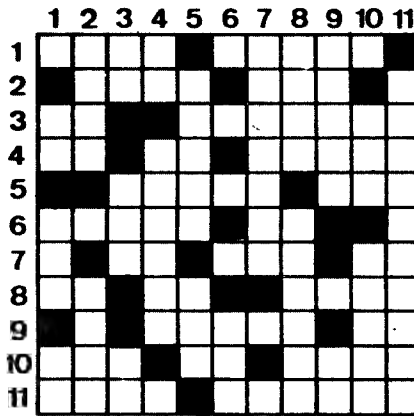
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 167

HORIZONTAIS:

- 1 Aquele que. Legado.
- 2 Desmoronava-se. Senhora.
- 3 Depois de Cristo. Amimaram.
- 4 Duas vogais desiguais. Nota musical. Cidade do Japão.
- 5 Cidade da Polónia. Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ahl ohi.
- 6 Nome de peixe. Centímetro.
- 7 Nota musical. Ilha da Polinésia. Sódio. (s.q.).
- 8 Rádio. (s.q.) Prefixo de privação. Sair frequentemente à rua (inv.).
- 9 Colheita. Níquel (s.q.).
- 10 Nome de mulher. O sono das crianças. Fértil.
- 11 Molho com baba. Erguas.



VERTICAIS:

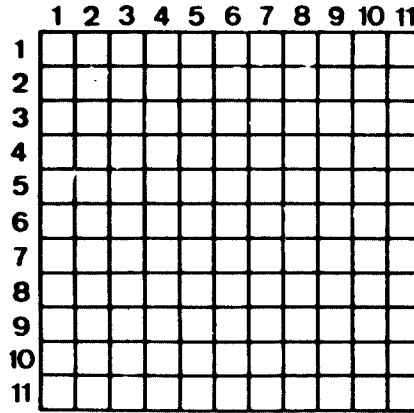
- 1 Preposição. Ente. Prefixo que designa afastamento.
- 2 Morro da cidade do Rio de Janeiro. Romance de Emilio Zola.
- 3 Európio (s.q.). Senhores. Prefixo que designa afastamento.
- 4 Nota musical. Encantos.
- 5 Amante. Recusa.
- 6 Artigo definido. Tempo do verbo ir.
- 7 Assoa. (fam).
- 8 Tempo do verbo ir. Fortificara.
- 9 Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes. Iridio. (s.q.).
- 10 Mau cheiro. Jamais.
- 11 Serenarias. (fig).

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 10 017

HORIZONTAIS:

- 1 Nome de vários reis da Noruega. Torreira.
- 2 Mulher chinesa da classe baixa. Refeição.
- 3 Concedes. Poisara no mar. (o avião).
- 4 Érbio (s.q.). Guarnição de asas. Cidade da Arábia.
- 5 Apelido. Filtrem. Ema!
- 6 Imão do pari. Futeis. Zomba.
- 7 Falécias. Contracção da preposição de com artigo os.
- 8 Moeda indiana. O mesmo que três.
- 9 Pronome indefinido. Enterras.
- 10 Axila. Gavinha.
- 11 Xaile das mulheres índias e parças. (pl). Lista.



VERTICAIS:

- 1 Deus dos Infernos, identificado com o Plutão dos romanos.
- 2 Esplêndidas.
- 3 Preposição e artigo. (pl). Indignados.
- 4 Despertava.
- 5 Poente. Isto é. Clima.
- 6 Elegia. Duzentos e um em romance.
- 7 Miriari. Pau onde se hasteia a bandeira. (pl).
- 8 Dança do interior alagoano. Rádio (s.q.).
- 9 Época histórica. Estar obrigado a.
- 10 Que vende caro. Para barlavento.
- 11 Estimais. Nome de astro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 166

HORIZONTAIS:

- 1 Mã. Fô. Calem.
- 2 Abro. GALO.
- 3 Trair. Ferr.
- 4 Ais Anis. Ao.
- 5 Sam. As.
- 6 Roa. BOM.
- 7 Ra. Sr. Ga.
- 8 Ima. Iamios.
- 9 NUNCA. Arara.
- 10 Arco. Cedi.
- 11 Soara. Vasos.

VERTICAIS:

- 1 Mala. Trinas.
- 2 Abri. Amuro.
- 3 Nasar. Anca.
- 4 FOI. los. Cor.
- 5 Ramaria.
- 7 Fimbrina.
- 8 Ages. Arca.
- 9 Lar. Am. Maes.
- 10 Elias. GORDO.
- 11 Moro. Casais.

Provérbio: GALO BOM NUNCA FOI GORDO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 016

HORIZONTAIS:

- 1 Juneau. José.
- 2 Ufa. Piropos.
- 3 Nara. Ha.
- 4 Ano. Re. Ca.
- 5 Ti. Calosos.
- 6 Acatados.
- 7 Aso. In. Pi.
- 8 Oros. Bar.
- 9 Eta. SS. La.
- 10 Tascas. Ao.
- 11 Oras. Assis.

VERTICAIS:

- 1 Unof. Jônio.
- 2 Ufania.
- 3 Nara. Careta.
- 4 Casotas.
- 5 Aparatasas.
- 6 Uti. Ela. Ca.
- 7 Odiosas.
- 8 Johnson. SSS.
- 9 Opa. Os.
- 10 So. Cs. Palas.
- 11 Esta. Virao.



cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 4 a.
Falado em português
AS AVENTURAS DA TURMA DA MÔNICA
6.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A
Às 14.45, 18.15 e 21.45
- M. 12 a.
3 Óscares
OS ELEITOS
8.ª Semana

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45
Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
NA CAMA... É UM DESCANSO

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
O GENDARME EM NEW YORK

CASITIL 530194

R. Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
Às 24 - M. 12 a.
OS LONGOS DIAS DA VINGANÇA

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A DESONRA
Amanhã às 11
O SUPER-RATO

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O TRIUNFO DO HOMEM CHAMADO CAVALO
Às 24
DESFORRA DO VIETNAME

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
FOOTLOOSE
Domingo às 11 - Para Todos
A ESPADA ERA A LEI

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora
Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
FOOTLOOSE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS
M. 12 anos

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
OS CAVALOS DE VALDEZ
Às 24 - M. 18 a.
DUELO DE PUNHOS

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O MOMENTO DA VERDADE

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade
SALA 1
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
O MISTÉRIO DE GORKY PARK

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
REBEL, O INSUBMISSO

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora
Às 21.30 - M. 6 a.
O TORNADO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 18 a.
EMANUELLE, A ANTIVIRGEM
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
AS AMAZONAS DO KARATÊ

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
ZEBRA FORCE

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
ENCERRADO PARA OBRAS



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O TRONO DE FOGO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS

SALA 2

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30
- M. 16 a.
A BALADA DE NARAYAMA

SALA 3

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 16 a.
O LÍRIO DE MANILA

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30
- M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
CRÔNICA DOS BONS MALANDROS
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
SPLASH, A SÉRIE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O TRIUNFO DE UM HOMEM CHAMADO CAVALO

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175
SALA 1
Às 15.15, 18.15 e 21.15
- m. 12 a.
KARATÊ KID, MOMENTO DA VERDADE

SALA 2

Às 14, 16.15, 18.45 e 21.30
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
17.ª Semana

SALA 3

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TERZAN REI DA SELVA
4.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos junto ao n.º 63
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24 horas
- M. 6 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA
Filme de qualidade
2.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
UM HOMEM FORA DE SÉRIE
Às 24 - M. 18 a.
AS MOTOS DA MORTE

TURIM 706666

E. de Benfca, 723-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
REBEL, O INSUBMISSO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 8/9
Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
O LUGAR DO MORTO

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
MAKING LOVE
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «Splash, a Sereia», às 21.45 (6 anos)
ALFA-2 - «Vidas», às 21.45 (18 anos)
ALFA 3 - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE - «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
ZODIACO - «Violette Nozière, a Implacável Assassina», às 21.30 (16 anos)
APOLLO 70 - «A Balada de Narayama», às 21.30 (16 anos)
OLÍMPIA - «Bela e o Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO - «As Feras do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «O Trono de Fogo», às 21.30 (12 anos)
LONDRES - «Paris, Texas», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)
CITY-CINE - «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
RESTELO - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA - «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «Lobos da Serra», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Crônica dos Bons Malandros», às 21.30 (12 anos)
ESTORIL - Casino - «O Dia Seguinte», às 21.15 (12 anos)
ESTORIL - Palácio - «Aventura nas Caraíbas», às 21.30 (16 anos)
CASCAIS - Impala - «Epopéia do Império», às 21.30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA - Academia - «Debaixo do Vulcão», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Incrível - «O Clã das Amazonas», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Christine, o Carro Assassino», às 21.15 (16 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Loucura na Praia», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Amor e Dinheiro», às 21.30 (16 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «Tubarão III», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Splash, a Sereia», às 21.30 (6 anos)
PAÇOS MANUEL - «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.45 (12 anos)
BEBÊ - «Greystoke, a Lenda de Tarzan Rei da Selva», às 21.30 (12 anos)
COLISEU - «Os Salteadores do Templo Sagrado», às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN - «Blade Runner», às 21.30 (13 anos)
BATALHA - «Prego no Fundo», às 21.45 (12 anos)
ÁGUA - «História d'Ó», às 21.45 (18 anos)
TERCO - «Fronteira USA», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM - «As Malhas da Traição», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO - «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
JULIO DINIS - «Meu Filho Meu Amor», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE - «O Momento da Verdade», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA - «A Iniciação», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT - «O Mistério de Gorky Park», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala A - «O Lugar do Morto», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Vidas», às 21.45 (18 anos)
RIVOLI - «O Homem que Veio do Longe», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALVALADE**: Libia, Av. da Igreja, 4-B (T. 891681); **AVENIDAS** - «DUQUE D'ÁVILA: Coelhos, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL**: Bairro Azul, Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA**: Normal de Lisboa, R. da Prata, 220 (T. 878342); **BENFICA** - SANTA CRUZ: Lavinha, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO D'OURIQUE**: Linalda, R. Ferreira Borges, 30 (T. 860955); **CELAS**: Sacramento, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 850904); **CHILE** - ALAMEDA: Nobel, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO** - SANTA MARTA: Dval, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **GALINHEIRAS** - CHARNICA - LUMIAR: São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790989); **PAMPULHA** - JANELAS VERDES: Lealdade, R. do Olival, 226-228 (T. 663441); **QUINTA DO MENDES** - ODIVELAS: Almeida, Pt. à R. Tomás da Anunciação, 38-B.

REFORÇO

A ESTRADA DE MOSCAVIDE - OLIVAS: São Paulo, R. José Campas, lote 823 (T. 310711); **AREIRO**: Garrafeira, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5-A-B (T. 887300); **GRACA**: Morão, L. da Graça, 63 (T. 860700); **JARDIM DOS ANJOS**: Confiança, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653); **JARDIM ZOLÓGICO**: Alegria, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); **PRAÇA DA**

teatros

Lisboa

TEATRO DO MUNDO - «A Troca», às 21.30 (10 anos)

farmácias

Linha de Cascais

ALGÉS: Dias Saralva, Av. Afonso Paia, 17 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-Á-VELHA**: Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 219697). Até às 19 horas; **TRES**: Guimarães, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Pereira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente; **NOVA OELHAS**: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723). Até às 22 horas; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: Grinco, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL**: São Pedro, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS**: Amarel Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imani, MADORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMO-REIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Cordeiro, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072). Permanente; **Amadora**, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Até às 22 horas; **DAMAIA**: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ**: Zeller, R. da República, 83 (T. 950045). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Nova de Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM**: Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **ALGUEIRÃO**: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T.

9212038). Permanente; **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Araújo, Até às 22 horas; **SINTRA**: Gomes da Silva, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

LOURES: Sávia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

Porto

Das 9 Às 12 e Das 14 Às 22 HORAS
CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943, Foz; **HENRIQUES**, P. da Batalha, 64-A; **ORIENTAL**, R. do Bonjardim, 727; **DAS OLIVEIRAS**, R. D. Afonso Henriques, 646; **Areosa**; **MAFALDA**, R. Monte Cativo, 444.

DE DIA E TODA A NOITE

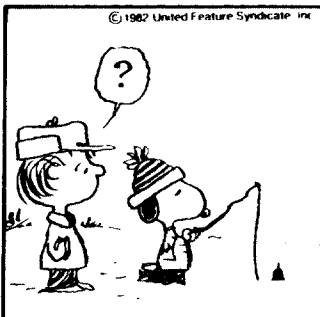
CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 36; **CARDONA DOS SANTOS**, R. D. Manuel II, 90; **MARTINO**, SUCURSAL, P. Marquês de Pombal, 122; **MOURA**, R. do Bonfim, 582-A-B; **RAMOS**, P. do Exército Libertador, 91.

Coimbra

BATISTA, P. da República, 9-10 (T. 23747); **PAIVA**, P. do Comércio (T. 23231).



DL



MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
6.09 3,9 m 11.52 1,4 m
18.40 3,5 m
Dia 30
7.02 3,6 m 0.06 1,7 m
19.41 3,3 m 12.53 1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	8°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	10°
PORTO	12°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	16°
LISBOA	14°
ÉVORA	14°
BEJA	14°
FARO	16°
SAGRES	15°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	18°

Ruy Luís Gomes vai a enterrar esta tarde

PORTO, 29 — Falecido cerca das 23 horas de anteontem, no Hospital de Santo António, no Porto, o prof. Ruy Luis Gomes, figura cimeira da resistência do fascismo e do combate pela liberdade nos últimos 50 anos em Portugal, prestigiado cientista e reitor vitalício da Universidade do Porto, vai a enterrar esta tarde, com saída do cortejo fúnebre, cerca das 15.30, da Faculdade de Ciências do Porto, da qual foi professor catedrático, com destino ao Cemitério do Prado do Repouso.

O prof. Ruy Luís Gomes tinha dado entrada na manhã do último sábado naquele hospital, na sequência de uma queda em casa, de que resultou fractura de um braço, conforme nos revelou um seu familiar. A meio da tarde o seu estado de saúde evoluía satisfatoriamente mas, todavia, cerca das 18 horas, a situação agravou-se com enfarte de miocárdio e pouco depois das 23 horas, apesar dos cuidados médicos, já não reagiu e faleceu, como nos referiu ainda o mesmo familiar.

O corpo do prof. Ruy Luis Gomes foi depois levado para sua casa onde ficou durante todo o dia de ontem, e até às 10.30 desta manhã, hora a que a urna foi conduzida para o átrio da Faculdade de Ciências do Porto, de onde o funeral sairá esta tarde.

Estava inicialmente previsto que o funeral saísse de casa de Ruy Luís Gomes, à Avenida da Boavista, mas um grupo de professores e a direcção da Faculdade de Ciências do Porto fizeram diligências junto da família para que uma última homenagem fosse prestada por aquela escola, onde o professor ensinou e de onde foi expulso pelo salazarismo em 1947, embora o seu nome fosse já nessa altura o de um eminente investigador no ramo das Matemáticas.

De acordo com as informações também recolhidas junto da sua família, a Faculdade de Ciências pretende de algum modo, com esta passagem do corpo do prof. Luis Gomes pelo histórico edifício do centro da cidade, reafirmar que esta Universidade «não é a mesma que o expulsou antes do 25 de Abril».

Entretanto, durante todo o dia de ontem, algumas centenas de pessoas passaram pela residência da família do prof. Ruy Luis Gomes, ou enviaram mensagens e telegramas de condolências. Ao princípio da madrugada de hoje, na volumosa rima



Apresentação da candidatura do prof. Ruy Luís Gomes à Presidência da República, em 1951. Numa conferência de imprensa em Lisboa, o candidato tem à sua esquerda Virginia Moura e José Morgado

de telegramas, destacavam-se os de diversos organismos culturais da cidade do Porto, de comissões de moradores da área do Porto, de numerosos sindicatos, do Secretariado do Comité Central e de algumas direcções locais do PCP, do dr. Álvaro Cunhal, de Alfredo Pereira Gomes (irmão do escritor Soeiro Pereira Gomes), do Sindicato dos Professores do Norte (de que era sócio honorário), do Conselho Nacional da UDP, da Associação de Estudantes do Instituto Abel Salazar, do qual foi fundador, do actor Rogério Paulo, do dr. Ilídio Sardoeira, da direcção do «Jornal de Notícias» e de «O Diário», de Ramon de La Féria, da família Ferraz de Almeida, da família Ferreira Alves, de alguns vereadores da Câmara Municipal do Porto, etc. Foram igualmente recebidas dezenas de telefonemas de todo o País.

Também a Câmara Municipal do Porto, associando-se a esta última homenagem ao seu filho ilustre (o prof. Ruy Luís Gomes nasceu no Porto em 1905) mandou içar a bandeira da cidade a meia-haste no mastro do edifício dos Paços do Concelho, em sinal de luto da cidade. Recorde-se

que o prof. Ruy Luis Gomes foi eleito três vezes consecutivas para a Assembleia Municipal do Porto.

Depoimentos de algumas personalidades

DR. ANTÓNIO MACEDO: «UM ENORME CHOQUE» «Foi um enorme choque, fica-se com a sensação de um grande vazio» — disse-nos o dr. António Macedo, presidente do PS e outra conhecida figura da resistência ao fascismo em Portugal. António Macedo enalteceu também

em Ruy Luís Gomes «o homem simples, modesto, dedicado à investigação e ao ensino na universidade» e recordou, por outro lado, ter sido ele e o dr. Mário Cal Brandão quem, em 1945, o procurou «para o trazer para a luta nas ruas». O presidente do PS referiu-nos também que a partir dessa altura Ruy Luís Gomes sofreu toda a espécie de perseguições e injustiças que culminaram com a prisão e o afastamento da Universidade e o exílio.

ENG. VIRGINIA MOURA: «UM LUTADOR PELA UNIDADE» — Ainda comovida, quando chegava de casa do prof.

Ruy Luís Gomes, a eng.ª Virginia Moura, outra figura conhecida da resistência ao fascismo, disse-nos: «o que me ocorre neste momento de dor é dizer que o povo português perdeu um homem que lutava a seu lado pelo progresso e pela democracia: que a ciência perdeu uma figura conhecida internacionalmente; que todos perdemos também um grande resistente, um homem que resistiu a todas as violências e que nunca capitulou apesar de ter sido obrigado a 15 anos de exílio e a anos de cadeia. Recordo que muitas vezes foi espancado e no dia seguinte, ferido, enfrentava as pessoas porque sabia que lutava por uma causa justa. Todos os que são pela união dos democratas sempre sentiram que o prof. Ruy Luís Gomes estava a seu lado e que só com as forças democráticas em conjunto se pode construir o futuro».

DR. SANTOS SIMIÉS (GUIMARÃES): (PERDA IRREPARÁVEL) — «Considero a morte do prof. Ruy Luís Gomes uma perda irreparável para a democracia e para os portugueses e nomeadamente para a esquerda portuguesa. Para além da sua grande folha de serviços prestados ao País e à liberdade, o prof. Ruy Luís Gomes foi sempre um homem de unidade, de unidade das forças consequentes e homens desses são cada vez mais raros. Foi um exemplo para todos nós, pela sua luta de uma vida inteira por um País com mais justiça e liberdade. Fica-se esmagado perante uma personalidade destas e é essa a grande perda que todos sentimos».

JOSÉ MANUEL MENDES (BRAGA): (UMA VIDA EXEMPLAR) — «A morte do prof. Ruy Luís Gomes constitui uma dor muito funda para todos nós, os que, nestes poucos dias, nos batemos pelo projecto que animou a sua vida exemplar. Na hora rude em que a

nossa memória, após a morte do companheiro cuja prática política tantas gerações tocou, se povoa de íntimos e colectivos registos, honrar Ruy Luís Gomes é prosseguir com a sua esperança perseverante e, afinal, vitoriosa.»

UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO — O Secretariado da União dos Sindicatos do Porto emitiu ontem um comunicado manifestando «o mais profundo pesar pela morte do cidadão e cientista ilustre, exemplo de coragem na luta pela liberdade e pela democracia». A USP refere ainda que Ruy Luís Gomes sempre se bateu «ao lado dos trabalhadores pela defesa das liberdades e direitos fundamentais e pelas conquistas alcançadas com o 25 de Abril».

O Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte emitiu também uma nota sobre a morte do prof. Ruy Luís Gomes, onde refere que «foi uma voz livre que se calou». O mesmo sindicato acrescenta: «Quando doía levantar a voz, quando a luta pela Pátria era um acto solitário passível da pior repressão, Ruy Luís Gomes deu-se por inteiro à luta».

O pesar do casal Eanes

O Presidente da República enalteceu o «perfil de integridade e de coragem» e o «exemplo de resistente democrata» de Ruy Luís Gomes, falecido no sábado no Porto. Em telegrama assinado também por sua mulher, Manuela Eanes, o Chefe de Estado diz que foi com «muito pesar» que tomou conhecimento da morte de Ruy Luís Gomes, «cujo perfil de integridade e de coragem como intelectual e como cidadão deixam um espaço difícil de preencher».

«O seu exemplo de resistente democrata revela que em épocas de grave crise moral e política não se apagam em Portugal os valores da dignidade e da esperança», afirma Ramalho Eanes.

Alguns dados biográficos

O professor catedrático Ruy Luís Gomes nasceu na cidade do Porto, em 5 de Dezembro de 1905 e doutorou-se em Ciências Matemáticas pela Universidade de Coimbra, em 1928.

Até 1947, altura em que foi afastado por motivos políticos, leccionou na Faculdade de Ciências do Porto, onde foi reintegrado após o 25 de Abril de 1974. Em 1953, a Academia das Ciências de Lisboa atribuiu-lhe o Prémio «Artur Malheiros». Viveu três anos na Argentina e 12 no Brasil, exercendo neste período as funções de professor catedrático nas Universidades de Baía Blanca, Pernambuco e Recife. Apoiou o Movimento de

Unidade Democrática (MUD) desde o seu início, em 1945, e por diversas vezes foi preso pela PIDE. Em 1951, o Movimento Nacional Democrático apresentou-o como candidato à Presidência da República, mas as alterações introduzidas na legislação, à última hora, atribuíram ao Conselho de Estado poderes para rejeitar candidaturas e a sua acabou por não ser aceite. Ruy Luís Gomes foi conselheiro de Estado e possuía o título vitalício de reitor da Universidade do Porto e fora condecorado com a Ordem da Liberdade. Em 14 de Abril do ano corrente, foi alvo de uma homenagem nacional promovida por um grupo de amigos e intelectuais do Norte.

Escolas Superiores de Educação deverão abrir em 85/86

O secretário de Estado do Ensino Superior, Pinto Machado, afirmou à ANOP que se não se construírem edifícios definitivos para o ensino superior se entra numa ruptura em termos de instalações.

Pinto Machado concluiu quar-

ta-feira uma visita de três dias a Castelo Branco para debater com os responsáveis locais e das escolas superiores albacenses aspectos relativos à implementação das escolas.

Na reunião com as comissões instaladoras das escolas Supe-

rior Agrária e Superior de Educação, Pinto Machado disse que se prevê para o ano lectivo de 1985/86 a abertura das aulas na Escola Superior de Educação.

O presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco, Pinto de Andrade, apresentou o es-

tudo prévio das construções definitivas da Escola Superior Agrária, considerando-as essenciais para o desenvolvimento deste estabelecimento de ensino.

Instado a pronunciar-se sobre a criação a nível superior de novos cursos nos institutos uni-

versitários, o secretário de Estado disse que «não se vão criar os cursos sem primeiro saber se são necessários os quadros que iriam ser formados».

Disse, a propósito, que não aprovou ainda o curso de Sociologia no Instituto Universitário da Beira Interior, na Covilhã, por

«não se ter feito um estudo sobre a necessidade de sociólogos nas Beiras».

«Não interessa formar quadros se o mercado do trabalho e as necessidades do País e das regiões não os absorverem» — salientou.



**É O FIM DA HISTÓRIA!!
O FIM DA CIVILIZAÇÃO!!**



JÁ ME TINHAM DITO QUE A COISA ERA TERRÍVEL, MAS SÓ AGORA NA TV É QUE PERCEBI!

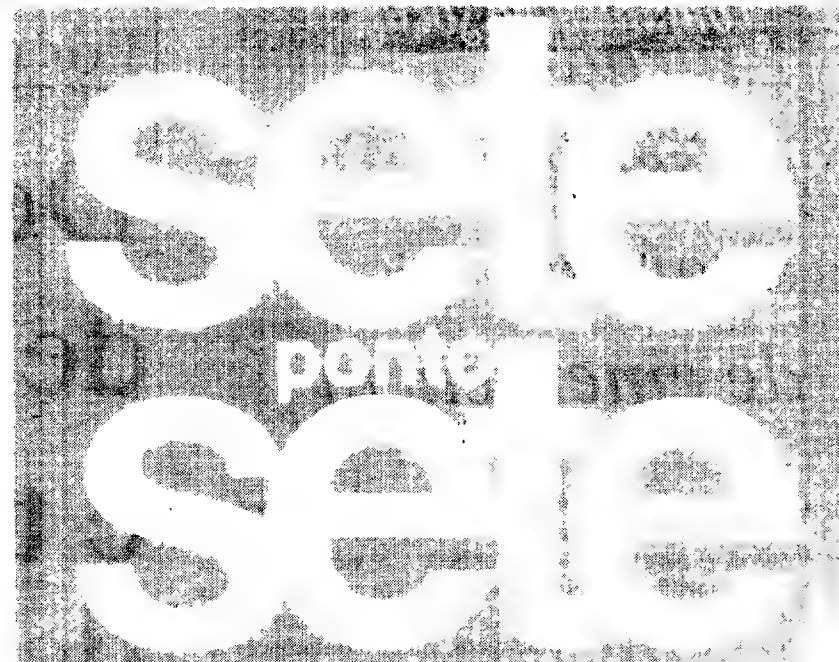


O OUTRO É QUE TINHA RAZÃO EM DIZER QUE A TELEVISÃO É A MAIOR UNIVERSIDADE DO PAÍS!



Dos dispositivos bélicos à armadilha da palavra

Pág. 3



Novos enciclopedistas

Entrevista com Dominique Lecourt

Pág. 5



A propósito do caso Jacques Abouchar

A Imprensa e as viagens sem visto

Págs. 6 a 9

Entradas de serviço e saídas de emergência

O S jornalistas franceses celebram a conquista de Jacques Abouchar às autoridades de Cabul. A sua história — para quem não a conhece — é simples: entrou no Afeganistão ao lado dos rebeldes; foi apanhado pelas tropas soviéticas; preso em Cabul, vê-se condenado a 18 anos de cadeia por espionagem; numa conferência de Imprensa transmitida pela televisão, a sua carteira profissional — n.º 17 593 — é apresentada como prova do delito; na sequência de uma forte campanha a seu favor, é amnistiado, em atenção à feliz coincidência dos 60 anos da amizade franco-afegã, e libertado.

É quase um «fait-divers». Só não o é porque faz parte do romance da política, quer dizer: porque o seu significado está preso numa cadeia de significação, não é totalmente compreensível senão quando se invoca a vasta estrutura onde ele emerge como fogo-fátuo.

Abouchar foi condenado porque estava a fazer espionagem, ou porque pretendia informar? A pergunta nada tem de ingénuo.

Foi libertado porque Cabul reconheceu a legitimidade da informação que lhe é incómoda, ou porque achou oportuno um gesto de clemência que não invalida a condenação?

A questão é interessante e diz-nos a todos respeito. Suponhamos que a equipa da RTP que esteve em Angola ao lado da UNITA tinha sido capturada pelas FAPLA's; suponhamos que um jornalista português é apanhado pelo exército indonésio ao lado de guerrilheiros da FRETELIN; ou suponhamos que outro jornalista português legalmente entrado em Moçambique, é feito prisioneiro pela RENAMO, quando se informava sobre operações antiguerrilha, ao lado do Exército moçambicano.

Não há lugar para pôr em dúvida a **bondade** do que o motiva, ou os conteúdos futuros da sua informação, a não ser no quadro de um processo de intenções. Caso contrário, como aconteceu em Cabul, quem prendeu e condena está obrigado a mostrar, como únicas provas de ilícito, os seus documentos ou material profissional.

A história do jornalismo está cheia de pequenas guerras de todas as espécies contra os interesses dos Estados — de todos os tipos de Estados. A cada passo se põe a questão da legitimidade, mesmo — e sobretudo — quando essa legitimidade não passa de «bom senso policial». Não é legítimo entrevistar um foragido de Vale de Judeus que tem para contar uma história de violência prisional? Não é legítimo ouvir um elemento das FP-25 porque ele defende uma prática política que ofende a democracia?

A questão das viagens sem visto levanta uma outra, a das viagens com visto. A questão do viajante que quis ver tudo levanta uma outra, a do viajante que só quis ver o que lhe mostraram. Assim, em Cabul, exactamente — mas igualmente em muitos outros locais, em outras épocas —, houve quem não visse quaisquer sinais de guerra. Vezes de mais, jornalistas com visto não viram campos de concentração, guetos, ou meros bairros de lata. Vezes de mais não contaram os mortos, não ouviram grevistas, não têm a certeza de quem disparou primeiro e porquê?

A libertação de Abouchar é, a esta luz, um facto positivo.

A informação tem razões — muitas razões — que os Estados desconhecem, mesmo se também é verdade que os Estados têm razões — bem poucas — a que a informação se deve vergar.

João Mendes

Por uma (re)leitura de Freud

Desmoronamento de uma teoria e teoria do desmoronamento

«O Eu não é uma superfície, mas sim
a imitação psíquica de uma superfície»

(Leo Barsani, 1, 103)

LEO Barsani oferece-nos, na sua última obra (1) uma leitura crítica de Freud. Uma leitura que espia a psicanálise sem no entanto ser psicanalítica, uma visão que transforma (enfim) o corpo freudiano em obra, o mergulha na **textualidade** e o agarra como corpo.

Redescobertas portanto; já não segundo o fio da cronologia, mas pelo lado das pulsões e dos fluxos. Como tratar (d)este desejo que foge e reaparece sem cessar? No seio do próprio texto freudiano revela-se uma contradição fundamental, fundadora. Se a teoria tenta, por um lado, canalizar o indizível — a questão da sexualidade — ela deixa no entanto emergir, por outro lado, o que não quer dizer. A teoria procede, assim, de certo modo, de um fracasso, de uma falta, de uma derrapagem que, simultaneamente, ela provoca — involuntariamente — deixando escapar o que é incontrolável; **Unheimlich** (a estranheza), a pulsão, o biológico, o **Trieb**.

Toda a terapêutica tenta dizer uma história — dizê-la toda: contar a vida, instalar o ser, o sujeito, no conforto da narrativa.

Por baixo, ao lado, através dos interstícios, filtram-se a repetição, a não-história, o puro movimento.

Percebe-se, assim, porque é o livro dedicado a Michel Foucault. É que, como ele, Barsani assenta a sua crítica sobre uma concepção nietzschiana da verdade concedida como **efeito de verdade**; ele retoma, a seu modo, a oposição nietzscheo-foucaultina entre a história e a genealogia, e põe em relevo a necessária aparição dessas partículas de silêncio e de força que o discurso do poder — aquele que quer forjar a qualquer preço a existência de uma comunidade — pretende extrair do que se admite, de uma confissão.

A obra de Freud é ora confrontada com as de Beckett ou de Mallarmé ora com as de Sade e de Pasolini, ou ainda posta em paralelo com a estética dos baixos-relevos assírios. Efectivamente, vê-se explodir em Beckett o que foge

em Freud: a autenticidade existencial implacavelmente ligada a uma situação pré-linguística, ou, como se poderia dizer no que respeita à obra do psicanalista, **biológica**.

Deste «antes do dizer», desta afasia primordial (sobre que Wim Wenders insiste tão bem em **Paris-Texas**), depende a sexualidade. Porque ela se move, não segundo o curso linear da história, mas segundo os seus **ritmos**, como Sade tinha sugerido. Ritmos de violência, ritmos de agressão. Aquilo mesmo que tenta obliterar a narrativa, inserindo o sujeito na história de uma comunidade que, ela própria, reforça as ligações libidinais, obrigando-nos ao amor pelo outro, levando-nos ao **ético** para que esqueçamos o **estético-biológico**.

Essa agressividade no fundamento da sexualidade implica um masoquismo constitutivo do ser. Freud, no **Para além do princípio do prazer**, espanta-se com o facto de repetirmos tantas vezes as experiências dolorosas, com o fac-

to de a sexualidade ser, antes de mais, o choque que **Eros** provoca no equilíbrio do círculo narcísico. «Nós desejamos o que nos faz estremecer», diz Barsani (1,50), mostrando, assim, como, em última instância, Thanatos e Eros não páram de se cruzarem um com o outro. Thanatos domina o repouso paralisado do narcisismo, trabalha, por dentro, a dor de Eros, e atravessa, como o duende cartesiano, a civilização. A teoria procura, então, instaurar uma estabilidade que aparece como ilusão, e que vacila, visto que Eros e Thanatos avançam de mãos dadas, visto que o desejo está ligado à dor, visto que o «isto» e o Eu não são **topos**, mas antes movimentos; visto, também, que não se inicia uma história da sexualidade senão falando, em primeiro lugar, das aberrações. A violentação psíquica impossível de representar não pode, assim, ser teorizada; no entanto ela percorre o texto, deixa-se entrever nas hesitações de Freud, nos seus argumentos

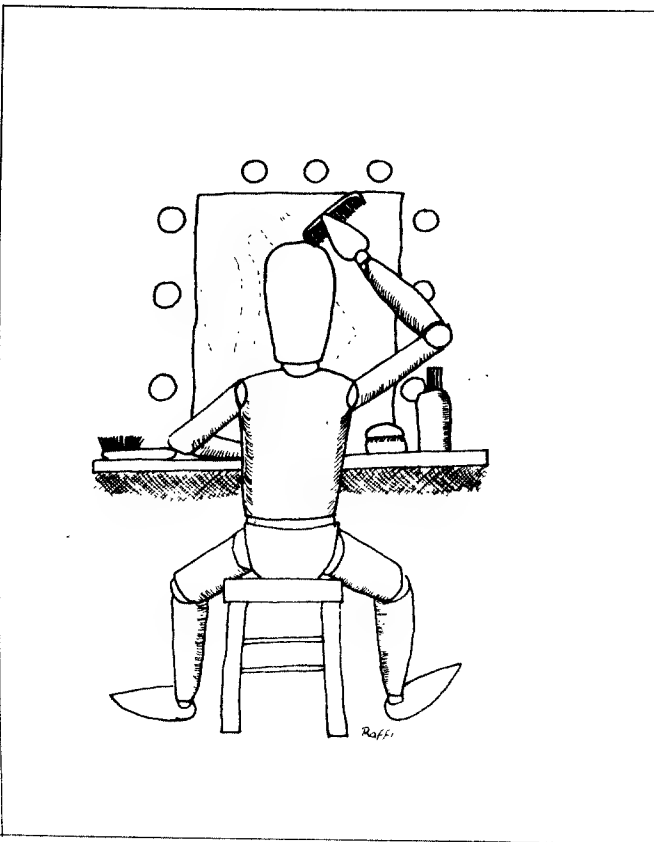
inacabados, nas suas notas em rodapé de página, nas suas contradições: «a verdade psicanalítica não pode ser analisada e verificada senão sob a forma de uma angústia do texto» (1',98). Uma parte deste **indizível** dá-se igualmente a ver nos baixos-relevos assírios, que «substituem à violência da narrativa a **violência** de uma multiplicidade de contactos formais que mudam constantemente» (1, 123).

A arte, e sobretudo o texto artístico crítico (a obra de Freud), longe de ocultar a ambivalência e as disfunções, **redizem-nos**. Eles articulam-se num movimento auto-reflexivo e repetem, na ironia, o biológico ou o pré-linguístico. Neste sentido, poderíamos dizer que Barsani está muito próximo da estética de Kierkegaard (embora ele não cite nunca este filósofo), caracterizada pela ironia e pela repetição. Estética que se opõe à ética e que se junta, em algum lugar, à metafísica, ao espaço-tempo, portanto, do não-dito. «Na vida humana, escreve Barsani, a relação irredutivelmente **disfuncional** entre prazer e adaptação não pode ser corrigida, paradoxalmente, senão através de uma reflexão irónica dessa (e sobre essa) mesma disfunção» (1, 124).

Assim, o alcance do texto psicanalítico, a sua intensidade e a sua força, dependerão da capacidade que ele tiver para esboçar esse movimento auto-reflexivo próprio da arte e da crítica. «Se a crítica psicanalítica nos ensina a identificar os bloqueamentos textuais e os fracassos da representação, ela pode, também, converter-se em enfoque auto-reflexivo, capaz de identificar, numa intensificação da visibilidade formal, a ameaça iminente de um desmoronamento formal, quer dizer, a presença desse não-representável que Freud designa por **Trieb**» (1, 124).

Chaké Matossian

(1) Leo Barsani, *Théorie et Violence (Freud et l'Art)*, Seuil, 1984.



P A R A Í S O

Dos dispositivos bélicos às armadilhas discursivas

ADRIANO DUARTE RODRIGUES

Habitualmente, pensa-se que as armas vencem mas não convencem, ao passo que os discursos não vencem mas convencem. É esta lógica que *Threads* põe radicalmente em causa, na medida em que perante o espectro da guerra nuclear não há vencedores nem vencidos tal como perante o discurso do campo informativo dos media não há convencimento mas pura performatividade retórica. Estamos assim hoje votados ao espectáculo (fílmico) do nuclear tal como ao espectáculo televisivo do discurso. Entre a difusão do filme e a transmissão do debate há por isso a recursividade redundante do mesmo espectáculo, do espectáculo televisivo. No pequeno écran, militares, políticos, jornalistas, mães de família, técnicos da defesa do território, cidadãos comuns entram na armadilha infernal do medium: quer queiram quer não, convertem-se em «dramatis personae», em actores de uma narrativa menor, domesticada, através da qual a grande narrativa mítica do génese e do apocalipse se actualiza ritualmente.

Neste sentido, o general francês Copel, ao demitir-se das suas funções militares para se consagrar à formação de uma opinião pública esclarecida, sentiu, talvez confusamente, esta reversibilidade perfeita entre a arma e a armadilha. É que à natureza bélica do discurso corresponde hoje, de facto, antiteticamente a natureza discursiva do bélico, numa circularidade perfeita.

Igualmente, o apresentador do debate, ao pontuar grande parte das intervenções com o panegírico da televisão, elogiada pelo facto de encetar no nosso país o grande debate do século e de respeitar assim a sua função formativa sobre questões que afligem hoje a humanidade, não faz mais do que reconhecer o papel bélico do discurso do medium. Panegírico macabro apesar de envolver nas habituais roupagens humanistas que fundamentam o mito da representatividade democrática, sob a dupla figura da fala vicária, substitutiva da voz dos «infantes», dos que não falam, e da abertura de um espaço de palavra no meio de uma sociedade do silêncio. «Fa-

O debate que a RTP transmitiu no dia seguinte à difusão do filme inglês *Threads* (A Teia) sobre a guerra nuclear é um exemplo eloquente das relações estreitas que hoje se estabelecem entre o campo informativo dos media e o campo militar. Ambos os campos visam alvos, estão organizados de maneira a prosseguir uma determinada estratégia e adoptam mecanismos tácticos. Que esses mecanismos e essas organizações assemem em dispositivos bélicos ou em armadilhas discursivas importa hoje relativamente pouco.

lar em nome de...» e «dar a palavra a...» — duas figuras da ingenuidade mass-mediática «militante» (de militar).

Recordemos a propósito o frenesim com que se procurou aproveitar a sequência consagrada à formação de uma opinião pública favorável à travagem da escalada da violência e da hecatombe fatal. Pretendia-se obviamente que o general reconhecesse mais uma vez enfaticamente a fada benfazeja dos mass media com a televisão à frente desse exército de paz. A resposta caiu como um balde de água fria, já que o general acabou por atribuir à Universidade essa função. Ao apelar para os autarcas,

para os pais e mães de família, a representante do bom senso basista não acertou melhor no alvo esperado.

De facto, o que se esperava da Universidade tal como das instituições de base é a razão de viver, tal como se espera dos media o bom uso do discurso pacifista. Expectativa em grande parte gorada na medida em que não há hoje uma mas múltiplas razões, enquanto nos media prolifera como erva daninha, a razão da dominação, a do poder político dominante, de que são a voz dócil, o instrumento, mesmo, e talvez sobretudo, quando deixam entrever, por condescendência e para baralhar mo-

mentaneamente as cartas do jogo, algumas razões periféricas inofensivas.

É esta aliás a teia em que todos (apresentador, intervenientes no debate, espectadores) nos deixamos enredar: o emaranhado inextricável das razões que atravessam hoje as encruzilhadas do sentido, da vida e da morte, impossibilidade de toda e qualquer opção comum. Não é aliás da natureza mortífera do nuclear que temos horror (a morte é só uma para cada um e é a mesma sempre para todos). É do desmoronamento do sentido único, da razão singular de viver. Alguém me dizia no dia seguinte à transmissão de *Threads*: «Final, o filme

deixou-me indiferente; ao fim e ao cabo, morrer de uma maneira ou de outra é sempre morrer!» De facto, há pior do que a morte — e disso o meu interlocutor não parece ter-se dado conta: é a impossibilidade de viver assim como a impossibilidade de poder construir a morte própria, de dar sentido à vida e à morte. O que se torna horrível é o morrer como o viver para nada. É este o espectro acenado pelo espectáculo do armamento nuclear tal como da armadilha televisiva: a morte do sentido. É a morte do heroísmo consagrado pelo valor da vida, qualquer que seja o nome que historicamente lhe tenha sido dado (Deus, virtude, liberdade, progresso, pátria, proletariado), a partir do momento em que entramos num processo de reversibilidade quixotesca das razões congeladas pela dissuasão total dos gestos heróicos.

A morte do sentido da vida e a natureza absurda da morte não é propriamente uma descoberta do nosso tempo, só que ela pertencia a uma espécie de ciência menor, abafada pelo discurso maior das instituições encarregadas de a reciclar através do enredo das suas narrativas. É o falhanço total do discurso narrativo das instituições que o nuclear demonstra,

deixando assim à deriva os percursos menores, sem enredo que as organize e lhes acene um sentido. Por isso estamos hoje votados aos males menores convertidos em bens relativos e não ao bem absoluto. O bem, tal como o real ou a totalidade é o impossível, não tanto porque inacessível mas porque dissuasor. por isso, André Glucksmann, numa obra oportuna (*La force du vertige*, Paris, ed. Grasset, 1983) reconhece no nuclear a transformação do princípio da radicalidade da estratégia bélica no princípio da vertigem do equilibrista.

«Ao contrário do princípio da radicalidade, o princípio de vertigem exige o combate consigo, o inimigo não é cristalizado no exterior, habita o sujeito que apenas se pode desvencilhar de um mal correndo o risco do seguinte, tal como o equilibrista evita um passo de lado tomando cuidado de não cambalear do outro» (pág. 151). Por isso, ao contrário da concepção de Clausewitz, para quem a guerra é a outra maneira, a violenta, de prosseguir a política, hoje é a política que é a outra maneira, a dissuasora, de continuar a guerra. «Nem guerra nem paz» é esta a forma lógica da neutralidade que sucede hoje à dicotomia clássica do «ou guerra ou paz», forma lógica da guerra fria ou da paz quente que toma a figura da crise, do suicídio adiado. É isto sem dúvidas que constitui os abrigos contra a guerra nuclear e a distribuição de pílulas suicidas a utilizar em caso de deflagração, como sintomas da nova lógica do social.

Perante o confronto entre sujeito e antisujeito que dominou o teatro das operações militares até aos anos 50 em torno das figuras do mesmo e do outro, cristalizadas nas temáticas identitárias (a humanidade, a civilização, a nação) irrompe hoje o espaço do não-sujeito, da indiferenciação, em torno das figuras pacifistas ou militaristas da neutralidade. Por isso, à neutralidade da estratégia bélica dissuasora corresponde a neutralidade objectivista do discurso da Comunicação Social, dissuadindo, ao mesmo tempo, a irrupção do sujeito e a deflagração da sua carga pulsional.



M U D A

Um grande estremecimento enciclopédico percorre a França: É a Encyclopaedia Universalis, que surge sob a forma de uma nova colecção de 22 volumes. É, também, o ambicioso projecto de uma Enciclopédia Nacional das Ciências e das Técnicas, dirigida por Dominique Lecourt, epistemólogo.

São, para além destas novidades, dezenas de volumes editados nos últimos anos, na linha de uma tradição sólida, por Larousse, Hachette, Bordas, Quillet, etc., Mais de um milhão de enciclopédias foram vendidas em França nos últimos anos.

Não se poderá dizer que os duzentos anos sobre a morte de Diderot tenham passado despercebidos. Os colóquios sucedem-se. No dia 15 de Outubro foi o simpósio dos autores da *Encyclopaedia Universalis* sobre a história das enciclopédias e do enciclopédismo de hoje. No dia 26 de Outubro foi a vez de *L'Encyclopedie des sciences et des techniques* organizar uma jornada nacional da enciclopédia.

Finalmente, entre 23 e 26 de Outubro, a UNESCO consagrou, em Paris, um colóquio internacional ao tema «Significado e alcance da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert e da filosofia das Luzes».

Em suma, o entusiasmo enciclopédico é real. Como se a enciclopédia, respondesse às perguntas mais inquietantes que fazemos sobre o futuro do nosso mundo.

Claro que se trata da repetição de um fenómeno já constatado no século XVIII. Yvon Belaval, emérito professor da Sorbonne, explica muito bem o êxito da obra colectiva dirigida por Diderot e d'Alembert.

L'Encyclopedie chegou na altura própria. A ideia de progressos tomava corpo. A França passava então da civilização da madeira e da água para a civilização do mineral e do carvão.

Tudo se passa como se revivéssemos esse tempo de ruptura e de eclosão. Como se a revolução informática levasse a interrogações a que só as enciclopédias podem dar resposta.

Nestas condições não é certo que o actual entusiasmo pela enciclopédia tenha fundamento. Porque — será preciso recordá-lo? — a enciclopédia faz uma descrição do mundo, mas não dá a sua chave. É excelente na arte da pergunta, na maneira como liga as ideias entre si. Não na resposta simples, clara, nítida. A imagem de uma revolução industrial, a enciclopédia não é uma simples afirmação, mas aventura do espírito.

Uma fome. Uma fome excessiva. Há mais de dois sé-

culos que isto dura. As enciclopédias nunca são bastante volumosas, bastante ricas, bastante completas. Para conhecer, saber, compreender, os leitores querem mais, sempre mais. A *Encyclopaedia Universalis* tem razão ao propor-nos os seus vinte e dois volumes em forma de tijolos, bem espessos nas estantes. Ali está ela com as suas 26 500 páginas, 6500 artigos de fundo, 15 000 notícias, 30 milhões de palavras. Mas quem se queixa? Ninguém. O desejo de saber aproxima-se por vezes da megalomania.

Nada é de mais. O proprietário de uma enciclopédia nunca disse a sua última palavra. Pode comprar outra amanhã. Estamos no tempo das enciclopédias. A *profusão da informação, dos meios, funciona como uma vasta interrogação*, explica Jean-Noel Noutreau, da Larousse. As máquinas de informar são os promotores das enciclopédias. Elas fazem perguntas. Cabe aos enciclopedistas responder.

E cabe-lhes primeiro a eles medir a curiosidade dos franceses. Uma curiosidade bem real, porque 53% sentem muitas vezes ou bastantes vezes a necessidade de abrir uma obra em que os principais domínios do saber são apresentados e explicados pelos melhores especialistas. Uma curiosidade muito viva entre os quadros superiores, as profissões liberais, os industriais e os grandes comerciantes. Uma curiosidade igualmente aguda entre os quadros médios e os empregados, um pouco menor entre os pequenos comerciantes e artesãos.

Uma sondagem da SOFRES, realizada a pedido da sociedade *Encyclopaedia Universalis SA* põe em evidência a necessidade de saber, essa curiosidade nunca saciada.

Para 34% das pessoas interrogadas, uma enciclopédia deve ser um instrumento de referência onde se podem procurar informações concretas; para 55% ela deve ser antes de mais um utensílio de conhecimento graças ao qual se podem explorar e compreender domínios pouco conhecidos.

Um utensílio de conhecimento. O campo de manobra é imenso, Jacques Persani, responsável editorial da nova *Encyclopaedia Universalis* resume: *É o mito de Sísifo. Um trabalho de louco, infinito...* E conclui: *Temos que imaginar Sísifo feliz. Um Sísifo procurando classificar,*

Um armazém intelectual para os anos oitenta

ordenar, distribuir, gerir, sistematizar, codificar um saber enorme, monstruoso, tirânico. Porque é enorme a matéria.

Roger Caratini é destes. Há vinte anos que luta com o saber. Quis-se enciclopedista «sans peur et sans reproche», único senhor da obra que em 1967 lhe foi confiada por Pierre Bordas. Professor de Filosofia, psicanalista, licenciado em matemáticas, com cinco anos de Medicina, Caratini quis aceitar o desafio de escrever vinte e três volumes, com alguns assistentes. Um bulímico quase solitário, à semelhança dos leitores do nosso tempo que procuram apropriar-se do conhecimento.

A aposta, a priori, é sempre insensata: reunir, agrupar o saber mais actual,

1974, foram publicados vinte volumes. Em poucos meses (1984 e 1985) surgiam mais vinte e dois volumes. Mais de quinze anos passaram. A *Encyclopaedia Universalis* teve de se adaptar. Às ciências exactas, às ciências humanas, às técnicas. Bersani sublinha: «A sua importância crescente, as suas bases sociais e políticas, o seu diálogo com a economia».

Generalidades? Não verdadeiramente. Vejam o artigo consagrado ao aerodinamismo, e constatem as modificações inevitáveis dadas aos artigos sobre a aviação civil, a aviação militar, sugere Jean-Marc Dabadie, um dos dez responsáveis editoriais. Tudo se encadeia.

Mas a enciclopédia não se

bate, à natureza conflituosa de certos assuntos. Ela tem em vista a «subjectividade positiva». Um exemplo conhecido: o artigo consagrado ao gaullismo foi escrito por Edgar Faure. «Onde está a verdade sobre o gaullismo?» pergunta Bersani. «Edgar Faure diz-nos a sua. O artigo sobre Charles De Gaulle é da autoria de Jean Lacouture.

A cor do saber... Larousse prefere as meias tintas. Enquanto a equipa da *Encyclopaedia Universalis* defende e aplica uma política de assinaturas prestigiosas (ao acaso encontramos Raymond Barre, Henri Corbin, Yves Coppens, Hubert Currien, Etienne, Maurice Duverger, Alfred Kastler, Emmanuel Le Roy, Laudrie, Paul Ricoeur), a casa fundada por Pierre Larousse deseja «chegar a uma neutralidade que não seja neutralizante». Não há, pois, assinaturas mas iniciais. Não é uma enciclopédia de autores mas de redactores.

A Grande Encyclopedie Larousse «pretende abranger a totalidade dos domínios da actividade humana, estar aberta às preocupações e aos gostos do homem contemporâneo». Uma ambição discreta, pedagógica.

Neutralidade. Subjectividade. Os objectivos divergem. Resta o credo: fornecer referências, fixar balizas. Todos os editores estão conscientes de ter privilegiado a literatura ou a história ou as ciências. Todos também se certificaram de não ter cometido impasses grosseiros nos campos do conhecimento.

Cabe, portanto, aos leitores mergulhar nestes discursos sobre as coisas, nestes pesados volumes enciclopédicos que contêm o saber.

O homem apressado procura no seu dicionário. Nele encontra — muitas vezes — a informação desejada. A enciclopédia dá-lhe mais: a informação e a explicação, os eixos da investigação, a reflexão.

Não é impunemente que se mergulha numa enciclopédia. Diderot foi o primeiro a chamar a atenção e a insistir na originalidade de género: o encadear dos conhecimentos. O principal esforço da *Encyclopaedia universalis*

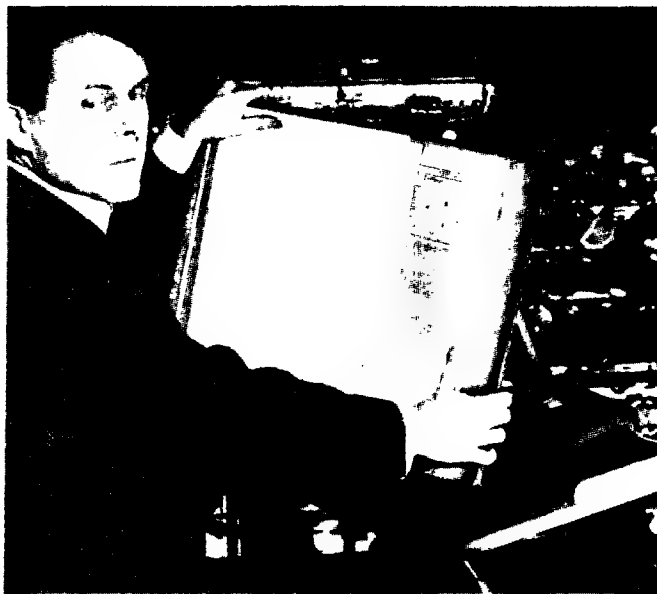
foi, precisamente **fazer circular melhor a informação** nos volumes, não se contentar em justapor os artigos.

De onde vem então a decepção de algumas pessoas? Como se a sua enciclopédia os tivesse traído? Como se esse saber à carta se rebelasse. Essa decepção provém de um grande mal-entendido. Do velho sonho de se apropriar do saber e portanto do livro. O **aborrecido**, resume Françoise Gurérand, responsável editorial das Edições Quillet, é **que o saber não terminou e foge**.

Um mal-entendido aborrecido! A enciclopédia, por mais pedagógica que seja, não é forçosamente uma ferramenta de aprendizagem. Intelectual, de alto nível, dirige-se a esse público; grande público, dirige-se a um público mais amplo. Não deve servir-nos para aprendizagem, mas para nos informarmos e reflectirmos. Uma nuance. Hoje, a *Encyclopaedia autodidactique Quillet* sucessora da enciclopédia *Mon professeur, l'école chez soi sans maître*, — publicada em 1907 em cinco volumes, — é o único trabalho que é uma espécie de educador.

Ninguém aprenderá as matemáticas, a física, a química, na *Encyclopaedia universalis*, na *Galeria Encyclopedie Larousse*, na *Encyclopedie generale Hachette* ou na colecção Roger Caratini. Os leitores encontrarão nelas, em contrapartida, estes temas tratados com a maior seriedade. Isto não implica condenação. A enciclopédia faz o recenseamento de um estado do saber. Sobretudo trata-se de novo livro plural para um pluripúblico, segundo a fórmula de Bersani. Um livro escrito por um colectivo para uma colectividade de leitores.

Numa mesma família o apaixonado pela biologia, o viajante desejoso de conhecer melhor os países, o literato, encontram-se ali. Não nas mesmas páginas. A enciclopédia, em suma, armazena mil biliões de livros. É uma biblioteca, uma obra para consultar e não para ler da primeira à última página.



N

Ç

A

S

É uma história simples e complicada, explica Lecourt. A ideia nasceu no encontro de investigadores e cientistas. Constatamos, que, em França, essa comunidade está pouco habilitada a apresentar textos de síntese destinados a um público não especializado. (...) É importante porque nos Estados Unidos há uma grande tradição que consiste na não limitação a artigos pontuais, assim como na Alemanha e nos países do Leste.

Havia também a ideia de que era uma maneira de levar a escrever em língua francesa artigos de síntese, embora tendo em conta que esse empreendimento também faria apelo aos estrangeiros. Há uma forte resposta por parte dos Estados Unidos o que não me admira e de países como a Itália, que tem uma grande tradição enciclopédica, o Japão, a Grã-Bretanha e a Alemanha. Farei com que a colaboração estrangeira aumente.

Também sentíamos que muitos investigadores gostariam de falar acerca das suas investigações, e que não tinham local para o fazer. Daí a ideia de apelar para todos eles. Daí a originalidade principal a mais flagrante deste projecto, espécie de consulta nacional que lançámos em Maio último. Assim nasceu — ou quase — essa empresa consagrada às ciências exactas e às técnicas, mas também às ciências sociais e humanas.

O resto já pertence à pequena história ou à anedota. Dominique Lecourt dirige em 1982 uma nota de Jean-Pierre Chevènement, então ministro da investigação, que se interessa pelo projecto. Em Dezembro de 1982 o ministro confia uma missão ao filósofo: estudar como se poderá realizar essa enciclopédia e como as novas tecnologias da informação podiam servir para a difusão dos conhecimentos. Passa um trimestre. É entregue um, pré-relatório. Chevènement deixou o governo, mas Fabius substituiu-o na investigação. A missão de Lecourt é prolongada. Desta vez ele dispõe de oito meses e de um orçamento de 2 milhões de francos. Um novo relatório é entregue em Dezembro de 1983. Aprovado. A enciclopédia entra então numa fase de realização.

É formada uma pequena equipa sob a direcção de Lecourt, com um secretário-geral, Didier Leclercq, um jurista, o dr. Jean Martin (Roven), que estuda a constituição de uma fundação, os aspectos multi-me-
dias, um especialista de in-

Entrevista com Dominique Lecourt

Um instrumento para compreender e julgar a mudança científica e técnica

A obra enciclopédica não terminou. Ainda não. Num calmo escritório do sétimo bairro de Paris, Dominique Lecourt sabe alguma coisa acerca disto. Formado em epistemologia, professor de filosofia na universidade de Amiens, hoje conselheiro técnico no gabinete do ministro da educação, autor de várias obras entre as quais se contam *l'Epistemologie historique* de Gaston Bachelard, *Lyssenko histoire réelle d'une science proletarienne*, e *la Philosophie sans feinte*, dirige uma enorme obra intelectual que tem o título provisório de *l'Encyclopédie nationale des sciences et des techniques*.

Este homem tem motivos para ser fleumático. Logo que a obra teve início, surgiu a autorização para a construção. Tudo começou no início de 1982.



formática, etc. Em Maio é instalada uma comissão Diderot que agrupa cientistas, universitários, investigadores, chefes de empresa e jornalistas. Desta vez o projecto é claro.

A nossa enciclopédia diz Lecourt, deve dar a todos os meios de compreender e julgar as mutações científicas e tecnológicas actuais com todos os seus impactos sociais, económicos, éticos. **COMPREENDER:** quer dizer, uma reflexão de tipo epistemológico, na medida em que certos avanços da ciência põem em causa as problemáticas essenciais que até então tinham servido de base. **JULGAR:** porque há todas as perguntas que surgem do investimento das ciências nas práticas sociais e de produção. Damos exemplos de questões que consideramos questões vivas. Tanto questões éticas com as quais se debate o comité consultivo nacional de ética, como questões sobre o armazenamento de resíduos radioactivos, as que giram à volta da informatização dos diferentes processos de produção ou do ensino, por exemplo. E depois, há questões mais teóricas que surgem na física ou nas matemáticas.

O objectivo é tornar acessíveis as questões teóricas essenciais aos especialistas da disciplina vizinha, isto é, fazer uma abertura entre si das diferentes disciplinas científicas. Mas também é abrir a um público amplo, o campo destes conhecimentos. Porque a futura enciclopédia será multimedias ou não existirá. Trata-se de um foguetão de vários andares para leitores e espectadores diferentes.

Antes de mais a escrita apresentar-se-á como dois produtos. Uma colecção de duzentos volumes de duzentas e vinte e quatro páginas cada um sobre um tema. A ideia é fazer cinquenta volumes por ano durante quatro anos, de 1986 a 1990. Será uma colecção escrita de alta qualidade para um público relativamente restrito, uma enciclopédia permanente que será constantemente actualizada. De momento a comissão escolheu os temas de vinte e cinco volumes. A primeira parte já está escrita.

Haverá uma segunda parte para o grande público, principalmente escolar, do nível da terminal: uma enciclopédia em fascículos que surgirão a lume duas vezes por mês, sobre os mesmos temas. Fascículos muito mais informativos, explicados. A sua redacção será confiada a especialistas da difusão para o grande público.

Quem será o editor? Lecourt indica que Fayard já

se ofereceu para editar os duzentos volumes. Estamos na hora das discussões. A equipa da enciclopédia deseja incitar os editores a constituir-se em grupo. A enciclopédia por fascículos deverá encontrar outro editor. Até os contratos já tiveram lugar com a companhia europeia de publicação, dirigida por Larousse e Nathan.

A escrita, pois, mas também a informática. Um Minitel em sua casa servir-lhe-á de muito. Haverá um banco de dados: um conjunto de fichas que lhe darão informações contidas na enciclopédia sob a forma de problemática. Portanto um acesso fácil para obter informações precisas. Esse banco será associado a um fórum electrónico. Este sistema permite, memorizar uma discussão entre cientistas e dar uma contribuição a quem quer que tenha acesso a esse diálogo.

Os leitores-espectadores — que participam nessas discussões chegarão a essa rede graças a um micro-computador. O simples leitor poderá pois encetar em discussão com especialistas ou seguir simplesmente essa discussão, participar na elaboração de uma enciclopédia que está a ser feita. É um instrumento na verdade destinado à extensão no espaço e o prolongamento no tempo da discussão entre cientistas e engenheiros, um dos quais será colocado num dos duzentos volumes.

Para o grande público os responsáveis por essa enciclopédia nacional ainda prevêem «produtos audiovisuais» sob a forma de «cassettes» vídeo, e a mais longo termo, a criação de uma biblioteca de «logísticos» didácticos que permitam jogos, discussões e simulações sobre as géneses dos problemas científicos.

A grande obra começa. Os cientistas mobilizam-se em volta deste projecto de enciclopédia viva. «Não se trata de uma enciclopédia no sentido estrito, enfim, no sentido da apresentação comercial das enciclopédias desde o século XVIII, diz Lecourt. Primeiro há há ordem alfabética depois não há ordem racional a priori. É importante. Todas as enciclopédias, ou observam a ordem alfabética ou instituem uma classificação do saber. Não haverá discurso preliminar do tipo do de d'Alembert, que explicava a classificação do saber.»

O orçamento anual desta enciclopédia foi de momento fixado em quatro milhões de francos pelo governo. É pouco, comparado com o desafio dos promotores.

Profissão, repórter

Profissão repórter... o filme de Antonioni no seu lirismo gelado, lembrava, ainda não há muito tempo, os riscos da profissão.

Tal como a guerra para Napoleão, o jornalismo é uma arte simples de execução. Trata-se de ver e de fazer ver, de ir onde as coisas se passam e contá-las fielmente e mesmo escrupulosamente como observador honesto. Ao partir do indemonstrável postulado de que os homens têm o direito de saber o que acontece a outros homens. Porque, segundo a fórmula talvez um pouco optimista do jornalismo anglo-saxónico, «*people like people*».

Por vezes o espectáculo é distractivo, pitoresco e divertido. Por vezes é trágico, repugnante, escandaloso. Acontece — mas é raro — que a sua simples descrição tenha consequências. Assim, as reportagens de Albert Londres fizeram suprimir a prisão de forçados da Guyana

Nos grandes anos de entre as duas guerras, o jornalismo tinha a sua mitologia. Os «*viajantes assalariados*» causavam inveja. Os santos do nosso calendário estavam em vias de canonização: Londres, Kessel e alguns mais.

No tempo dos paquetes o planeta estava mais aberto aos curiosos profissionais do que na nossa época. Iam ver os judeus morrer de fome e de «*pogrome's*» na Europa do Leste, os irlandeses desafiar Albion em Dublin, os abexins massacrarem-se uns aos outros., depois combater o italiano. Falava-se de negócios de escravatura. Em Berlim havia o cheiro desagradável que anunciava as câmaras de gás. Menos susceptíveis ou menos eficazes do que hoje, a maioria dos governos deixavam andar. Por vezes era útil ao repórter ir contar a um monarca nostálgico ou a um primeiro-ministro bem disposto, a última revista das Folies-Bergère.

O tempo passou. A pouco e pouco os aparelhos de Estado começaram a parecer-se com estes meios muito privados em que era perigoso entrar com um caderno. À Mafia siciliana que ainda hoje desencoraja os indiscretos, fazendo-os saber em que local do betão da auto-estrada foi metido o corpo do jornalista demasiado curioso Mauro de Mauro. Quando ele indica, de um modo falsamente atento que os jornalistas que entram no Afeganistão ao lado dos «*bandidos*», serão de futuro liquidados, o embaixador da URSS no Paquistão utiliza a linguagem da *Onorevole Societa*.

É certo que atravessar uma fronteira sem visto é ilegal. É uma infracção, não um crime. A sua sanção normal é a expulsão imediata, não a prisão ou a pena de morte. Que se saberia da guerra da Eritreia se os jornalistas só a tivessem visto com a bênção de Adis-Abeba? De todas as guerras civis visitadas sob o patrocínio do poder? Das repressões coloniais avistadas do carro do governador? Dos massacres de camponeses «*explicados*» pelos oficiais da capital? Quase tudo o que se soube, pelo menos de momento, dos acontecimentos da guerra das Malvinas ou da invasão de Granada para onde, prudentemente, os correspondentes de Imprensa não eram convidados.

Porque todos os poderes, mesmo nas democracias, conhecem essa tentação, e, por vezes, succumbem a ela. Quando a roupa está suja, lava-se em família. A razão de ser da profissão do jornalista é esta: deitar um olhar pela janela, e, se for possível, entrar na casa da barreira.

Os limites da viagem sem visto

No triângulo compreendido entre o Sara e as costas dos oceanos Atlântico e Índico, a África negra não conta com cerca de dez organizações decididas a abater o poder central através da luta armada. Eram ainda mais numerosas nos últimos anos do colonialismo português e do «*poder pálido*» na Rodésia. Mas elas não seriam menos de cinquenta se acreditássemos nos seus comunicados...

Com efeito, a propaganda desencadeia-se de uma e de outra parte. Autoridades e movimentos armados dão, cada um deles, versões opostas da sua acção.

RENÉ LEFORT

Em quem acreditar?

Nenhuma síntese pode conciliar estes discursos tão contraditórios. O jornalista, cuja missão principal é contar os factos, não tem outra escolha que não seja inquirir no próprio lugar. E começa então uma empresa de grande fôlego: vários meses — e por vezes vários anos — difíceis, por vezes perigosos, para resultados geralmente

modestos.

Os movimentos armados raramente dispõem de uma rede de representantes no estrangeiro. É junto de personalidades amigas ou de grupos de apoio que o jornalista deve defender o seu projecto. Mergulha, então, de repente, num clima que não vai mudar. Os seus interlocutores são militantes que avaliam a informação em função da própria entrega à causa que

defendem. Eles sabem que uma guerrilha deve preservar várias zonas de segredo, enquanto que o jornalista tem por missão entrar nesse segredo. Assim, por altura das primeiras conversas é mais sondado sobre as suas motivações e as suas inclinações políticas, do que interrogado acerca das necessidades do seu inquérito.

Se ultrapassa vitoriosamente essa primeira etapa, os seus primeiros interlocutores organizam um encontro com um dirigente do movimento armado. E, passado um tempo indeterminado, ou recebe uma aceitação, em breve e devida forma, ou os seus apelos chocam num muro de silêncio: é *persona non grata*.

Surpresas desagradáveis

As *demarches* do jornalista deviam até então

ser discretas. Mas a sua partida para um país com fronteiras com a zona onde opera o movimento armado, obriga-o muitas vezes a uma primeira entorse às regras do direito, mesmo com a duplicidade dos vigilantes. Na medida em que as autoridades deste país mantêm relações diplomáticas normais com os Estados vizinhos, elas não podiam admitir oficialmente a evidência: o seu território serve de base de retaguarda da guerrilha, quer se trate do trânsito de armas e de homens ou mesmo do repouso e do treino dos combatentes. É pois munido de um simples visto turístico que o jornalista se dirige à representação local do movimento, com a certeza de que só há alguns pormenores a solucionar antes da sua partida.

Duplo erro. Pode estar-lhe reservada uma surpresa



R

N

O

gem

desagradável: a sua viagem é marcada *sine die*. As explicações embaraçadas ou altamente fantasistas vão da brusca irrupção de uma epidemia de cólera até ao desastre de automóvel do seu acompanhante. Na realidade, ele saberá meses depois que o movimento sofria na altura sérios revezes, que havia dissensões internas, ou que, muito simplesmente, não dispunha nem do poder militar nem de organizações mínimas que pusessem o jornalista em situação de inquirir.

Se tudo se passa pelo melhor, não vale a pena partir para as «regiões libertadas», como se toma o autocarro para uma excursão. A presença de um jornalista e, mais ainda, de uma equipa de televisão confronta uma organização de luta armada com problemas de ordem militar e logística. A sua solução leva tempo, tendo

em vista a fraqueza das comunicações entre um bureau exterior e os combatentes. E, em todas as situações, grande número destes movimentos impõem ao jornalista um tempo de clandestinidade no país fronteiriço, com deslocações discretas e instalações prolongadas em habitações também discretas. Os serviços de informação adversos, que, inevitavelmente, deram pela sua chegada, devem ignorar onde e quando ele atravessará a fronteira.

Quer dizer o jornalista pertence, atado de pés e mãos, à organização que, por sua vez, não pode fazer mais do que encarregar-se totalmente dele.

Num meio que lhe é estranho, ele é incapaz de viver e de se deslocar sozinho durante o inquérito. Alimenta-se

Continua na pág. 9



Capturado a 7 de Setembro a 25 quilómetros da fronteira com o Paquistão, Jacques Abouchar foi condenado a 18 anos de prisão por um tribunal de Kabul, e posteriormente libertado. Ele faria parte de uma equipa de três pessoas da TV francesa, que ia filmar, no Afeganistão, a guerrilha muçulmana. A televisão de Kabul apresentou-o, entretanto, numa conferência de Imprensa, acusando-o de espionagem

Violadores de fronteiras

Um dos nossos saiu da prisão. Chama-se Jacques Abouchar e é francês, mas podia ser mexicano, português, húngaro, tunisino ou vietnamita. Era um jornalista que estava detido algures, e que tinham condenado a 18 anos de prisão. Pouco importa o seu nome: fazia o seu trabalho, estava em missão de informação. Tal como outros. Porque é evidente que, para conhecer a situação de um país em guerra, seja ele o Afeganistão, El Salvador, Angola ou qualquer outro, é necessário, uma vez, contactar a oposição armada, e entrar portanto sem visto, na ilegalidade.

Todos nós conhecemos travessias ilegais de fronteiras. Todos. Por se ter penetrado no Biafra sem visto nigeriano; na Polónia como camionistas ou enfermeiras; na Síria com vestes várias; no Salvador via Honduras; na Guatemala via México; no Chade via Líbia; etc.

Alguns jornalistas soviéticos, búlgaros, checos censuram-nos hoje por entrarmos clandestinamente no Afeganistão. Censurámo-los nós por entrarmos clan-

destinamente na Indochina, depois no Vietname, ao lado dos partidários de Ho Chi Minh? Censurámo-los por entrarem clandestinamente na Argélia ao lado da FLN. Tinham vistos? Tinha outra credencial que não fosse a dos rebeldes de então?

Ao infringir as leis cumprimos o nosso dever de informar. Regiões inteiras do mundo são interditas aos jornalistas, e a simples ideia de basear uma repor-

tagem na autorização de a efectuar já se opõe à própria ideia de informação, tal como a entendemos em democracia. Não podemos aceitar ser porta-vozes da razão de Estado (...).

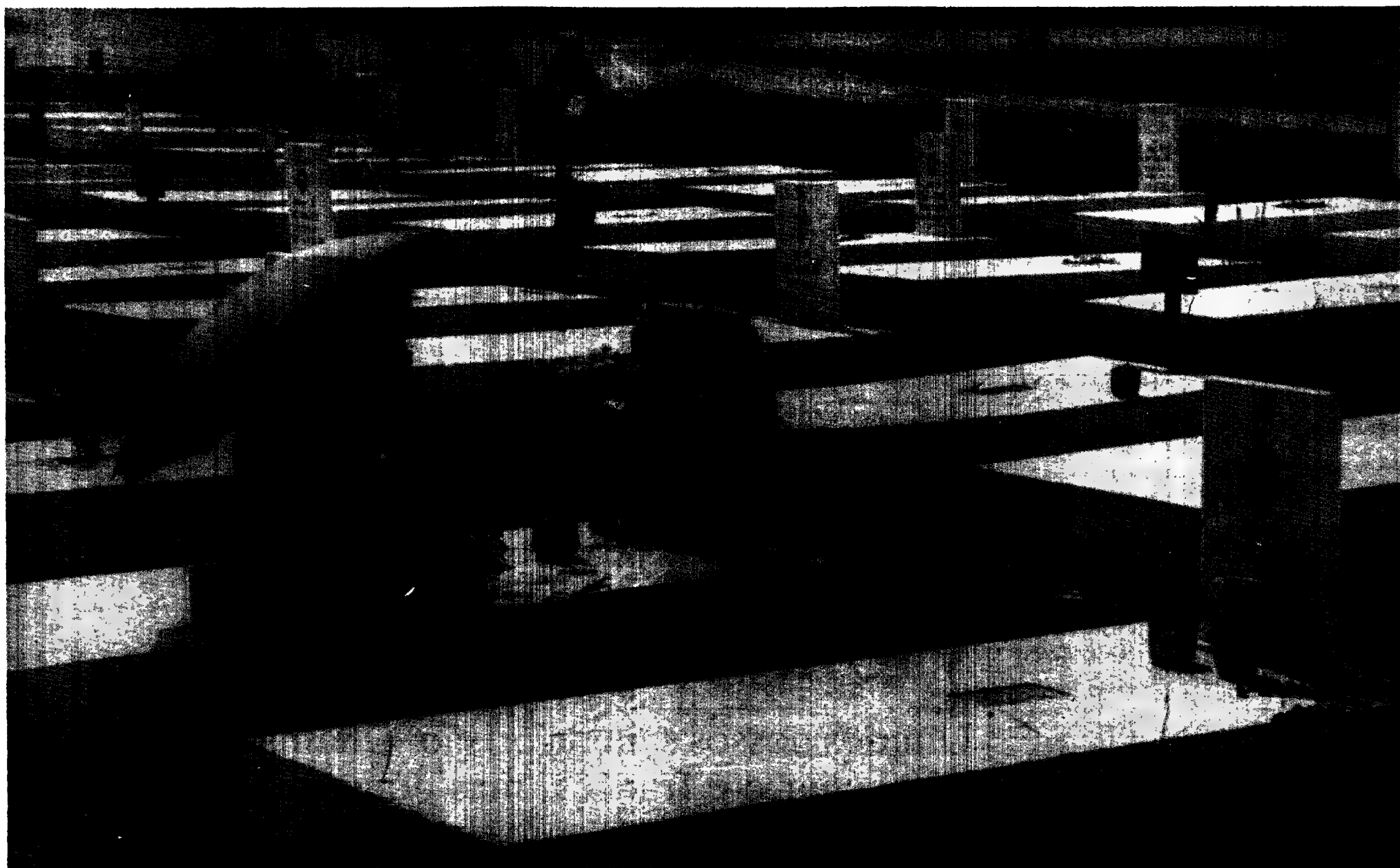
Não é detendo, nem julgando, nem condenando um jornalista, que amanhã a História se calará sobre a guerra do Afeganistão. Entre nós, outros atravessaram as fronteiras interditas porque, hoje mais do que ontem, já não somos «pas-

seantes assalariados» mas homens responsáveis constantemente mobilizados ao serviço da opinião pública, homens que detêm a agenda do mundo em que vivemos. Sem violar fronteiras nada teríamos sabido da guerra de Espanha, do desembarque aliado na Normandia, do genocídio arménio, nada do FLN nem da OAS na Argélia, nada sobre o Chile, a Checoslováquia, a Nicarágua, Angola, Granada, o Chade



I N F E R N O S

Há quinze anos, o «Vietnam Circus»



Saigão era um forno. Uma vez ultrapassados os tortuosos dédalos da aduana de Tân-Son-Nhât, imenso aeroporto-caserna, uma vez que nos metíamos num velho táxi consertado e condenado a traçar não se sabe como, um caminho, por entre uma humanidade agitada, gesticulante e apressada, o resto do planeta desaparecia. Como que se volatilizava. Blasés, entusiastas, ingênuos, profissionais, militantes, marginais, todos se deixavam apanhar pela guerra. Com as suas fraquezas e os seus pontos fortes, a sua generosidade, os seus egoísmos, as suas insignificâncias e também, por vezes, a sua grandeza, os jornalistas lançavam-se ao trabalho, de repente, sem transição, enfiando os seus fatos de campanha, tomando o caminho dos **four o'clock folies** — os **briefings** militares americanos de dezasseis horas, — já na bicha para o avião de Da-Nang e de Hué, ou para o telefone de Nova Iorque.

JEAN-CLAUDE POMONTI

NOS momentos fortes da guerra — os das «ofensivas generalizadas» norte-vietnamitas, — mais de quinhentos deles eram acreditados em MAC-V — o comando americano no Vietname. Cada um deles pertencia a uma casta, com os seus hábitos, o seu ninho, o seu ancoradouro no Vietname. Em Saigão, quando não se afastavam nos campos de batalha — e nem todos o faziam — viviam num círculo de 1 quilómetro de raio em pleno centro do primeiro

bairro, entre o palácio presidencial, a embaixada dos Estados Unidos, a MAC-V, a assembleia nacional — o antigo teatro municipal, e o cho-troi, o mercado dos ladrões, um pouco mais abaixo, no porto.

Dezenas de jornalistas americanos, que se tornariam célebres ou, pelo menos, influentes, quinze anos mais tarde, tiveram as suas primeiras lições no Vietname. Era, na altura, o melhor trampolim de uma brilhante carreira, com um

prémio Pulitzer para os mais dotados ou mais obstinados. Este pequeno mundo que se conhecia bem e se espiava muitas vezes, evoluía em volta da rua Catinat, Tu-Do para os modernos. Os escritórios dos dois grandes semanários americanos, **Time** e **Newweek** estavam instalados no primeiro e no segundo andar do hotel Continental. No primeiro mandava Pham Kuan An, o melhor jornalista vietnamita, «grande estratega» recrutado pela **Time** e que também era, o que os seus colegas ignoraram até ao fim, coronel do exército popular vietnamita. No segundo, à tarde, encontrava-se Cao Giao, homem de olhos maliciosos e barbicha grisalha, má consciência do regime, preso alguns anos depois da queda de Saigão, autorizado em 1987 a juntar-se aos filhos, no exílio.

No rés-do-chão, com um humor bem seu mas que muitos nunca compreenderam, o jovem patrão do Continental, Felipe Franchinix dera outro nome ao restaurante: **La dolce vita**. No passeio em frente, Givral, com café e gelados, era o ponto de encontro favorito dos mais velhos e dos jornalistas em busca de um **scoop**.

Mais em cima, os dois

grandes quotidianos americanos o **Washington Post** e o **New York Times**, tinham transformado em escritório os apartamentos contíguos. Os ingleses alojavam-se no hotel Royal, do velho Ottavi, a cem metros da rua Catinat. Os **junkies** agrupavam-se um pouco mais adiante em dois apartamentos abandonados. A rua Catinat estava assim cheia de refúgios para jornalistas, fotógrafos, **cameramen**.

A guerra também atraía uma multidão de fotógrafos de ocasião, de jornalistas de circunstância que por lá se perderam. Uma vez descida a cortina houve mesmo casos de suicídio. A grande maioria vinha, no entanto, fazer a sua profissão, mesmo esquecendo o resto e deixando para segundo plano o ambiente local, o Vietname, um termo que, de repente mudava aos seus olhos de sentido. Tinham as suas pistas, os seus problemas, as suas indicações e o seu calão, incompreensível para os não iniciados. Para o recém-chegado a primeira exposição do estado-maior implicava uma decifração. Os **third nationals** — os que não eram vietnamitas nem americanos — eram os primeiros que se perdiam.

Do outro lado

Eles também tinham os seus «heróis». O general Abrams, braço direito e depois sucessor de Westmoreland, fascinava os jovens correspondentes de guerra, talvez porque desconfiava que à força de ganhar batalhas perdia a guerra. Ellsworth Bunker, o velho embaixador americano, era muito apreciado pelos «antigos», os que tinham conhecido a contra guerrilha do coronel americano Landsdale, nas Filipinas, nos anos 50, porque ele sabia vender-lhes a sua «sageza» cumprindo o seu dever de alto funcionário e servindo-lhes vinhos finos. Os **third nationals** preferiam-lhe um «animal de guerra» como Do Cao Tri — o ardente páraquedista vietnamita, — que conduzia as suas tropas à frente, caso quase único e vivia como um príncipe, em Saigão, entre duas batalhas.

No Vietname, o da guerra americana, a imprensa viu muitas vezes melhor do que os generais. Os jornalistas mais implicados sentiam que se se deixassem levar não fariam mais do que viver uma página de história, mas também se deixavam arrastar pelo movimento. Jean Pou-

get, o antigo «prisioneiro do campo número um» de Dien Bien Phu, ou ainda Jean Lartéguy, o autor do **Mal Jaune**, olhavam-nos com indulgência, sabendo pela experiência tida quinze anos antes que o pequeno mundo jornalístico de Saigão estava condenado a desfazer-se. A profissão não se entende com os antigos combatentes.

Sobre o tarde, quando se tornou possível passar as linhas para ver o que se passava do outro lado, muitos fizeram a navette para ir viver algumas horas ou alguns dias em companhia dos homens de pijama negro à conquista desses espelhos de água que são os arrozais do delta do Mékong. Em caso de drama — ferimento, prisão ou expulsão — a solidariedade agia então. A única legitimidade tomada em consideração era o direito à informação. Por 20 dólares os fotógrafos-aprendizes vietnamitas, arriscavam a pele. Por cinquenta vezes mais as vedetas da imprensa internacional armavam em estratégias de campo embora não saíssem de Saigão. Mas pouco importa! Numa confusão de glórias e vergonhas, a imprensa, no Vietname fez o seu papel nessa «puta de guerra».

Viagens sem visto

Continuação da pág. 6. 7

com a comida que o seus acompanhantes encontram e lhe preparam. Bebe água da sua garrafa. Lava-se, se o percurso escolhido passa por uma fonte ou por um rio. Dorme no leito de folhas que lhe prepararam. A sua escolta protege-o dos perigos naturais que o cercam e dos quais ele nem se dá conta.

Em suma, são eles que lhe tornam suportáveis as condições muito difíceis da sua estadia. E, sobretudo, ao longo de uma marcha, que, ao ritmo de uma média de 25 quilómetros por dia pode contar várias centenas, são eles e só eles que o guiam.

O destacamento encarregado da sua protecção é o único garante da sua segurança. Ao resolver partir para recolher os factos, o jornalista não pode evitar que as autoridades legais do país onde se encontra possam considerá-lo tão fora da lei como os que o rodeiam. Elas estão à espera da melhor ocasião para o capturar, mostrando assim como a guerrilha é insignificante.

A escolta armada sabe-o. Minuto após minuto, noite e dia, às vezes durante meses, ela não perde o jornalista de vista, por um simples instante que seja. Se, bruscamente, há uma emboscada, ela conhece a sua missão: pô-lo ao abrigo, custe o que custar. Se, apesar de tudo for capturado, a organização da luta armada ainda tem um papel essencial. A sua carta profissional só terá o valor que lhe for atribuído por os

que a capturaram. A possibilidade de o fazer desaparecer será tanto menor quanto a notícia da sua captura chegar rapidamente ao exterior.

Intoxicação

Enfim, e principalmente, o próprio inquérito é inteiramente tributário dos organizadores da reportagem. Em geral, o jornalista só conhece com antecedência os tempos fortes do seu périplo. Por razões de segurança, os detalhes mantêm-se secretos. Só pode ir onde o levam. Se quer ir a outro lugar, dão-lhe uma multidão de razões verdadeiras ou falsas para não o fazer. Só fala directamente com os que falam uma língua que ele compreende, isto é, na maior parte dos casos, os responsáveis pelo movimento também fazem função de intérpretes. A partir daí, todas as manobras de intoxicação podem florescer, desde as mais banais, que fazem parte da regra do jogo até à operação de intoxicação completa.

Claro que os embustes mais grosseiros só dificilmente se podem prolongar. Ao longo das semanas a escolta ou as populações que vão encontrando acabam por ter reacções ou gestos reveladores que desmentem o discurso oficial. Mas tudo concorre para fazer do jornalista, neste género de reportagem, um quase prisioneiro da organização da guerrilha de que é hóspede. E no entanto, paradoxalmente, esse «encerramento» torna-o menos inclinado a denegrir com falsidade, do que a tornar-se, mesmo incons-

cientemente, seu advogado.

No fundo, o público espera que uma tal reportagem lhe dê respostas a algumas perguntas simples. Qual é o poder real do movimento de luta armada? Quais são as suas orientações profundas? Com que apoio popular pode contar? Tomará um dia o poder, e, no caso afirmativo, para fazer o quê? Mas poderá o jornalista reunir um número suficiente de factos incontestáveis, para ir assim tão longe?

Antes de mais tem fortes possibilidades de nunca poder ir ao outro lado da barreira, verificando assim a veracidade da sua primeira reportagem graças às informações que podia colher no campo do poder central: considerado como um fora de lei, ser-lhe-á recusado qualquer visto de entrada.

Finalmente, o jornalista vai ter que extrapolar, a partir de informações e de interlocutores talvez cuidadosamente seleccionados para descrever a situação que prevalece numa região de várias centenas de milhares de quilómetros quadrados, onde vivem milhões de homens enquadrados por milhares de milhares de militantes. Habitualmente, o repórter tem a possibilidade de confrontar as suas informações que são difundidas pelas agências de Imprensa, os jornais locais, as estações de rádio e de televisão. Numa zona de guerrilha, nada disso existe: a informação situa-se no grau zero.

Mas, infelizmente, a dependência do jornalista perante o movimento de luta

armada não é só alienante. A promiscuidade entre o repórter e a sua escolta é absoluta. Tanto de um lado como de outro as máscaras desfazem-se. Caminhar interminavelmente (a 40° à sombra), comer, por vezes uma só vez por dia (da mesma gamela) encostarem-se uns aos outros para se protegerem do frio da madrugada, fumar o mesmo cigarro miraculosamente encontrado. Quem, em condições destas poderia encerrar-se durante semanas num papel de composição?

Partilhando, em tal intimidade, a vida e os perigos de um grupo de guerrilha, o jornalista consegue um conhecimento interior dos dirigentes e dos militantes que o acompanham, da vida quotidiana da população, com grande objectividade que nunca teria nas condições em que actualmente trabalha.

Instaura-se então uma espécie de fraternidade duradoura, que, naturalmente, tende a transformar-se em convivência. É difícil manter-se não-alinhado perante homens que lutam para conquistar os seus direitos e dão quotidianamente e de um modo irrefutável, a prova de que trazem uma tal convicção em actos. Também é difícil não ser influenciado pelo reconhecimento que engendra mil e um pequenos gestos destinados a tornar a vida quotidiana do jornalista menos difícil, e que custam por vezes à escolta verdadeiras privações. Surge então o risco de uma generalização que a sequência dos acontecimentos desmente muitas vezes.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO LUIS SOARES DE ANDRADE, JUIZ DE DIREITO DO 9.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

Faz saber que pelo 9.º Juízo, 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sita na Rua Marques de Fronteira, Publica de Justiça — Lisboa, e na acção com Processo Comum-Sumário, registada sob o n.º 33/83 que a autora MARIA DO CÉU VIANA BENTO, move contra os Réus MANUEL ANTÓNIO DA SILVA; ANTONIO FERREIRA GONÇALVES; OSSUAME ABOL REMANE; ANTONIO MANUEL LOURENÇO O. PIRES; ADORINDA FERNANDO SEMEDO RAMALHO; FRANCISCO MATOS; ADELINA ROSA DOS SANTOS F. DA SILVA; MANUEL PEDRO CUSTÓDIO; MARIA CRISTINA S. CORREIA DE MATOS; JOSÉ ALBERTO SILVA RODRIGUES CRUZ; JOÃO PAULO MARTINS B. DA MATA; MÁRIO SABINO BATISTA BOMBA; ACÁCIO JOSÉ REBELO QUEIROZ; MARIA TERESA PEREIRA AGOSTINHO SOEIRO; MÁRIO DA COSTA BRAVO; MARIA FERNANDA MARTINS ALVES; JOÃO ADELMO MARTINS T. MOREIRA; NUNO FRANCISCO PEREIRA DA SILVA; JOÃO FEIO PINA DE MOURA, residentes em parte incerta, e cuja última morada conhecida foi na Rua Cidade Nova Edifício 13, 8.º, Antelo dos Cavaleiros — Loures; MARIA DA CONCEIÇÃO AMOS PEREIRA ALVES, cuja última residência conhecida foi no Casal Ventoso, 6 — 1.º, Lisboa; JULIETA MARIA DAS MERCEDES DO ROSÁRIO, cuja última residência conhecida foi a de Rua Sabão de Soma, 99-3.º, em Lisboa; MÁRIO BARTOLOMEU DIAS FERNANDES, Rua Tenente Ferreira Durão 64 — 2.º Dt.º, Lisboa; HÉLDER MANUEL DIAS PEREIRA, Rua Alexandre Herculano 7.º — 1.º Dt.º, em Lisboa; LUIS CORREIA DOS SANTOS — Bloco C, 54 — 3.º C. Miraflores — Corroios; MARIA PAULA CAMPOS MARÇAL VIDIGAL, cuja última residência conhecida foi a de Rua Dr. Alberto Araújo, 41 — 1.º, na Costa de Caparica; corre o prazo de OITO DIAS, findos os quais o autor da publicação de segundo anúncio, citando os Réus acima referidos para contestarem a acção, sob pena de serem imediatamente condenados ao pedido formulado pela Autora em sua petição inicial e cujo duplicado se encontra no 9.º Juízo — 2.ª Secção à sua disposição, devendo ainda, no mesmo prazo contestar, querendo, o pedido de Autêntica Judicial, formulado pela Autora.

LISBOA, ONZE DE OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS E OITENTA E QUATRO

VERIFIQUEI A EXACTIDÃO

O JUIZ DE DIREITO

a) António Luís Soares de Andrade.

O ESCRIVÃO DE DIREITO

a) António Pugas da Cruz

D.L. — 29/10/84 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALMADA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

O Dr. Mário Meira Torres Veiga, Juiz de Direito do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Almada

Faz saber que no dia 27 de Novembro próximo pelas 10 horas no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória n.º 551/84 vindos do 1.º Juízo 2.ª secção do Tribunal Judicial da Comarca de Ovar, extraição dos autos de execução sumária n.º 47/83 que a exequente F. Ramada, Agos e Indústrias SABL, move à executada SOCIEDADE METALÚRGICA FROL, Lda, com sede na Quinta da Morgadilha — Lousada — Charneca da Caparica — Monte de Caparica — Almada há-de ser posta em praça para ser vendida no maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina de escrever marca Olivetti com teclado nacional e em bom estado, da qual é fiel depositário o Sr. António Paulo Miguel, com a morada na sede da executada.

Almada, 22 de Outubro de 1984

O Juiz de Direito,

(Mário Meira Torres Veiga)

O Escrivão de Direito,

(Abílio Martins)

D.L. — 29/10/84 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL DO TRABALHO LISBOA

ANÚNCIO

O Doutor António Luís Soares de Andrade, Juiz do 9.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pelo 1.ª Secção deste Juízo, correm aos termos dos autos de habilitação de herdeiros, registados sob o n.º 67-A/83, em que é requerente Ana Maria Catarina Lopes Peres e requeridos Maria Emilia Simões da Silva Ramos e outros, e pelos autos de desconhecimento do Réu Manuel António Caldeira Faria, cuja última morada conhecida, foi na Praça Dr. Alfredo Cunha, 7-1.º, 2.º, em Lisboa, para no prazo de OITO DIAS, findos os quais o autor da publicação de segundo anúncio, citando os Réus acima referidos para contestarem a referida habilitação, sob pena de serem considerados habilitados. O pedido da requerente é o constante do requerimento inicial, cujo duplicado se encontra nesta Secção, à disposição dos cidadãos, e ser-lhe-á entregue logo que o solicite.

Lisboa, 1 de Outubro de 1984

O JUIZ DE DIREITO,

a) António Luís Soares de Andrade

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) Albertino Faria Pereira

DL — 29/10/84 — 1.ª Publicação

CP Caminhos de Ferro Portugueses

Informação

ANÚNCIO

LIMPEZA DO MATERIAL CIRCULANTE

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP numa perspectiva de melhoria da qualidade dos seus serviços, pretendem convidar os eventuais interessados a apresentarem propostas, cuja entrega dever-se-á verificar até ao próximo dia 15/11 em qualquer dos locais abaixo discriminados.

Serão facultados o Caderno de Encargos e demais documentos e informações solicitadas nos seguintes locais:

- CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.
— 1.ª ZONA DE MANUTENÇÃO — Campanhã
Rua Bom João, 870 — 4300 PORTO CODEX
— Tel. 02/561496
- CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.
— 2.ª ZONA DE MANUTENÇÃO — Entrocamento
2330 — ENTRONCAMENTO CODEX
— Tel. 049/66176
- CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.
— 3.ª ZONA DE MANUTENÇÃO — Barreiro
2830 — BARREIRO CODEX
— Tel. 2073433
- CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.
— 4.ª ZONA DE MANUTENÇÃO — Campolide
1294 LISBOA CODEX
— Tel. 688443
- CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP.
— 5.ª ZONA DE MANUTENÇÃO — Coimbra
Estação de Coimbra-B
3000 COIMBRA CODEX
— Tel. 039/35238



O melting pot americano

O cozinhado humano que fervilha no «Melting Pot» dos Estados Unidos tomou um sabor mexicano, mas mantém-se uma mistura complexa, com 155 nações ou entidades na lista das pátrias dos residentes norte-americanos de diversas nacionalidades. Portugal ocupa nessa lista a 14.^a posição entre 155 países com 211 614 portugueses residentes nos Estados Unidos imediatamente antecedido pelo Japão, 221 794 e pela Grécia, com 210 993.

ONHECIDA desde há muito como a «nação das nações», a população dos Estados Unidos provém primariamente da emigração ocorrida nos dois últimos séculos.

Primeiro centrada na Europa do Norte e Ocidental, o influxo dos emigrantes alargou-se, passando a incluir a Europa do Sul e a Europa do Leste no século passado, a que mais tarde se vieram juntar muitos asiáticos.

Actualmente, o maior influxo de novos residentes está a chegar dos países vizinhos neste hemisfério, nomeadamente do México.

Os números apresentados pelo Departamento de Censo revelam a existência de 14 079 906 residentes nos Estados Unidos naturais de outros países, incluindo 2 199 221 do México.

O actual total de origem mexicana deverá ser ainda mais elevado, se se tomar em consideração a relutância de muitos emigrantes, especialmente os chegados ilegalmente, em cooperar

com as autoridades governamentais responsáveis pelo seu recenseamento.

Para além disso, o fluxo de mexicanos e outros, tanto legal como ilegal, prosseguiu desde essa altura.

Algumas estimativas adiantam que, o total de estrangeiros entrados ilegalmente no país poderá ser superior a 4 milhões, embora nem todos sejam do México.

O Departamento do Censo contou mais de 14 milhões de norte-americanos de ascendência hispânica, dos quais 60 por cento têm as suas raízes no México, mas muitos desses são já norte-americanos por nascimento.

Os mexicanos são mais do que o dobro do segundo maior grupo de residentes estrangeiros nos Estados Unidos — os alemães. Vivem nos Estados Unidos 949 384 cidadãos nascidos na Alemanha, de acordo com a contagem do censo.

Ao contrário dos mexicanos, a grande maioria dos alemães chegou aos Estados Unidos nos anos anteriores e subsequentes à

Segunda Guerra Mundial e apenas 6 por cento deste total chegou desde 1975.

Mas, além dos residentes nascidos na Alemanha, cerca de 49 milhões de norte-americanos têm raízes naquele país, tornando assim o segundo maior país de origem dos norte-americanos.

Só é ultrapassado pelos 50 milhões de norte-americanos que revelaram ter um ou mais antepassados provenientes da Grã-Bretanha.

Na lista dos actuais residentes nascidos fora dos Estados Unidos, o Reino Unido surge em quinto lugar, totalizando 669 149.

Esse total inclui 442 499 pessoas nascidas na Grã-Bretanha, 142 001 da Escócia e o restante da Irlanda do Norte, da ilha de Man e das ilhas do canal da Mancha.

À frente dos britânicos na contribuição para os actuais residentes norte-americanos figura o Canadá, 842 859 naturais que se deslocaram para Sul e a Itália, que enviou 831 922 dos seus cidadãos para este país.

Na lista dos dez mais con-

tribuintes e residentes nascidos em países estrangeiros, encontra-se Cuba, 607 814; Filipinas, 501 440; Polónia, 418 128; União Soviética, 406 022; e Coreia, 289 855.

O actual total para Cuba é mais elevado do que o apresentado pelo censo, porque as estatísticas estão baseadas na contagem de 1980, efectuada antes da chegada de um grande influxo de naturais desse país.

No fim da escala, o cidadão estrangeiro mais difícil de encontrar é provavelmente alguém de Madagáscar.

O censo contou apenas 419 residentes norte-americanos que nasceram nessa ilha da costa de África.

Outros países com uma representação bastante pequena na actual população norte-americana incluem o Burundi, 470, Anguilla 477, e o Malawi, 502.

A Califórnia, o Estado com maior população, tem também a maior fatia dos naturais de outros países, incluindo 1 277 969 dos mexicanos contados.

O Texas foi a segunda escolha entre os mexicanos, com 498 181.

Os naturais da Alemanha, por outro lado, têm a sua maior representação em Nova Iorque, 134 991, ao passo que a Califórnia está em segundo com 112 673.

Os italianos concentraram-se também em Nova Iorque, enquanto canadianos e britânicos preferiram a Califórnia.

Os cinco Estados com maior presença de residentes nascidos no estrangeiro são a Califórnia, 3 580 033, Nova Iorque, 2 388 938, Florida 1 058 732, Texas 828 213 e o Illinois 823 969. ■

Só entre nós

Deleuze, Guattari, Châtelet: o asilo político é só um

A questão da extradição e das expulsões de bascos refugiados em França levou os intelectuais Gilles Deleuze, Félix Guattari e François Châtelet a tornarem pública, através do «Nouvel Observateur» de 19/25 de Outubro, uma carta de interpelação ao governo de François Mitterrand. «Mais graves que os factos e que as circunstâncias deste caso — dizem os signatários — parecem-nos ser a ligeireza e a inconsistência, para não dizer o cinismo, dos argumentos sobre os quais se tentou fundá-los. Até agora, o direito de asilo era considerado (em França) como um direito fundamental. Nisto, o nosso país distinguia-se de numerosas outras potências que não o reconhecem, ou o reconhecem apenas no papel. A questão da gravidade dos crimes, invocada pelos países que pedem a extradição, não deve entrar em linha de conta. Importam somente: 1.º o carácter político de imputação; 2.º o facto de nenhuma actividade delituosa ser atribuível às pessoas em questão, no país que os acolhe.»

E Deleuze, Guattari e Châtelet prosseguem:

«Que se tenha posto o direito de asilo na balança das relações entre Estados, é, já por si, algo que leva longe. Mas que ainda por cima, isso tenha sido feito em nome da Europa e da democracia, eis o que é ir verdadeiramente longe de mais. (...) Que Europa se pretenda construir com tais procedimentos? A das liberdades, ou a do controlo social e da segurança erigidos em culto supremo?»

Os signatários defendem «a preservação do mosaico das ideias, das convicções e dos particularismos; o refúgio e mesmo uma forma de «perdão condicional» para crimes e aberrações políticas (desde que nada possa ser censurado aos interessados pela sua prática no país de acolhimento)».

Primeira mão

A Embaixada do Afeganistão em Paris tornou do domínio público um protesto contra o facto de a libertação, em Kabul, do jornalista francês Jacques Abouchar, ter sido anunciada em primeira mão, em Moscovo, por um membro do Politburo. Foi, com efeito, Boris Ponomarev quem, na quinta-feira, confirmou a parlamentares franceses de visita a Moscovo que a libertação do jornalista, recentemente condenado a 18 anos de prisão, estava «imminente». O «Le Monde» tinha, entretanto, publicado um «dossier» sobre a questão Abouchar, revelando que os protestos e as exigências de libertação estavam a ser directamente dirigidos para a capital soviética, porque mais vale falar «com Deus do que com os seus santos».

Outro «black hole» algarvio

É já amanhã que o responsável máximo da associação dos hoteleiros algarvios, Cabrita Neto, se encontra com jornalistas para lhes fornecer mais pormenores sobre a falência, agora conhecida, de vários operadores turísticos britânicos como a Portugal Hollidays, a Venture, a Budget e a Exel. Ao que parece, estas falências provocam mais um «buraco negro» avaliado num mínimo de 200 mil contos, na região algarvia.

Novo «badget»

Alguns jovens entusiastas da candidatura Pintasilgo, desejosos de inventar uma forma discreta de apoio público à antiga primeira-ministra, mas um apoio público suficientemente discreto para não «assustar» aqueles que não desejariam, de momento, ultrapassar a fase do «constat d'accord», estariam a criar um emblema simples, que pode trazer-se na lapela, na gravata ou num lenço de pescoço. O emblema seria, apenas, a silhueta do pássaro homónimo da possível candidatura... de asas abertas e voando, claro está.



Na escola que abre os alunos entram, transpirando ainda ao bulício das férias, irrequietude e força a continuar tempo livre. Encontros, reencontros, conhecimentos novos, beijos, pulos, palavras à toa, sorrisos. E histórias. Muitas histórias com pouco discurso lá dentro. Muito gesto, muitas asas a abrir, a baloiçar no pátio da escola, que ondeia até ao toque que, por si só, envia para as salas o mar, que há pouco era vaivém. Repartiu-os o toque da campainha, distribuiu-os, canalizou-os para os seus lugares, dividindo a grande maré, com ritmos e compassos, aparentemente semelhantes.

A câmara dos olhos a focalizar tudo e todos, ou, se absortos, nada e ninguém.

A manhã vai-se enchendo também de claridade. O Sol relampeja toda a sua luz. E está lá fora. Vê-se pelas janelas, janelas largas que separam a manhã, porque lá fora o dia é mais aceso. No Monte, os namorados entrelaçam-se mais. As raparigas enfeitam-se com laços a sorrir no cabelo e nos olhos ensolarados. Os carros passam com pressa de chegar, não se sabe aonde, e lembram lugares da memória. Há mulheres largas que passam com varizes e sacos cheios de muito pouco, crianças fugidias escondem-se de esfarrapados desejos...

O espaço reduz-se. As ondas agora são alunos do ano e turma tal, com o n.º tal. No corpo, no olhar, na roupa, trazem penduradas as molas da educação que tiveram, dos beijos que lhes deram ou que lhes recusaram (as ausências abrem brechas no olhar e oscilações na voz). Nalguns a rebeldia a pulular, a insistir na provocação, embrulhando a timidez a indife-

Recomeço

Outubro. As aulas começam. A Televisão, a Rádio, os jornais falam do início do ano escolar. Escolas que abriram, escolas que não abriram, escolas que vão abrir. As imagens passam já vistas, o som já gasto, a fotografia repetida do jornal é de repente, com tudo o resto, lançada ao caixote do lixo. Tudo parece acomodar-se quando muita coisa recomeça...

rença, a vergonha e o medo.

Há meninas que aprendem a baixar os olhos, a confundir o rubor das faces com o rouge, posto um pouco às escondidas. Há rapazes que crescem na esperança, embora já sem ela.

Olhando melhor...

Olhando melhor, vê-se aquela gaita que é feminista, aquele amante dos filmes de cow-boys e que diz, com voz inchada, já ser machista, aquele que tem olhar ausente e não se sabe porque, aquele que se esconde sempre dos livros e não tem má memória, aquele que ensurdece perante alguns professores, aquele que foge dos encontros amedrontados da mãe com o director da turma, aquele que só no fim do ano se revela, aquele que não tem jeito para nada e parece infeliz, aquele que lança palavras ao desbarato para esquecer silêncios, que não quer, aquele que confunde o professor com o pai porque é comum a ameaça, aquele que foge da sala, quando toca, apenas porque tem fome, aquela que tudo decora e tudo esquece, aquele que

passeia os cadernos em repetidas viagens à deriva, aquela que trabalha com afinco e tenta esquecer o possível premir dos botões das bombas nucleares, aquela que vem sempre cansada e não diz porque, aquele que quer ser sempre o primeiro e já tem alcinha, aquele que modifica porque o corpo se transforma, aquela que chora os seus limites na entrega de negativas, aquele que nunca tem dúvidas porque tudo lhe parece igual...

Que mar é este, que tão revoltado e disperso está?

Acompanha-o o andar da professora, que também vê as janelas que sente o sol a esquentar lá fora e não quer a manhã repartida.

O toque

O toque de entrada também foi para ela e para muitos que já conheceu: para aquela professorinha que, muito jovem e magrinha sentia vergonha de entrar na sala de professores, para aquela professora idosa que odiava ser chamada por «senhora dona», para aquela rebolona que chamava selvagens a tudo e a todos, para aquela loira com trejeitos de actriz ainda não estreada, para aquela que contava as doenças todas, dos familiares todos, que conseguiram apanhar a doença toda, para aquelas que planeavam virgens viagens com as brandas colegas da branca solidão, para aquela que conta os minutos na tarefa que pede horas, para aquela que, sem ler poesia, a presente, para aquela que ventila os pensamentos para desppoletar palavras, para aquela que sua de cansaço para criar vontade de ter vontade, para aquela que conta insistentes infortúnios das repetidas faltas da empregada, para aquela que viaja em porto por si seguro, para aquele folgazão que chama burros aos alunos, chalaçando pardacentos gestos, para aquela que olha para o relógio, sempre com pressa de mudar o espaço

da sua cavaqueira, para aquele que sente a nostalgia do seminário ainda a amordaçá-lo, para aquele que, ainda estudante, procura anúncios de empresas, onde teria situação menos parca e mais gordo vencimento, para aquele que, já velho, lamenta irreversível também a reforma que não rejuvenesce, para aquele que luta para a vitória de um partido e vê o seu mundo repartido para aquele que detesta e come económicas comidas gordurosas a tresandar desgaste do organismo, para aquela que é mãe de filhos entregues à distância da avó, para aquele que, em quarto sozinho, sonha com ternuras e macias sopas caseiras, para aquela que desnuda segredos e frequentes desaires conjugais, para aquela que ainda parece aluna e já aprendeu a viver e a rejeitar dias mortos, para aquele que não domina a matéria e esconde seguro a sua insegurança, para aquela que exige de si própria constante evolução, para aquele que não se demite e contribui com o seu trabalho...

...Para todos os que entendem a sua voz ou a calam com silêncios acusatórios.

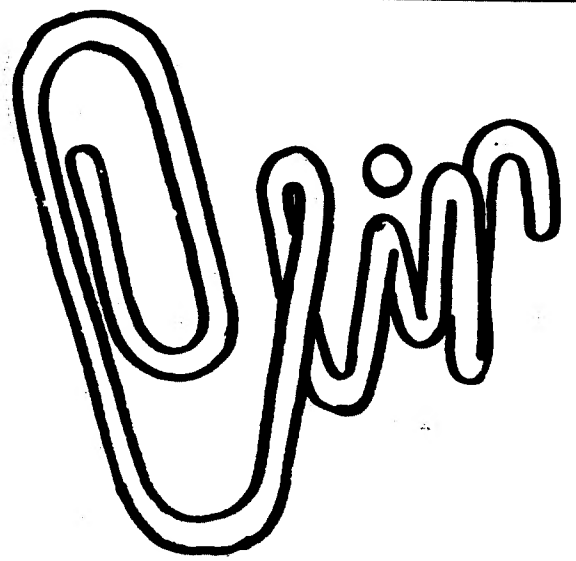
E todos amamos as manhãs com sol. Mesmo os que não sabem, não podem, não querem dizer ou ainda não tiveram tempo para olhar para os lugares e as palavras que o sol ilumina.

Antes de cada toque de saída, é necessário que toda a gente sinta fecundar-se a voz nos olhares que apontam para o futuro, com uma enxurrada de lembranças, desejos, vivências, onde as interrogações surgem com dúvidas que desassossegam.

Converge aqui toda esta multidão de rostos com imagens tão diversas. Porquê? Para quê?

Desfeito o ericar das ondas, aprenda cada um o seu papel.

Dolores Garrido, Escola Secundária de Gondomar



● Porque não começar a semana com música? Essa é a sugestão que aqui lhe deixamos. Se a aceitar, não perca o concerto que esta tarde, às 18 e 30, tem lugar no Grande Auditório da Gulbenkian. Três irmãos — Barthovil Kvijsen (flauta), Sigiswald Kuijken (violino) e Wieland Kuijken (violoncelo) — interpretam as sonatas para flauta, violino e violoncelo de Haydn. Os instrumentos são da época. À noite, pelas 22 e 45, basta-lhe ligar a televisão e ouvir e ver a transmissão, no 2.º canal, da Missa Solene de Beethoven interpretada pela Orquestra Sinfónica de Berlim, dirigida por Von Karajan. Depois, espere por quinta ou por sexta-feira para mudar de tom e vá até ao Rock Rendez-Vous onde estão os Go Graal Blues Band, ou então ao Coliseu dos Recreios onde a noite de sexta-feira é preenchida por danças e música da Ásia Central, interpretadas pelo grupo Sakhor do Uzbequistão.

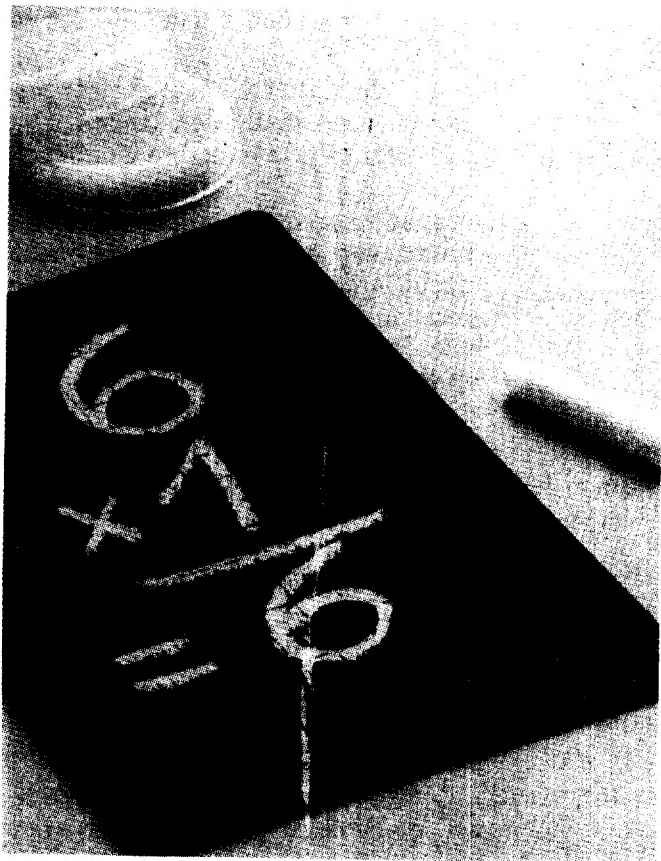
● Não se esqueça, entretanto, que já estrearam, em Lisboa, dois filmes que merecem uma deslocação ao cinema. São eles «Paris, Texas» de Wim Wenders e «A Balada de Narayama» de Sohei Imamura. Ambos obtiveram a Palma de Ouro do Festival de Cannes de 84 e 83, respectivamente. Para além de Wenders, o primeiro filme tem ainda a seu favor dois outros nomes: Nastassia Kinski e Sam Shepard. No Quarteto, os fins de noite são dedicados a Truffaut, o realizador há pouco desaparecido, de quem são os filmes a ser exibidos: hoje — «A História de Adele H», amanhã — «Na Idade da Inocência» e quarta-feira — «O Homem que Gostava de Mulheres». Hoje à meia-noite pode ainda ver, no Quinteto, «Contos da Loucura Normal» de Marco Ferreri com Ben Gazzarra e Ornella Muti. Na quarta-feira, no City-Cine, é a vez do «Soldado Azul» de Ralph Nelson, às 23 e 45. Também no City-Cine é exibido, à mesma hora de sexta-feira, um outro filme «velhinho»: «Por Favor não me Mordas no Pescoço» de Polanski. Antes, às 21 e 45, pode ver no AR.CO, «Trans-Europa Express» de Alain Robe-Grillet.

● «Nanas de Espinas» é a última peça da Mostra de Teatro Espanhol presente em Lisboa desde o princípio do mês. «Nanas de Espinas», que está no D. Maria II até quarta-feira, é levada à cena pela Companhia La Cuadra de Sevilla. A peça é uma criação de Salvador Tavora sobre «Bodas de Sangue» de García Lorca. Quanto ao teatro português, estão também na sua recta final as peças «Aurora da Minha Vida» pelo Teatro Experimental de Cascais e «Simpatia» pela Cornucópia.

PARIS, TEXAS



NASTASSJA KINSKI



doces crónicas

O NUNES ANDAVA MUITO MELHOR! OH! SE ANDAVA! ANTIGAMENTE ERA QUEZILENTO! MAL-HUMORADO! NÃO SE LHE PODIA FALAR EM CERTOS ASSUNTOS QUE ELE EXPLODIA LOGO! AGORA NÃO! AGORA O NUNES ANDA MUITO CALMO, COM-
PRENSIVO ATÉ!



ONTEM, JÁ NÃO AGUENTANDO MAIS, PERGUNTEI-LHE:



"MAS OH NUNES O QUE TU FIZESTE QUE ANDAS MUITO MELHOR, FIZESTE UM TRATAMENTO AOS NERVOS??"



E O NUNES DEU UMA VOLTA À CABECA E DISSE: "ANDO A FAZER UM TRATAMENTO QUASE INFALÍVEL, QUE O MEU MÉDICO ME INDICOU!"
"E QUE TRATAMENTO É ESSE TÃO EFICAZ?" PERGUNTEI-LHE!



O NUNES FEZ UM COMPASSO DE ESPERA A SABOREAR E DISSE: "AFINAL É UM MÉTODO USADO POR MILHARES DE PORTUGUESES, (OS QUE PODEM) E MUITO SIMPLES, PASSEI A IR AO FUTEBOL TODOS OS DOMINGOS, GRITO LÁ O QUE QUERO E COMO QUERO, É MELHOR E MAIS BARATO DO QUE IR AO PSICANALISTA, DEPOIS JÁ PASSO MELHOR O RESTO DA SEMANA!"



Soviéticos pretendem construir aeródromos na Antártida

Um grande grupo de cientista e especialistas integrados na 30.ª expedição antártica soviética partiu na semana passada de avião para o sexto continente, informa a «Tass». O avião, tipo «IL-18 D» (destinado a voos prolongados e especialmente equipado) partiu do aeroporto leninegradense de «Pulkovo» pela rota «Leninegrado-Odessa-Aden-Maputo» rumo ao observatório (Molodijnaia), localizado na terra de Enderbi, onde se encontra o único aeródromo do mundo com pista feita de neve e gelo e capaz de receber aeronaves pesadas.

No próximo mês e meio, cerca de 250 exploradores polares serão transportados, em voos ininterruptos, de Maputo para a Antártida pela ponte aérea.

Estas 250 pessoas constituem a quase metade da nova expedição — disse ao correspondente da «Tass» Aleksandre Khohlov, vice-director do Instituto de Investigações Científicas do Ártico e Antártico e dirigente do voo. Os demais membros da expedição chegarão à Antártida nos navios da expedição que partirão de Arcangel, Leninegrado e Vladivostoque.

«As vantagens do transporte aéreo da expedição — conti-

nuou Aleksandre Khohlov — tornam-se evidentes, se levarmos em conta que os exploradores polares poderão iniciar investigações e expedições locais no período mais favorável do curto Verão antártico».

Aproveitando a experiência do aeródromo da «Molodijnaia», especialistas soviéticos resolveram criar uma série de pistas de aterragem semelhantes nos observatórios e estações científicas soviéticas.

Já terminou a construção da pista de aterragem da neve e gelo na estação «Novolazariievskaja» (Terra da Rainha Maud). Planeia-se construir aeródromos no «pólo do frio» do planeta — estação «Vostok» que se encontra no interior do continente —, bem como na base geológica «Soyuz» localizada no litoral do mar do Weddel. Estas pistas de aterragem permitirão não só melhorar o sistema de transportes na Antártica, como também, no futuro, utilizar aeronaves pesadas como laboratórios aéreos.

Segundo o programa da 30.ª expedição soviética planeia-se realizar uma série de voos «Leninegrado—Molodijnaia» ainda em Fevereiro próximo. ■

sete sete

MENSAGENS PESSOAIS

Dactilografia

Aceito trabalhos de dactilografia. Vou buscar e entregar. Contatar: Luís Miguel, telf: 229 19 41, a partir das 21h, ou 32 02 71, a partir das 17h.

Estirador

Precisa-se para estudante de arquitectura com fracos recursos financeiros. Haverá por aí algum arrumado no sótão a precisar de vida, que fique mais baratinho? Rui Fernandes. R. Diogo Paiva de Andrade, n.º 18 - 1.º - F. 2800 Almada. T. 2762212.

Amplificador

Compro amplificador de fotografia. António João Barbosa, Rua Cidade João Belo, n.º 4, 3.º, Dt.º. T. 315438.

«Seara Nova»

Anos de 1962 a 1971 troco por 1.º volume de «O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico», de Ferdinand Braudel. Edição portuguesa. Telefone 57 45 97, depois das 18 horas.

Coleccionador oferece 1000\$00

Por exemplar n.º 59, ano 1975, do «Mundo de Aventuras», em bom estado. Contatar: José Reis. Telefone 01/2295064 (a partir das 20.00).

Discos clássicos

Troco ou vendo. Novos: Mozart, Concertos piano 25 e 19, DG / Abbado / Serkin; Bruckner, 7.ª Sinfonia; Bartok, Sonata para 2 pianos e percussão, Cantata Profana; Liszt, Rapsódias Húngaras (4 discos), Concertos piano 1 e 2; Janacek, Ópera da Casa da Morte; Marais, Suites para flauta de bisel. Em bom estado: Piano Chopin, Liszt, Beethoven, Rachmaninov. Telf: 889576 ou 2868645.

Quarto mobilado

Em Oeiras, aluga-se a senhora empregada ou menina estudante, em casa de senhora só, sem mais hóspedes. Prédio novo com elevador, próximo estação CP e liceu. Favor contactar para o Tel. 2430894.

Anfar vende-se

5 assoalhadas em Vialonga. Preço 3000 contos. Empréstimo já concedido com juro bonificado. Pretende-se entrada de 300 contos. Contatar depois das 19h o Telefone: 897522.

Apartamento procura-se

Jovem casal de professores pretende alugar apartamento na zona de Lisboa, preço acessível, por um período de um a dois anos. Enviar resposta para Irene Cunha, Rua Cidade de Quelimane, 21, 7.º Esq. — 1800 Lisboa ou contactar Telefone 316367.

Andar

Em Serra das Minas / Rio de Mouro, com 3 assoalhadas, arrecadação. Facilito entrada. Telf. 9213082 depois das 20.00 (Maria Augusta).

Vendas

Gosta de venda directa na provincia em equipa. Telf: 2216781.

Professora / Explicadora

Professora de português, inglês e alemão procura colocação em qualquer regime de horário ou dá explicações (vai a casa dos alunos se necessário). Contatar pelo Telefone 950981.

Pedagogo

Licenciado em Ciências Educação oferece-se para o desempenho, em part-time ou full-time, de funções compatíveis em jardins de infância e escolas de outros graus de ensino ou desempenho de actividades culturais, ocupação de tempos livres e apoio às escolas em câmaras municipais. Rua Vale do Milho, 44 — 2725 Algueirão. Tel: 9210419.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.